

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS - FCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA - PPGE

Rogério Luis Reolon Anése

ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS E CAPITAL SOCIAL NO VALE DO
JAGUARI/RS

Porto Alegre
2009

Rogério Luis Reolon Anése

ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS E CAPITAL SOCIAL NO VALE DO
JAGUARI/RS

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, com ênfase em Economia do Desenvolvimento.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Alice Lahorgue

Porto Alegre
2009

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Responsável: Biblioteca Gládis W. do Amaral, Faculdade de Ciências Econômicas
da UFRGS

A 579a

Anése, Rogério Luis Reolon

Arranjos produtivos locais e capital social no Vale do Jaguari/RS /
Rogério Luis Reolon Anése. – Porto Alegre, 2009.
123 f.: il.

Orientadora: Maria Alice Lahorgue.

Ênfase em Economia do Desenvolvimento.

Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-
Graduação em Economia, Porto Alegre, 2009.

1. Desenvolvimento local: Vale do Jaguari, Região (RS). 2. Arranjos
Produtivos: Vale do Jaguari, Região (RS). Capital social: Vale do
Jaguari, Região (RS). I. Lahorgue, Maria Alice. II Universidade Federal
do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa
de Pós-Graduação em Economia. III. Título.

CDU 330.54
332.133.6

Rogério Luis Reolon Anése

**ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS E CAPITAL SOCIAL NO VALE
DO JAGUARI/RS**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, com ênfase em Economia do Desenvolvimento.

Aprovada em Porto Alegre _____ de _____ 2009.

Prof. Dra. Maria Alice Lahorgue – Orientadora
UFRGS

Prof. Dr. Hélio Henkin – Examinador
UFRGS

Prof. Dr. Pedro Silveira Bandeira – Examinador
UFRGS

Prof. Dr. Paulo Ricardo Feistel – Examinador
UFSM

*Nada é por acaso..
Nada é solitário...
Tudo progride... se faz...
Com alguém ao lado.*

Para Suzana e Nicolás

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Prof^a. Maria Alice Lahorgue, minha orientadora, que soube ser paciente nos momentos em que parecia não poder realizar este trabalho.

Ao demais professores e funcionários do PPGE, pelo apoio, incentivo e saberes transmitidos durante todos os anos do curso. Aos colegas de turma, pela união e companheirismo nos momentos difíceis e alegres, em especial a Julia, José Antonio, Pedro Almeida, Ecléia e Rosa, com os quais dividi angústias e conhecimentos.

A CAPES, pela bolsa de estudo, que sem esta não haveria possibilidade de realizar o curso. A FAPERGS pelo financiamento do projeto de pesquisa para medir o capital social no Vale do Jaguari, fonte dos dados para realização deste trabalho.

À direção, colegas e funcionários da URI-Campus Santiago/RS, pelo apoio e estímulo durante a execução desse trabalho, em especial a Prof^a, Simone Bochi Dorneles e o Prof. Weligton Rogério Zanini pela coordenação do projeto junto a FAPERGS e pelo incentivo nos momentos difíceis. Aos colegas do Instituto Farroupilha – Campus de São Vicente do Sul, pela compreensão nos últimos meses em que praticamente me afastei para concluir o trabalho.

A Suzana e o Nicolas que estiverem sempre ao meu lado, sentido as ausências mesmo estando presente e as privações materiais e de companhia, durante o tempo que residimos em Porto Alegre para cursar os créditos e qualificar o projeto e, depois, durante a realização da tese.

Aos meus familiares e amigos pelo incentivo e pelas orações que abriam caminhos para a realização e a conclusão. Em especial, para meu pai Achilles e mãe Gelci pelo incentivo e ensinamentos que me fizeram acreditar que tudo é possível.

Agradeço, por fim, a Deus pela oportunidade de viver e pela inspiração.

RESUMO

Nas últimas décadas, as teorias de desenvolvimento passaram por um processo de transformação engendrado pelas mudanças nos padrões de produção e consumo, com a emergência do modelo de produção flexível ou pós-fordista. Estas mudanças levaram a uma emergência e reinvenção do local como espaço de desenvolvimento e, evidenciam o papel central das inovações, do conhecimento e do aprendizado interativo como fatores da competitividade sustentada e desenvolvimento local. Neste sentido, as localidades devem ser vistas como espaços ativos dotados de cultura, história, recursos humanos, recursos sociais e materiais diferenciados, e podem com a organização e dinamização destes fatores definir os rumos do desenvolvimento de maneira endógena e sustentável. É neste contexto que se propõe a presente tese, que busca identificar as condições sociais, através do Capital Social e, econômicas com a identificação dos setores industriais da Região do Vale do Jaguari/RS. Para tanto, foi calculado o Índice de Capital Social através das dimensões propostas pelo Banco Mundial e, com isso, pode-se inferir de que forma este capital pode impulsionar ou obstaculizar a expansão sólida dos setores industriais e torná-los Arranjos Produtivos Locais (APLs). As análises mostraram que em alguns municípios o Capital Social, pode realizar o papel de construir o entorno inovador para as empresas, e estas, ganharem competitividade para se inserir no contexto da competição global.

Palavras-Chave: Desenvolvimento Local. Capital Social. Inovação Localizada.

ABSTRACT

In the last decades, the development theories had passed for a process of transformation produced for the changes in the standards of production and consumption, with the emergency of the model of flexible production or after-fordista. These changes had taken to an emergency the place as development space and, evidence the central paper of the innovations, the knowledge and the interactive learning as factors of the supported competitiveness and local development. In this direction, the localities must be seen as active spaces endowed with culture, history, human resources, differentiated social and material resources, and can with the organization and dynamization of these factors define the routes of the development in endogenous and sustainable way. It is in this context that if considers the present thesis, that it searches to identify the social conditions, through Social Capital e, economic with the identification of the industrial sectors of the Region of the Vale do Jaguari/RS. For in such a way, the Index of Social Capital through the s was calculated dimensions proposals for the World Bank and, with this, it can be inferred of that it forms this capital it can stimulate or hinder the solid expansion of the industrial sectors and becomes them Local Productive Arrangements (APLs). The analyses had shown that in some cities the Social Capital, can carry through the paper to construct “entorno” innovative for the companies, and these, to gain competitiveness to insert themselves in the context of the global competition.

Keywords: Local development. Social Capital. Located Innovation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 2.1 - Economias de aglomeração e eficiência coletiva ativa e passiva.....	21
FIGURA 2.3 - Tipologia dos sistemas locais de produção	26
FIGURA 3.1 - Mapa de localização do Vale do Jaguari	36
FIGURA 3.2 - Vale do Jaguari - PIB per capita	41

LISTA DE QUADROS

QUADRO 2.1 - Desenvolvimento concentrado e desenvolvimento endógeno.....	18
QUADRO 2.2 - Matriz das tipologias dos sistemas locais de produção	27
QUADRO 2.4 - Formas de capitais intangíveis determinantes do processo de desenvolvimento local.....	34
QUADRO 4.1 - Tamanho da amostra	46
QUADRO 4.2 - Questões para a dimensão Grupos e Redes.....	49
QUADRO 4.3 - Questões para a dimensão Confiança e Solidariedade.....	50
QUADRO 4.5 - Questões para a dimensão Informação e Comunicação.....	51
QUADRO 4.6 - Questões para a dimensão Coesão e Inclusão Social	52
QUADRO 4.7 - Questões para a dimensão Autoridade ou Capacitação e Ação Política	53
QUADRO 5.1 - Vale do Jaguari - matriz de Suzigan para identificação de APLs	75
QUADRO 5.2 - Vale do Jaguari - características dos APLs	76

LISTA DE TABELAS

TABELA 3.1 - Vale do Jaguari - população total e taxa de crescimento	37
TABELA 3.2 - Vale do Jaguari - indicadores de escolaridade - 2000.....	38
TABELA 3.3 - Vale do Jaguari - IDESE.....	39
TABELA 3.4 - Vale do Jaguari - PIB total crescimento médio anual	39
TABELA 3.5 - Vale do Jaguari - PIB per capita e crescimento médio anual	40
TABELA 3.6 - Vale do Jaguari - estrutura do Valor Adicionado Bruto(VAB) - 2006 ..	41
TABELA 3.7 - Vale de Jaguari - empregos por setor de atividade – 2007	42
TABELA 3.8 - Vale de Jaguari - empresas por setor de Atividade – 2007	43
TABELA 5.1 - Vale do Jaguari - índice de capital social (ICS-VJ).....	56
TABELA 5.2 - Vale do Jaguari - freqüência anual de participações nos grupos	57
TABELA 5.3 - Vale do Jaguari - relações democráticas e atuação do líder	58
TABELA 5.4 - Vale do Jaguari - interação com outros grupos	59
TABELA 5.5 - Vale do Jaguari - índice da dimensão grupos e redes.....	59
TABELA 5.6 - Vale do Jaguari - confiança nas pessoas e instituições	61
TABELA 5.7 - Vale do Jaguari - índice da dimensão confiança e solidariedade.....	62
TABELA 5.8 - Vale do Jaguari - participação em atividades comuns.....	62
TABELA 5.9 - Vale do Jaguari - índice da dimensão ação coletiva e cooperação	63
TABELA 5.10 - Vale do Jaguari - índice da dimensão informação e comunicação...	64
TABELA 5.11 - Vale do Jaguari - não acesso a serviços	65
TABELA 5.12 - Vale do Jaguari - índice da dimensão coesão e inclusão social.....	66
TABELA 5.13 - Vale do Jaguari - como você se considera.....	67
TABELA 5.14 - Vale do Jaguari - honestidade dos agentes públicos	68
TABELA 5.15 - Vale do Jaguari - índice da dimensão autoridade e ação política.....	69
TABELA 5.16 - Vale do Jaguari - QL dos setores industriais	69
TABELA 5.17 - Vale do Jaguari - empregos no setor de alimentação e bebidas - 2007	71
TABELA 5.18 - Vale do Jaguari - empregos no setor de couros e calçados - 2007 ..	73
TABELA 5.19 - Vale do Jaguari - empregos no setor de madeira e móveis - 2007 ..	74

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DESENVOLVIMENTO LOCAL, INOVAÇÃO LOCALIZADA E CAPITAL SOCIAL	15
2.1 DESENVOLVIMENTO LOCAL OU ENDÓGENO	17
2.2 ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS E INOVAÇÃO LOCALIZADA	19
2.3 CAPITAL SOCIAL	28
3 CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO DO VALE DO JAGUARI	36
3.1 ESTRUTURA PRODUTIVA	39
4 METODOLOGIA	45
4.1 MENSURAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL	45
4.1.1 Definição da Amostra	46
4.1.2 Cálculo do Índice de Capital Social – ICS	46
4.1.3 As Dimensões do Banco Mundial	48
4.1.4 Peso das Dimensões	53
4.2 IDENTIFICAÇÃO DOS SETORES ESTRATÉGICOS	54
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	56
5.1 O CAPITAL SOCIAL NO VALE DO JAGUARI	56
5.1.1 Grupos e Redes	57
5.1.2 Confiança e Solidariedade	60
5.1.3 Ação Coletiva e Cooperação	62
5.1.4 Informação e Comunicação	63
5.1.5 Coesão e Inclusão Social	64
5.1.6 Autoridade ou capacitação e ação política	66
5.2 IDENTIFICAÇÃO DOS SETORES COMO POSSÍVEIS APLS	69
5.2.1 Setor de Alimentação e Bebidas	70
5.2.2 Setor de Couros e Calçados	72
5.2.3 Setor de Madeira e Móveis	74
5.3 CONSOLIDAÇÃO DOS ARRANJOS PRODUTIVOS E O CAPITAL SOCIAL	76
6 CONCLUSÃO	82
REFERÊNCIAS	86
ANEXO A - QUESTIONÁRIO APLICADO NO VALE DO JAGUARI	92
ANEXO B - RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS	103
ANEXO 3 - VARIÁVEIS DAS QUESTÕES PARA CADA DIMENSÃO	121

1 INTRODUÇÃO

O processo de desenvolvimento e crescimento econômico experimentado pela economia brasileira do pós-guerra até o fim da década de 70, está fundamentado na rápida industrialização, via substituição de importações, e na sustentação de um modelo com a presença de três peças importantes: o capital estatal, o capital privado interno e o capital externo. Este modelo propiciou a constituição de um parque industrial integrado e dinâmico, entretanto com uma forte concentração espacial da renda e das atividades industriais na Região Sul e Sudeste do país.

No Rio Grande do Sul, a atividade produtiva e industrial também se concentrou num espaço regional, compreendido no eixo Porto Alegre-Caxias do Sul, além da região Norte do Estado, deixando uma vasta região no sul e oeste do estado – a chamada Metade Sul do estado do RS - com baixos índices de desenvolvimento, renda *per capita* e outros indicadores econômicos e sociais, apesar da instituição de programas públicos para a reconversão produtiva e desenvolvimento econômico.

Neste contexto situa-se a microrregião do Vale do Jaguari/RS, formada por nove municípios e com forte presença das atividades agrícolas na estrutura produtiva. Considerando-se, os novos enfoques para entender o desenvolvimento regional e local, principalmente com o aprimoramento do conceito de “desenvolvimento endógeno” e o ressurgimento da questão territorial nas teorias de desenvolvimento e crescimento, a região tem buscado alternativas de desenvolvimento que levem em conta as potencialidades locais.

Entretanto, estas alternativas encontram obstáculos para a sua concretização, por alguns fatores, como a falta de identificação estratégica do setor (ou setores) capaz de gerar efeitos multiplicadores sobre o restante da economia e construção dos projetos com abrangência municipal (exceção do consórcio de turismo) e isso acaba gerando competição e não cooperação entre os municípios.

Outra questão importante é a dispersão geográfica, a heterogeneidade (quanto ao tamanho, nível tecnológico, capacidade de inovação) das atividades industriais existentes o que dificulta a cooperação entre as empresas e, com isso, a consolidação de APLs. Soma-se a isso, a pouca participação das instituições locais

na formatação de um projeto único que contemple toda a região. Cada instituição ou município acaba discutindo seu próprio projeto, em parte pela falta de uma visão de longo prazo para a região.

Cabe destacar que as instituições de abrangência regional (universidades, instituto tecnológico, Corede, etc.) não foram capazes de articular e servir de mediadores no processo de construção de projetos comuns. Não se construiu de maneira adequada a governança do processo. Neste sentido, a falta de um projeto estratégico de médio e longo prazo, faz com que a região acabe aderindo sem muitas discussões a projetos externos (exemplo do florestamento para celulose), ou sem a devida dimensão de como as empresas locais podem se inserir nestes projetos.

Além destas considerações também se pode dizer que a região está localizada fora e distante dos eixos industrializados do estado do RS e, dificultando a integração com as demais empresas, centros de inovação, mercado fornecedor e o mercado consumidor.

Neste contexto, parece que a opção pelo desenvolvimento endógeno do Vale do Jaguari passa pela identificação de setores industriais com condições formar Arranjos Produtivos e, direcionar para os mesmos as políticas públicas. Ao mesmo tempo deve-se conhecer o tecido social, no que se refere à capacidade de articulação e confiança entre os agentes para que se fortaleçam os vínculos institucionais e se cria o entorno inovador para as empresas da região.

O objetivo deste trabalho é identificar os setores industriais do Vale do Jaguari/RS com possibilidades de se tornarem Arranjos Produtivos Locais (APLs), bem como medir o Capital Social nos municípios. Estas duas dimensões – Capital Social e APLs – são relacionadas de forma a mostrar quais os limites e possibilidades para o desenvolvimento endógeno na região e quais as formas de intervenção das políticas públicas para a promoção do mesmo.

O trabalho está dividido em 4 capítulos, além desta introdução e das conclusões. No primeiro capítulo apresentam-se às contribuições teóricas a cerca do Capital social e dos Arranjos Produtivos Locais, destacando o papel das instituições e do entorno social para a aceleração do desenvolvimento local de maneira sólida.

No capítulo 2, descreve-se a região do Vale do Jaguari, em seus aspectos sociais e econômicos e, com isso, define-se o objeto de pesquisa, que se resume:

quais as condições, do ponto de vista dos setores industriais e do capital social, estão presentes na região e podem impulsionar o desenvolvimento.

No terceiro capítulo apresenta-se à metodologia para a consecução dos objetivos e parte do conhecimento e a análise das relações sociais da região. Para tanto, foi calculado o Índice de Capital Social para o Vale do Jaguari (ICS-VJ), utilizando-se a metodologia de *survey* proposta pelo Banco Mundial. Foram realizadas entrevistas com 641 famílias de oito municípios¹ com base em questionário estruturado, adaptado a partir do Questionário Integrado para Medir o Capital Social (QI-MCS)². Os questionários foram tabulados e a partir dos resultados foi construído o ICS-VJ, com base nas dimensões apresentadas pelo questionário.

Posteriormente, partiu-se para a identificação dos setores industriais com potencial de formação de APLs, através dos critérios de especialização relativa, com o cálculo dos quocientes de localização (QL) e a posterior enquadramento destes setores nas tipificações apresentadas por Suzigan et al. (2003).

No capítulo 4, as informações obtidas pelo cálculo do ICS-VJ, principalmente nas dimensões Grupos e Redes, Confiança e Solidariedade, Ação Coletiva e Cooperação e Informação e Comunicação, serviram para a análise das condições e os obstáculos para consolidação dos setores identificados. Neste sentido, deve-se destacar que alguns municípios apresentam algumas condições sociais e econômicas (capacidade de formação de APL) e, com isso, desencadear um processo de desenvolvimento endógeno no Vale do Jaguari, através de políticas públicas específicas para os setores e mobilização destes recursos.

¹ O município de Capão do Cipó foi descartado das entrevistas, pois, foi emancipado recentemente e possui a maior parte da população residindo no meio rural.

² Proposto pelo Grupo temático sobre capital social do Banco Mundial (WOOLCOCK et al. 2003).

2 DESENVOLVIMENTO LOCAL, INOVAÇÃO LOCALIZADA E CAPITAL SOCIAL

Neste capítulo pretende-se apresentar uma visão geral dos temas ligados ao desenvolvimento endógeno, a inovação localizada - em especial os Arranjos Produtivos Locais (APLs) ou Sistemas Produtivos Locais (SPLs) - e o capital social e seu papel nos processos de inovação, conhecimento e aprendizado e em última análise o desenvolvimento local e regional.

O entendimento dos temas mencionados se torna importante, na medida em que, nas últimas décadas, ganham força, no debate teórico e político do desenvolvimento, as alternativas de desenvolvimento endógeno³, definido e coordenado a partir das condições locais. Nestes termos, Barquero (2001) afirma que “o território é um agente de transformação e não mero suporte dos recursos e atividades econômicas, uma vez que há interação entre empresas e os demais atores, que se organizam para desenvolver a economia e a sociedade” (p.39).

Esta perspectiva de ver o local com espaço de produção e desenvolvimento foi afetada pelas transformações nas formas de produção com o esgotamento do modelo fordista e a emergência do modelo flexível de produção trouxeram à luz uma nova realidade em termos de pensar o desenvolvimento econômico, em especial quando se trata de regiões periféricas ou dos países em desenvolvimento (HARVEY, 2003)

A globalização⁴ e um novo paradigma tecnológico determinaram uma maior integração da economia mundial e uma difusão acelerada da revolução tecnológica, centrada na microeletrônica e nas tecnologias de informação (TIs). Lastres et al. (1998) destacam que estas novas tecnologias contribuíram para o delineamento de uma “nova era”, que foi tratada na literatura como “sociedade ou economia da informação ou do conhecimento”, “paradigma tecno-científico das tecnologias da informação e comunicação”, entre outros,

³ As teorias de desenvolvimento endógeno ganham forma no início dos anos 80, com pesquisas de caráter teórico com Friedmann E Douglas (1978) e Stöhr (1981) outras de caráter empírico ligadas a Becattini (1979) e Brusco (1982).

⁴ Para definições da globalização, ver Araujo JR (1993), Ianni (1996), Presser (1995) e Chesnais(1996)

Nestes termos, a globalização levou à redescoberta da dimensão territorial e sua importância para o processo de produção mundial, uma vez que foi,

capaz de provocar uma redistribuição geral da atividade no território, de um lado, ao mesmo tempo em que diferentes atividades produtivas locais e sistemas locais de empresas percebem agora, com mais nitidez, a exposição frente a um cenário cheio de exigências em termos de eficiência produtiva em competitividade (LLORESNS, 2001, p.25)

Nesta mesma linha de raciocínio Boisier (2005), afirma que,

la globalización afecta el tamaño (e inevitablemente la localización) de las unidades productivas de dos maneras opuestas y simultáneas. Las economías de escala respaldan el gran tamaño y la concentración territorial en tanto que las economías de flexibilidad, y las de diferenciación, respaldan el pequeño tamaño y la dispersión; pero como el tamaño pequeño aislado tiene una alta probabilidad de fracaso, estas economías empujan también la conformación de los llamados nuevos distritos industriales(p. 49).

Assim, entender de que forma se organizam os territórios e quais os recursos que devem estar presentes nos mesmos para que se desenvolvam as atividades produtivas, floresçam as inovações e o empreendedorismo que levam a competitividade, torna-se importante para explicar o processo de desenvolvimento endógeno ou local. O que importa nestas definições é que na estratégia de desenvolvimento econômico local o território conta, ou seja, é nele que se produz a coordenação das ações dos agentes econômicos (AROCENA, 1997).

Nesta visão, surge a importância da sociedade civil e das relações sociais no processo de desenvolvimento estão relacionadas à capacidade de cooperação entre os atores (agentes), seja de forma institucionalizada ou voluntária. Estas relações passaram a se caracterizados como Capital Social pela literatura econômica, como veremos mais adiante.

A variável capital social soma-se aos demais recursos produtivos (capital físico, capital humano, recursos naturais, entre outros), e possui papel na “promoção do empreendedorismo” e nas “iniciativas empresariais de micro e pequenas empresas”, em especial no contexto em que ganham destaque à “inovação”, o “conhecimento” e o “aprendizado” (ALBAGLI e MACIEL, 2002, p. 1).

O capítulo, trata inicialmente dos conceitos de desenvolvimento endógeno ou local. Na segunda parte, apresentam-se os entendimentos do que seriam os Arranjos Produtivos Locais ou Inovação Localizada, para posteriormente laçar luz sobre os conceitos de Capital Social e suas relações com o desenvolvimento.

2.1 DESENVOLVIMENTO LOCAL OU ENDÓGENO

Nos anos 70, Friedmann e Weaver (1979) apresentam uma nova abordagem na explicação do desenvolvimento regional, introduzindo a noção territorialidade nas análises. Para os autores a força territorial deriva-se das ligações sociais comuns construídas pela história de dado lugar. Nesta perspectiva o desenvolvimento regional ganha caráter endógeno e, segundo os autores, só será alcançado pela mobilização dos recursos dentro do território.

Surge assim, a idéia de desenvolvimento endógeno, sendo que as alternativas de desenvolvimento das regiões, ou territórios, deixam de ter um caráter exclusivamente exógeno e dependente de decisões externas e, passam a ter relevância estratégias endógenas, onde dependam da trajetória e elementos estruturantes (LASTRES, et al. 1998).

Barquero (2001, p. 41) conceitua

desenvolvimento endógeno como um processo de crescimento econômico e de mudança estrutural, liderado pela comunidade local ao utilizar seu potencial de desenvolvimento, que leva à melhoria do nível de vida da população.

O desenvolvimento endógeno caracteriza-se pela formação de um processo empreendedor e inovador, em que o território não é apenas um agente passivo receptor das estratégias das grandes empresas e organizações externas, mas a seu turno tem suas próprias estratégias que permitem incidir sobre a dinâmica econômica local. (IDEM, 2000)

Llorens (2001, p. 26), apresenta um quadro comparativo entre o que ele chamou de “Estratégias de desenvolvimento concentrado” por um lado e de “Estratégias de desenvolvimento local ou endógeno” por outro. O que está pontuado no **Quadro 2.1** nos fornece elementos para uma definição mais precisa do que se entende por desenvolvimento endógeno.

Na concepção do “desenvolvimento local e endógeno”, além das estratégias e recursos tradicionais, como boa infraestrutura, capital humano, o “local” deve oferecer um bom entrono institucional, econômico, social, político e cultural, que será definido como capital social ou outras formas de capital intangíveis, que veremos mais adiante. Pressupõe também que este desenvolvimento é mais

equilibrado territorialmente e depende da capacidade em que se realizam ou se disseminam as inovações pelas (nas) empresas locais.

Estratégias de desenvolvimento concentrado	Estratégias de desenvolvimento local ou endógeno
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento Polarizado; • Crescimento hierarquizado e centralizado; • Mediadas e políticas principalmente compensatórias ou assistenciais em áreas atrasadas ou carentes; • Instrumentos e medidas de fomento econômico setoriais; • Pólos de Crescimento; • Pólos Industriais; • Zonas Francas; 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento mais equilibrado territorialmente; • Descentralização e potencialização de comunidades locais e regionais; • Iniciativa de desenvolvimento local e geração de emprego produtivo para enfrentar a pobreza e marginalização; • O importante é criar o “entorno” institucional, econômico, social, político e cultural para impulsionar o desenvolvimento do potencial local; • Difusão de inovações; • Reorganização da base empresarial local; • Infraestruturas Básicas; • Serviços de desenvolvimento empresarial; • Capacitação dos recursos humanos; • Sistema de Informação Local

QUADRO 2.1 - Desenvolvimento concentrado e desenvolvimento endógeno

Fonte: Llorens (2001, p. 26)

De um ponto de vista mais vinculado a política de desenvolvimento, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), no seu Programa de Desenvolvimento Local (LED), define desenvolvimento local como um processo de desenvolvimento participativo que incentiva parcerias entre atores públicos e privados de um território, possibilitando a construção e a execução de uma estratégia comum a fim de aproveitar os recursos e vantagens competitivas, com o objetivo final de criar emprego decente e estimular a atividade econômica.

O local aqui não é apenas um espaço ou recorte geográfico, mas um espaço que possui uma identidade. Também se pode dizer que é um ambiente que fornece aos atores locais condições de informação e comunicação que permitem o estabelecimento de redes ente os mesmos.

Nota-se, assim, que o desenvolvimento depende muito da capacidade organizativa do território e como este consegue oferecer novos bens e serviços para o mercado, buscando criar especialidades e competitividades locais, reagindo de maneira positiva à concorrência cada vez mais acirrada e ampliada pelo processo de globalização.

2.2 ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS E INOVAÇÃO LOCALIZADA

A existência de aglomerações industriais localizadas⁵ espacialmente no território pode ser explicada por um conjunto de vantagens naturais, econômicas ou induzidas por política pública. Estas vantagens podem ser divididas em genéricas ou criadas:

- a. Vantagens genéricas: referem-se à dotação de fatores que, segundo Porter (1993) são os insumos necessários para um país ou região competir em qualquer indústria. Estas vantagens dividem-se em: Recursos Humanos; Recursos Físicos; Recursos de Conhecimentos; Recursos de Capital; e Infraestrutura;
- b. Vantagens criadas ou induzidas: referem-se à interferência do Estado ou do setor privado em potencializar as vantagens genéricas ou especializá-las para atender uma demanda específica que determina a instalação de indústrias diferenciadas. Pode-se destacar como vantagens criadas: certa ordem institucional; estrutura de pesquisa e desenvolvimento; qualificação da mão de obra (treinamento específico, diferente da formação genérica em recursos humanos) e infra-estrutura especializada (BENKO, 2002)

Neste sentido, a decisão da localização deve contemplar uma análise dos benefício que uma região oferece, a partir das vantagens descritas anteriormente, conforme enfatiza Kon (1999,) que,

a análise da empresa do melhor local de implantação de um novo investimento deve contemplar conjuntamente todos os benefícios e os custos de cada fator de atração ou repulsão em determinada área potencial. Entre as varias alternativas possíveis de localização, a escolha deverá recair sobre aquela que implicar a menor relação custo/benefício, quando considerados todos os fatores locacionais. A melhor combinação entre os recursos naturais, humanos e outros fatores locacionais existentes, para cada produto específico, caracteriza as vantagens de determinada região, ou seja, torna mais adequada a implantação da indústria comparativamente a outro local. (p. 165)

⁵ Mendez (2002), resume algumas teorias interpretativas da inovação localizada ligadas aos mais diversos autores: **Distritos industriais e sistemas produtivos locais** (Becattini, Bellandi, Garofoli, Pyke, Sfrozi, Ybarra); **Teoria econômica da inovação e ciclos de inovação** (Freeman, Soete, Dosi, Pavitt, Rosenberg, Pérez); **Meios Inovadores e redes de Informações** (Aydalot, Maillat, Camagni, Storper, Crevoiser); **Economias do conhecimento e learning regions** (Rallet, Torre, Gilly, Pecqueur, Bellet Grosetti) e **Sistemas Nacionais e regionais de inovação** (Lundvall, Cooke).

O desenvolvimento está condicionado à capacidade do país ou região em mobilizar seus fatores locacionais aproveitando o potencial daqueles de natureza genérica e criando outras vantagens a fim de induzir a criação ou atração de empresas. Barquero (2001) destaca que,

toda a cidade ou região dispõe de um sistema produtivo, de um mercado de trabalho, de formas específicas de organização da produção, de capacidade empresarial, de conhecimentos tecnológicos, de uma dada dotação de recursos naturais e de infraestrutura, de um sistema social, político e institucional e de uma tradição e cultura. É com base nesses elementos que se articulam os processos de desenvolvimento econômico local. (p. 72)

As aglomerações de empresas em determinadas áreas geográficas passam a contribuir para a existência de outros fatores de localização espacial, como as economias de escala e as economias externas. Neste sentido, Garcia (2002) destaca que os,

retornos crescentes de escala emergem das condições de especialização dos agentes participantes do processo de divisão social do trabalho, proporcionando às unidades envolvidas ganhos de escala que são externos à firma. Entretanto, esta não é uma condição suficiente para que as firmas que se concentram num determinado setor ou região se apropriem destas ganhos. Os mesmos só ocorrerão pelo estímulo à presença de produtores especializados nessas aglomerações (p. 3)

Assim, a proximidade geográfica entre os produtores é capaz de facilitar o processo de circulação das informações e do conhecimento, através de canais próprios de comunicação e de fontes específicas de informação. Esta proximidade, pode ainda contribuir para o desenvolvimento de novas capacidades organizacionais e tecnológicas, levando a um processo de aprendizado de caráter local (IDEM, 2002).

Os efeitos da aglomeração aqui apresentados extrapolam o conceito de economias externas de Marshall, que segundo Suzigan et al. (2001) são incompletas e insuficientes para explicar o crescimento e a competitividade das empresas espacialmente localizadas.

De forma mais abrangente, Schmitz (1997), trabalha com o conceito de **eficiência coletiva** que contempla as economias externas marshallianas, mas destaca a combinação de efeitos espontâneos e aqueles induzidos e pode ser definida como a vantagem competitiva que deriva das economias externas locais e da ação conjunta. Este conceito pode ser mais bem visualizado na **Figura 2.1**, onde eficiência coletiva passiva se refere as vantagens não planejadas que se originam

das externalidades que a própria aglomeração oferece, enquanto que eficiência coletiva ativa seria uma vantagem que é buscada (construída) de forma deliberada através da ação conjunta e requer um esforço conjunto dos atores.

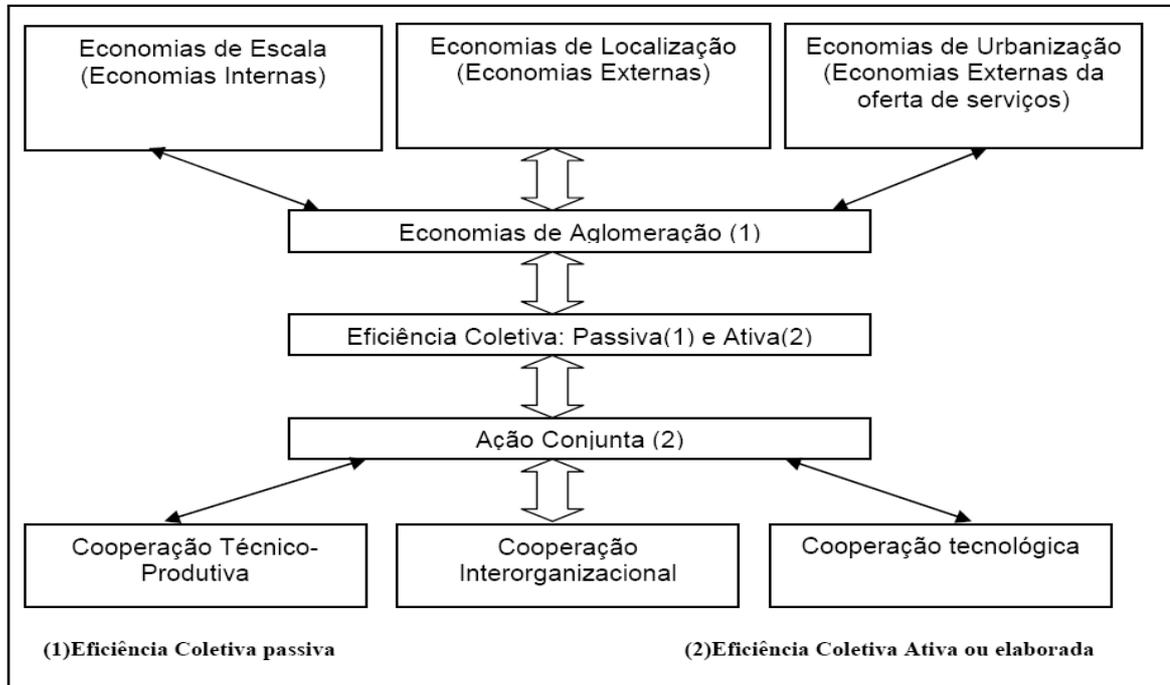


FIGURA 2.1 - Economias de aglomeração e eficiência coletiva ativa e passiva
Fonte: Extraído de BNDES (2004)

Pode-se assim, definir os arranjos como um fenômeno vinculado às economias de aglomeração, associada à proximidade física das empresas fortemente ligadas entre si por fluxos de bens e serviços. A concentração geográfica permite ganhos mútuos e operações mais produtivas. Entre os aspectos que devem ser observados, destaca-se o papel de autoridades ou instituições locais para a organização e a coordenação das empresas.

Os arranjos produtivos tanto podem abranger empresas de um único setor como podem incluir um agrupamento de fornecedores de insumos, máquinas, materiais e serviços industriais, ou ainda ter em comum, tecnologias semelhantes ou insumos. Alguns giram em torno de pesquisas universitárias e possuem a mesma base técnica, consistindo, sobretudo em empresas de pequeno e médio portes, embora esse tamanho varie de acordo com o processo produtivo e os segmentos de que participam.

Lastres, Cassiolato e Maciel (2003), enfatizam que o entendimento dos arranjos produtivos locais fundamenta-se numa visão evolucionista sobre inovação e difusão tecnológica, onde pontuam que:

- a) o reconhecimento de que inovação e conhecimento colocam-se cada vez mais visivelmente como elementos centrais da dinâmica e do crescimento de nações, regiões, setores, organizações e instituições (em vez de poderem ser considerados como fenômenos marginais, conforme colocado por teorias mais tradicionais);
- b) a compreensão de que a inovação e o aprendizado, enquanto processos dependentes de interações, são fortemente influenciados por contextos econômicos, sociais, institucionais e políticos específicos;
- c) a idéia de que existem marcantes diferenças entre os agentes e suas capacidades de aprender, as quais refletem e dependem de aprendizados anteriores;
- d) a visão de que se, por um lado, informações e conhecimentos codificados apresentam condições crescentes de transferência - dada a eficiente difusão das tecnologias de informação e comunicações – conhecimentos tácitos de caráter localizado e específico continuam tendo um papel primordial para o sucesso inovativo e permanecem difíceis (senão impossíveis) de serem transferidos.

Estes conceitos de Arranjos Produtivos Locais ou *Clusters* incorporam a importância de inovação localizada no processo de desenvolvimento e, a interação entre empresas (principalmente micro e pequenas) e os demais atores locais.

Lastres, Cassiolato e Arroio (2005, p. 18), identificam como principais características dos distritos industriais contemporâneos: i) proximidade geográfica; (ii) especialização setorial; (iii) predominância de pequenas e médias empresas; (iv) estreita colaboração entre firmas; (v) competição entre firmas baseada na inovação; (vi) identidade sócio-cultural com confiança; (vii) organizações de apoio ativas, para prestação de serviços comuns, atividades financeiras, etc.; e (viii) promoção de governos regionais e municipais.

Daí extrai-se que, além das empresas, é necessária a existência de um “meio inovador”, “entorno local”, ou na definição francesa dos *Milieux innovateurs*. Segundo Benko (2002, p. 140) deve-se destacar,

o papel desempenhado pelos meio locais como incubadores da inovação, prismas através das quais passarão as incitações inovadoras. Do ponto de vista regional, a análise permite compreender por que certas regiões inovam, porque certos espaços inovadores deixam de o ser, porque novas tecnologias preferem implantar-se em lugares novos.

Nesta mesma linha, Barquero (2001) afirma que o entorno local seria formado por uma rede de atores locais e pelas relações que configuram o sistema produtivo, sendo que os agentes econômicos, sociais, políticos e institucionais tem modos específicos de organização e regulação, possuem uma cultura própria e geram uma dinâmica de aprendizagem coletiva. Por fim, a competitividade local parece estar atrelada à capacidade de aprendizagem coletiva, destacando-se o conceito de economia da aprendizagem enunciado por Johnson e Lundvall (2005).

Sforzi (1999) destaca que os principais fatores para a capacidade de adaptação entre conhecimento e entorno local são em primeiro lugar, a capacidade das instituições em oferecer motivação adequada aos indivíduos e às organizações para enfrentar as mudanças e, segundo lugar, a capacidade de todas as instituições do sistema local (empresas, famílias, etc) em mudar em sintonia.

O Ministério de Ciência e Tecnologia – MCT adota a classificação dos APLs de acordo com a presença ou ausência de empresas-âncoras e quanto ao seu grau de consolidação (MCT, 2000 apud SPÍNOLA, 2003)⁶:

Arranjos com empresa(s) ancora(s) são caracterizados pela existência de uma firma motriz, ou âncora, que mantém fortes vínculos técnicos, comerciais e financeiros com um grupo de fabricantes e prestadores de serviços. Sua competitividade é conferida pela eficiência de toda cadeia produtiva. As pequenas unidades que se encontram neste tipo de aglomeração podem servir de fornecedoras de serviços ou produto para a grande empresa, ou ainda servir de terceirizada para desenvolver alguma etapa do processo produtivo.

Arranjo sem empresa-âncora são aglomerados produtivos, geralmente formados por micro, pequenas e médias empresas de um mesmo setor de atividade,

⁶ SPÍNOLA, V. **Rochas ornamentais em arranjo produtivo** – Salvador: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. 2003. (Série estudos e pesquisas)

com maior ou menor grau de interação/cooperação, onde não há uma grande firma, capaz de definir o caminho estratégico do conjunto de empresas. Neste caso, se estabelece uma rede entre as empresas, mesmo que não seja formal, capaz de propiciar o surgimento de economias de aglomeração e a difusão do conhecimento e da informação.

Quanto ao nível de consolidação o arranjo produtivo pode ser classificado como:

Arranjo elementar ou básico decorre de uma concentração de unidades produtivas com alguma característica em comum (viés setorial configurado), indicando a existência de tradição técnica ou produtiva, inclusive artesanal, com um grau de especificidade ou de originalidade suficiente apenas para garantir sua subsistência. Neste caso já existe certa infra-estrutura tecnológica e relacionamentos dos agentes produtivos entre si e com as instituições locais. Mas, a existência de conflitos de interesse ainda não permite visão estratégica e grau levado de coordenação entre os agentes.

Arranjo em fase de consolidação caracteriza-se pela presença de atividades produtivas comuns no local ou região, pela existência de uma infraestrutura tecnológica, de relacionamentos dos agentes produtivos entre si e com os agentes institucionais locais. Embora haja uma maior sinergia entre as ações de seus agentes do que no arranjo elementar, seu grau de coordenação é baixo.

Arranjo consolidado ou maduro possui todas as características do agrupamento anterior, além de um alto nível de coesão e organização entre os agentes. As aglomerações identificadas como arranjos produtivos consolidados são formados por concentrações de empresas e organizações de um ramo particular. Podem englobar, por exemplo, fornecedores de insumos específicos como componentes, máquinas e serviços produtivos especializados, fabricantes de bens complementares e firmas atuando como canais de distribuição.

Na articulação institucional dos arranjos produtivos locais, estão presentes órgãos governamentais e outras instituições, tais como universidades, escolas técnicas, agências de fomento e associações profissionais, que fornecem treinamento especializado, educação, informação, financiamento, pesquisa e suporte técnico. A **Figura 2.2**, mostra como seria a estrutura de um cluster avançado ou arranjo produtivo consolidado ou maduro.

Barquero (2001, p 118) apresenta uma tipologia interessante dos sistemas produtivos locais quanto aos aspectos territoriais e o tecido produtivo que se desenvolve nestes territórios, onde destaca quatro estágios:

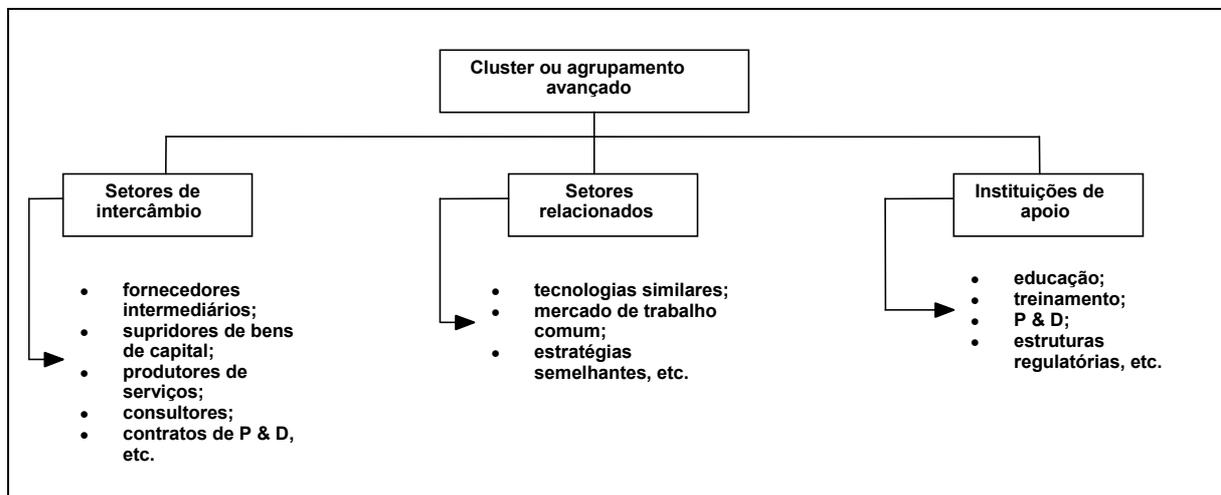


FIGURA 2.2 - Organograma de um *cluster* avançado ou APL maduro

Fonte: BNDES (2004)

- a) territórios que apresentam pontos fracos tanto no que se refere à sua capacidade empresarial quanto à potencialidade de resposta inovadora, tal como seria o caso de muitas áreas rurais.
- b) territórios que dispõem de um sistema de empresas suficientemente bem organizado, ainda que precisando introduzir inovações para o fortalecimento de sua competitividade. Seriam os sistemas locais que passam por reestruturação produtiva;
- c) territórios que apresentem pequena capacidade empresarial e/ou de organização do sistema de empresas locais, mas que tiveram sua posição fortalecida nos últimos anos graças a uma política tecnológica inovadora da vinda de projetos que se propõem a difundir as inovações e;
- d) territórios cujos pontos fortes residem na capacidade empresarial e organizacional, bem como na capacidade de resposta inovadora aos desafios da competitividade.

A **Figura 2.3** mostra os dois principais eixos do desenvolvimento local. Segundo Barquero (2001, p. 119) a estratégia de desenvolvimento teria o objetivo de:

converter o território em um entorno inovador, no qual a capacidade empresarial e organizacional, bem como as respostas inovadoras das empresas e dos atores locais, trouxesse resultados positivos no contexto em que compete a cidade ou região. Para tanto, seria preciso dar ênfase as ações que potencializam os pontos fortes e neutralizam os pontos fracos do território. Algumas dessas ações estariam mais voltadas para a inovação, através do fomento à difusão da tecnologia e da interação inovadora envolvendo os atores locais, enquanto outras estariam mais comprometidas com a capacitação empresarial e a organização produtiva do território.

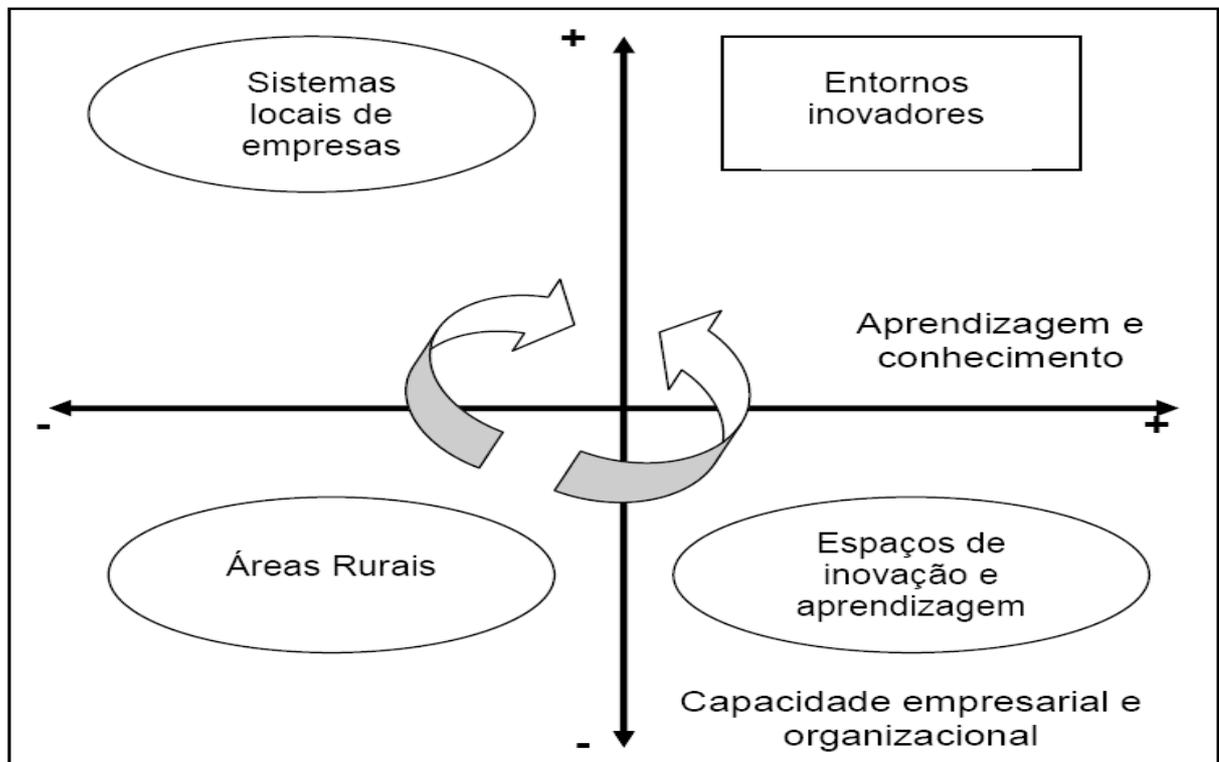


FIGURA 2.3 - Tipologia dos sistemas locais de produção
Fonte: Barquero (2001)

Suzigan et al. (2003) Identificam uma tipologia de arranjos produtivos locais, conforme a importância do conjunto de empresas para o local e para o setor a qual pertencem, conforme **Quadro 2.2**.

		Importância para o Setor	
		Reduzida	Elevada
Importância para o Local	Elevada	Vetor de desenvolvimento Local	Núcleos de desenvolvimento setorial-regional
	Reduzida	Embrião de sistema local de produção	Vetores avançados

QUADRO 2.2 - Matriz das tipologias dos sistemas locais de produção

Fonte: Suzigan et al. (2003)

Quando as empresas instaladas na região possuem elevada importância para o setor e para o local, no que diz respeito à geração de empregos os autores conceituam como um **núcleo de desenvolvimento setorial-regional**. Os sistemas desse tipo, de modo geral têm história longa e de rápido desenvolvimento e têm capacidades produtivas e tecnológicas muito mais desenvolvidas que suas funções comerciais (incluindo marketing). Estes arranjos precisam superar a dependência nos canais e nas formas de comercialização e para desenvolvimento de produtos, fixação de marcas, registro de patentes, design, certificações, qualidade.

Por outro lado, **os embriões de sistema local**, contam com setores com baixa importância para o local e para setor. Neste caso, por serem incipientes, demandam menos recursos, mas oferecem maiores riscos. Seus subsistemas de produção, comercialização, distribuição, desenvolvimento tecnológico e instituições de apoio ainda estão por desenvolver.

Os **vetores de desenvolvimento local** constituem sistemas que já superaram o estágio embrionário, têm grande potencial, e na maioria dos casos ainda não têm os problemas dos núcleos de desenvolvimento regional/setorial, que derivam da atrofia entre as estruturas de produção e comercialização. Pode-se, neste caso, serem constituídas as estruturas para resolver estes problemas.

Finalmente, os **sistemas do tipo vetores avançados** são sistemas que representam um peso diminuto em regiões normalmente muito mais desenvolvidas e com características de tecido econômico (e social) diversificado e integrado. No entanto, esta estrutura pode apresentar uma rede de relacionamentos e forte vinculação de forma concreta, mesmo que não sejam visíveis,

2.3 CAPITAL SOCIAL

O conceito de capital social pode apresentar diferentes interpretações, dependendo da orientação teórica ou metodológica a que se filia. A difusão do termo é relativamente recente e ganha destaque entre os teóricos do desenvolvimento na década de 80. As diferentes interpretações determinam uma heterogeneidade na maneira de abordar o capital social, mas existe certa concordância que seu conceito é de natureza relacional (NARAYAN, 1999).

Portes (1998) destaca que enquanto o capital econômico está em contas bancárias das pessoas e o capital humano está dentro das cabeças e o capital social é inerente a estrutura dos relacionamentos. Assim, para possuir capital social uma pessoa deve se relacionar com outra e é esta outra, não ela mesma, que é a fonte real de sua vantagem.

Albagli e Maciel (2002, p. 4), apresentam um conjunto de razões para que o conceito tenha se difundido tão rapidamente, onde se destaca a “necessidade de desenvolver conceitos que reflitam a complexidade e o inter-relacionamento das várias esferas de intervenção humana”. Neste sentido, o capital social serve como um termo guarda-chuva e pode ser utilizado de maneira transversal por diferentes disciplinas.

Em grande parte dos estudos relacionados ao capital social, três teóricos recebem destaque: James Coleman (1988, 1990), Pierre Bourdieu (1980) e Robert Putnam (1996). Os estudos de Coleman inserem-se num contexto educacional e descrevem o papel do capital social no crescimento do capital humano ou relações entre alcance educacional e desigualdade social.

Coleman (1988), argumentou que quando os indivíduos podem contar com um conjunto de recursos que pertencem às relações familiares e à organização social da comunidade, os níveis de capital humano tendem a ser elevados. Assim,

o capital social é definido por sua função. Não é uma única entidade, mas uma variedade de entidades diferentes que têm duas características: são todos consistentes com alguns aspectos das estruturas sociais e facilitam certas ações dos atores – sejam pessoas ou empresas – no âmbito da estrutura⁷ (IDEM, 1990, p. 302)

⁷ “Social capital is defined by its function. It is not a single entity, but a variety of different entities having two characteristics in common: They all consist of some aspect of social structure, and they facilitate certain actions of the individuals who are within the structure”

O autor acredita que todas as relações sociais e estruturas facilitam certas formas de capital social. Contudo, certos tipos de estrutura social são especialmente importantes por facilitar algumas formas de capital social. Assim, definiu capital social como “os recursos sócio-estruturais que constituem um ativo de capital para o indivíduo e facilitam certas ações de indivíduos que estão dentro dessa estrutura” (Coleman, 1990, p. 312).

Albagli e Maciel (2002, p. 6) destaca que Coleman especifica três formas de capital social, sendo que,

a primeira lida com o nível de confiança e a real extensão das obrigações existentes em um ambiente social. O capital social é elevado onde as pessoas confiam umas nas outras e onde essa confiança é exercida pela aceitação mútua de obrigações. A segunda forma diz respeito a canais de trocas de informações e idéias. Na terceira forma, normas e sanções constituem capital social onde elas encorajam os indivíduos a trabalharem por um bem comum, abandonando interesses próprios imediatos.

Dentro deste contexto o capital social é derivado da estrutura social a qual a pessoa pertence e, portanto, não é propriedade individual e sim um bem coletivo. Não existe um processo intencional de criação de capital social, mas o mesmo é fruto de ações orientadas para propósitos coletivos.

Ainda na linha sociológica, Pierre Bourdieu definiu capital social como sendo um,

agregado de recursos reais ou potenciais que estão ligados à participação em uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de mútua familiaridade e reconhecimento... que provê para cada um de seus membros o suporte do capital de propriedade coletiva⁸ (BOURDIEU, 1985, p 243).

Robert Putnam foi responsável pela popularização do conceito de capital social através de seus trabalhos empíricos onde relacionou o desempenho econômico e institucional entre o centro-norte e o sul da Itália. Sua hipótese principal era que as tradições cívicas presentes na região centro-norte eram suficientes para explicar o seu melhor desempenho a partir dos anos 70 (CÉSAR E BANDEIRA, 2001).

Com base nestes estudos definiu capital social como as “características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuem para

⁸ “The aggregate of the actual or potential resources which are linked to possession of a durable network of more or less institutionalized relationships of mutual acquaintance or recognition.”

“aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas” (PUTNAM, 1996, p. 117)

Esta conceituação traz dois pressupostos implícitos: um primeiro diz respeito a **redes** (“redes de engajamento cívico”) e, um segundo, **normas** que estão associadas e têm importantes conseqüências econômicas para a comunidade. Assim, pode-se pensar o capital social tendo um papel instrumental, ou seja, é um meio para o desenvolvimento local ou um recurso que pode servir de meio para a melhoria das condições econômicas da população.

Outra questão importante na conceituação de Putnam é a confiança, que por sua vez é alcançada quando os membros de uma comunidade têm conhecimento mutuo e forte tradição em ações comunitárias (Albagli e Maciel, 2002).

Para Santos (2007, p. 657),

a confiança é vista como lubrificando a vida social e gerando resultados econômicos: sociedades com elevados graus de confiança tornam-se e permanecem ricas porque são cívicas (...) para Putnam, a motivação original do capital social não é necessariamente finalista ou instrumental. Para ele, as relações sociais são importantes em si mesmas, possuem um valor intrínseco.

Uma questão para Putnam é como se poderia criar capital social. Neste sentido, ele destaca que nas regiões menos dotadas de senso cívico, os precedentes políticos reforçariam as desigualdades e a ineficiência na medida em que os investimentos realizados pelos governantes não visavam aumentar o capital social. Entretanto, reconhece que mesmo nestas regiões haveria alguma dotação de capital social tendo apenas que detectá-lo e expandi-lo (PUTNAM, 1996).

Em recente obra⁹, Putman (2002), a partir de debates teóricos e trabalhos empíricos, relata a evolução ou as formas em que o conceito de capital social se apresenta. Neste sentido, identifica três importantes formas para o capital social, deixando claro que as mesmas não são mutuamente excludentes, ou seja podem aparecer de maneira simultânea.

Em primeiro lugar, identifica o **capital social formal versus informal**. O **capital social formal** se verifica nas organizações, como sindicatos, associações com membros efetivos e atuantes e reuniões regulares e contribuições financeiras.

⁹ Democracies in Flux: the evolution of social capital in contemporary society

No que se refere a **capital social informal**, verifica-se em associações informais, como reuniões familiares ou de vizinhos, que para Putnam é o passo inicial para o nascimento de associações formais.

Uma segunda forma identificada é **capital social denso (*thick*) versus escasso (*thin*)**. Capital social denso ocorre quando as relações entre as pessoas se estendem além de encontros ocasionais ou de famílias e se materializam em ações conjuntas. Por outro lado, capital social escasso diz respeito a encontros ocasionais de pessoas na fila do supermercado, elevador ou outras ocasiões em que às relações são passageiras e não resultam numa maior aproximação ente as pessoas.

Como destaca Johnson e Lundvall (2005, p. 97),

o capital social é considerado proporcional à densidade dos relacionamentos entre cidadãos, e um peso especial é dado à frequência de participação em organizações que se estendem para além da família.

A terceira forma de capital social seria o **capital social de ponte (*bridging*) versus capital social de ligação (*bonding*)**. O capital social de ligação acontece quando a base para a formação das redes é entre iguais, ou seja, isto é, entre indivíduos similares do ponto de vista de suas características demográficas (etnia, idade, gênero, classe social, entre outros). Por outro lado, capital social de ponte diz respeito a laços que ligam pessoas com características demográficas deferentes.

Embora ampliada em termos de comunidades, essa rede ainda possui características verticais. Assim, para se entender o seu alcance, deve-se identificar laços com indivíduos que estejam em posição de autoridade, isto é, que podem intermediar recursos adicionais para o desenvolvimento da comunidade. Surge assim o conceito **capital social de conexão (*linking social capital*)**.

Woolcock et al. (2003) mostra que enquanto o capital social de ponte e de ligação são essencialmente horizontais o capital social de conexão é mais vertical, uma vez que conecta as pessoas a recursos políticos chave e instituições econômicas, isto é, em diferentes níveis de poder. Destaca, ainda, que a simples presença de instituições formalizadas (escolas, bancos, etc) não garantem o capital social de conexão, sendo a natureza e a extensão dos laços sociais dos indivíduos com estas instituições que o garantem.

Offe e Fuches (2005) mostram com o capital social se materializa em associações, dividindo-as em primárias, secundárias e terciárias e como formalizadas e não formalizadas (**ver Quadro 2.3**). As associações cívicas representam interesses difusos e devem fazer a mediação entres estes interesses para permitir que desconhecidos cooperem, compartilhem valores e realizem atividades em comum. Este é o capital social, ou seja, como transformar os laços familiares em associações que buscam interesses coletivos em prol do desenvolvimento.

	Primárias	Secundárias	Terciárias
Formalizadas	Família, parentes.	Associações com reuniões presenciais	Associações virtuais, Federações de associações.
Não Formalizadas	Clãs	Novos movimentos sociais, vizinhança e redes informais.	Rede de associações

QUADRO 2.3 - Tipos de associações

Fonte: Offe e Fuches, 2005

Johnson e Lundvall (2002) destacam que,

capital social não é, obviamente, um mero estoque de algo que pode ser simplesmente acumulado. É, na verdade, um conjunto de instituições em sua maioria informais (hábitos e normas sociais), que afetam os níveis de confiança, interação e aprendizado em um sistema social (p. 97)

Assim, o capital social será proporcional à densidade dos relacionamentos entre os cidadãos e deve ser dado um peso especial a participações nas instituições que se estendem além da família.

Dentro das pesquisas do Banco Mundial, coordenadas por Woolcock et al. (2003), o capital social é dividido seis dimensões:

- a) Grupos e redes;
- b) Confiança e solidariedade;
- c) Ação coletiva e cooperação;
- d) Informação e comunicação;
- e) Coesão e inclusão social;
- f) Autoridade ou capacitação (empowerment) e ação política.

Estas dimensões captam as formas de capital social apresentadas anteriormente, principalmente ponte, ligação e conexão e as relações de confiança

na sociedade. Estas dimensões serão explicitadas na metodologia deste trabalho, pois fazem parte do instrumento para medir o capital social no Vale do Jaguari.

Esta aproximação do conceito de capital social com o desenvolvimento econômico, presentes principalmente nas abordagens de Putnam e mais recentemente nos trabalhos do Banco Mundial é que estão norteando os estudos empíricos na tentativa de mensurar o capital social¹⁰ e relacioná-lo com o desenvolvimento econômico¹¹.

2.4 CAPITAL SOCIAL E DESENVOLVIMENTO

A partir dos estudos empíricos sobre capital social, começaram a surgir evidências de que o mesmo pode ter uma relação positiva com a redução da pobreza, o desenvolvimento e o bem-estar social.

Muls (2008) destaca que em contextos sociais menos desenvolvidos, o desenvolvimento econômico local pode ser alavancado com a canalização de recursos humanos e fatores intangíveis para o processo de produção. Evans (1986) chama de “*scaling up*” a transformação em formas institucionais e organizacionais mais abrangente dos laços pessoais e comunitários .

Boisier (2004) afirma que em qualquer território organizado existe um amplo conjunto de fatores que se somam aos “capitais intangíveis”, apresentados no **Quadro 2.4**. Estas variadas formas são e devem ser articuladas com força e direcionadas mediante o uso do capital sinérgico, de maneira a introduzir um alto nível de complexidade e sinergia no sistema, pré-requisito para o desenvolvimento.

¹⁰ Sobre medidas de capital social ver PUTNAM (2001); FUKUYAMA (1999) e STONE (2001). Ver também trabalho desenvolvido Laboratório de Observação Social – Labors da Ufrgs e Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul – “Desenvolvimento Regional, Cultura Política e Capital Social - Pesquisa empírica como subsídio à atividade parlamentar no Rio Grande do Sul”. Coordenando por Cesar e Bandeira (2001).

¹¹ Neste sentido, no Brasil cabe destaque aos trabalhos desenvolvidos Rede de Sistemas Produtivos e Inovativos Locais – *RedeSist* que é uma rede de pesquisa interdisciplinar, sediada no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e que conta com a participação de várias universidades e institutos de pesquisa no Brasil, além de manter parcerias com outras instituições do exterior(<http://www.redesist.ie.ufrj.br/>).

Algumas Formas de Capitais Intangíveis	Especificação
1. Capital Institucional	As instituições ou organizações públicas e privadas existentes na região: o seu número, o clima de relações interinstitucionais (cooperação, conflito, neutralidade), o seu grau de modernidade.
2. Capital Humano	O estoque de conhecimentos e habilidades que possuem os indivíduos que residem na região e sua capacidade para exercitá-los.
3. Capital Cívico	A tradução de práticas de políticas democráticas, de confiança nas instituições, de preocupação pessoal com os assuntos públicos, de associatividade entre as esferas públicas e privadas, etc.
4. Capital Social	O que permite aos membros de uma comunidade confiar um no outro e cooperar na formação de novos grupos ou em realizar ações em comum.
5. Capital Sinérgico	Consiste na capacidade real ou latente de toda a comunidade para articular de forma democrática as diversas formas de capital intangível disponíveis nessa comunidade.

QUADRO 2.4 - Formas de capitais intangíveis determinantes do processo de desenvolvimento local

Fonte: Boisier apud Haddad, R. A organização dos sistemas produtivos locais como prática de desenvolvimento endógeno. Mimeo, 2003

Furtado (1982, p, 149) afirma que,

o verdadeiro desenvolvimento é, principalmente, um processo de ativação e canalização de forças sociais, de melhoria da capacidade associativa, de exercício da iniciativa e da criatividade. Portanto, trata-se de um processo social e cultural, e apenas secundariamente econômico. **O desenvolvimento ocorre quando, na sociedade, se manifesta uma energia capaz de canalizar, de forma convergente, forças que estavam latentes ou dispersas.** Uma verdadeira política de desenvolvimento terá que ser a expressão das preocupações e das aspirações dos grupos sociais que tomam consciência de seus problemas e se empenham em resolvê-los.(grifo nosso)

O capital social pode facilitar o compartilhamento de informações reduzindo os custos de transação, pelas relações de confiança e espírito cooperativo. Também, a tomada de decisões coletivas garante melhor coordenação e maior estabilidade organizacional. E, o mais importante, reduz o comportamento oportunista dos agentes pela existência de maior conhecimento mútuo (ALBAGLI e MACIEL, 2002).

Assim, de maneira mais ampla a cooperação entendida acima, advém do capital social existente na região. Entretanto, não deve ser visto com uma variável isolada que irá resolver todos os problemas. Soma-se a outras condições existentes no território que irão determinar sua competitividade e capacidade de engendrar o processo autônomo de desenvolvimento.

Neste sentido Barquero (2001, p. 30) destaca que,

as economias locais e regionais desenvolvem-se e crescem quando de difundem as inovações e o conhecimento entre as empresas e os territórios, de tal modo que aumenta o número e a diferenciação dos produtos, diminuem os custos de produção e se consolidam as economias de escala.(.....) quando é mais flexível a organização dos sistemas produtivos e se formam redes e alianças para melhor competir, o que contribui para as economias internas e externas de escala e para um melhor posicionamento competitivo de cidades e territórios. (.....) quando as empresas se instalam em cidades inovadoras e dinâmicas, que lhes possibilitam tirar proveito das economias e indivisibilidades existentes no território. (.....) quando as redes de instituições são complexas e densas, o que permitem fazer aflorar a confiança entre atores e reduzir custos de transação. **(grifo nosso)**

Aliada aos quatro fatores, sublinhados na citação acima, deve-se considerar a importância de políticas locais ou regionais adequadas para que os fatores atuem de forma conjunta, “criando sinergias mútuas”¹².

A relação entre capital social e desenvolvimento, principalmente as práticas endógenas, calcadas em arranjos e pequenas empresas, pode ser feita a medida que a proximidade geográfica é um fator que pode facilitar o estabelecimento de laços de cooperação entre os empreendimentos produtivos.

Assim, a existência em uma localidade ou região de uma aglomeração de empresas especializadas num mesmo ramo, atividade ou produto pode alavancar o desenvolvimento de relações de parceria e cooperação entre estas empresas. Isto porque a proximidade possibilita que os agentes se conheçam e estabeleçam relações de confiança.

Para concluir, deve-se considerar que em determinadas regiões as condições sociais estão dispersas ou pouco mobilizadas e não conseguem dar uma resposta no sentido de canalizar as “sinergias” para os setores produtivos e com isso potencializar o desenvolvimento local. O interessante é conhecer de que forma se apresentam as condições sociais no território e de que forma os setores produtivos podem se beneficiar deste entorno. Também, importa identificar que forma as políticas públicas locais agem sobre estes fatores e a quem cabe a governança do processo.

¹² Este efeito sinérgico, Barquero (2001) chamou de “Efeito H”,

3 CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO DO VALE DO JAGUARI

O Corede Vale do Jaguari foi criado em 2007, desmembrado do Corede Central¹³. É composto por nove municípios: Cacequi, Capão do Cipó, Jaguari, Mata, Nova Esperança do Sul, Santiago, São Francisco de Assis, São Vicente do Sul e Unistalda. Possui uma área total de 11.266 Km² de área o que corresponde a 4,50% do território do Rio Grande do Sul. O maior município em área é São Francisco de Assis com 2.508 Km², ou 22,30% da região e o menor é Nova Esperança do Sul com 191 Km² o que representa 1,7% da área da região.

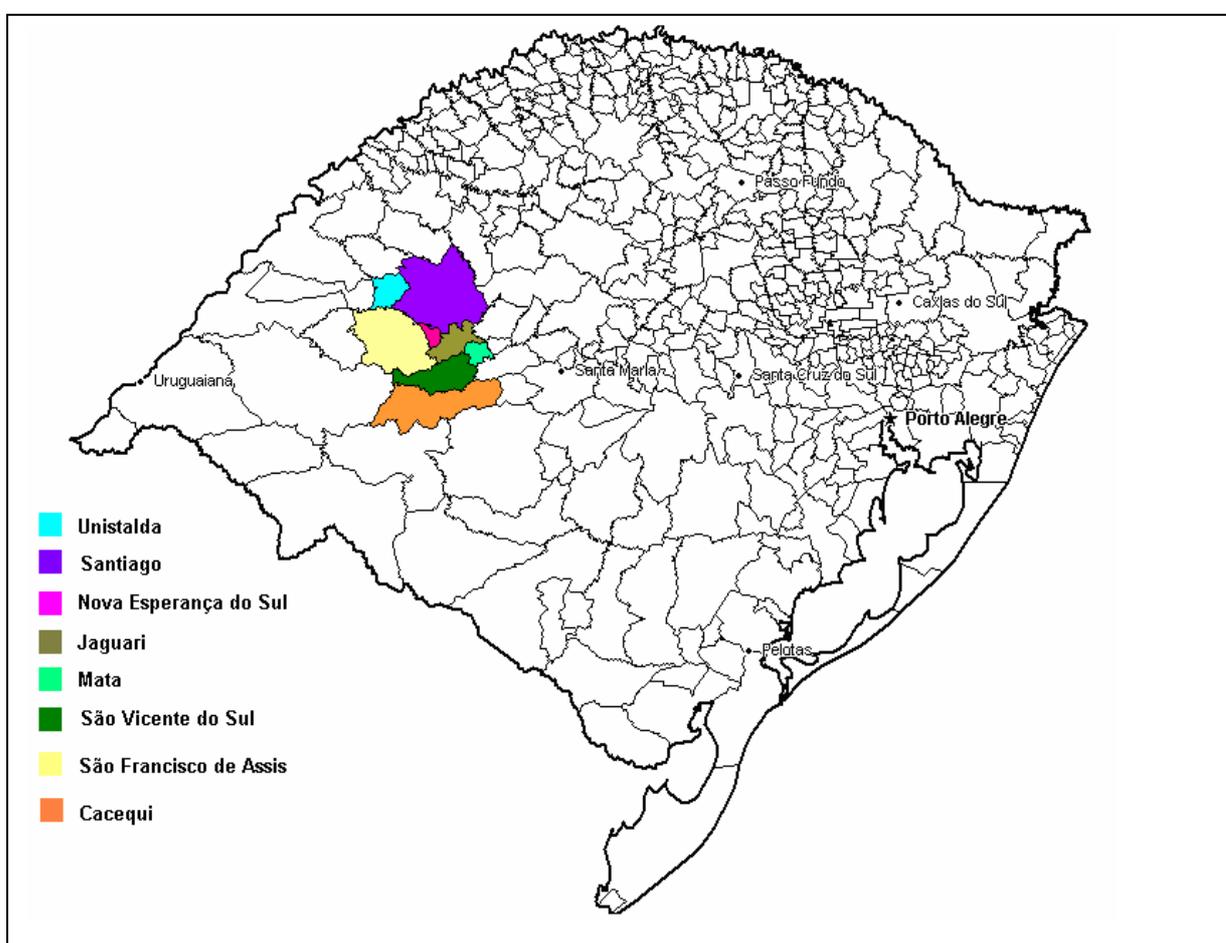


FIGURA 3.1 - Mapa de localização do Vale do Jaguari

O Vale do Jaguari localiza-se geograficamente na Região Centro Ocidental Rio-Grandense. (**Figura 3.1**)

¹³ O COREDE- Conselho Regional de Desenvolvimento, divisão política do estado do Rio Grande do Sul e serve de unidade de planejamento das regiões. Atualmente são 28 COREDES.

Na Tabela 3.1, observa-se que a população da região apresentou um decréscimo de 2,23% no período 2000/2007, contra um crescimento de 3,88% para o estado do RS.

Quanto aos indicadores de escolaridade pode-se observar pela **Tabela 3.2** que no Vale do Jaguari, todos os municípios apresentam médias de anos de estudos abaixo da observada no estado. Chama à atenção a baixa escolaridade do município de Unistalda. A baixa escolaridade do Vale do Jaguari é corroborada com o percentual de analfabetos no grupo de pessoas acima de 25 anos de idade para o ano 2000 (**Tabela 3.2**). Observa-se que apenas Santiago apresentou percentual menor que a média do estado. Na maioria dos municípios o percentual fica acima de 10% e, no caso de Unistalda a participação é de 15,40%.

TABELA 3.1 - Vale do Jaguari - população total e taxa de crescimento

Municípios	2000	2007	Crescimento 2000 a 2007
Cacequi	15.311	13.630	-10,98%
Capão do Cipó	2.184	3.180	45,60%
Jaguari	12.488	11.626	-6,90%
Mata	5.575	5.291	-5,09%
Nova Esperança do Sul	4.010	4.775	19,08%
Santiago	49.954	49.558	-0,79%
São Francisco de Assis	20.810	19.523	-6,18%
São Vicente do Sul	8.336	8.631	3,54%
Unistalda	2.644	2.392	-9,53%
Vale do Jaguari	121.312	118.606	-2,23%
Rio Grande do Sul	10.187.798	10.582.840	3,88%

Fonte: IBGE– www.sidra.ibge.gov.br

Nesta mesma linha, observa-se que o percentual de pessoas com mais de 25 anos de idade que concluíram o ensino superior no Vale do Jaguari é baixo, quando comparado com o do Rio Grande do Sul. Neste caso, o município com maior percentual é Santiago, isso se explica pela presença, desde 1995, de uma universidade na cidade. (**Tabela 3.2**)

A relação entre capital humano e crescimento econômico ainda é um tema controverso, mas Romer (1990) comprova que o capital humano representa um importante papel na expansão das economias, bem como uma educação eficiente aumenta a capacidade dos indivíduos de terem idéias inovadoras e aumentarem sua capacidade de produzir bens com maior grau de eficácia tecnológica.

TABELA 3.2 - Vale do Jaguari - indicadores de escolaridade - 2000
(pessoas acima de 25 anos)

Municípios	Anos de Estudo (anos)	Analfabetos (%)	Ensino Superior (%)
Cacequi	5,34	12,10	3,30%
Capão do Cipó	nd	nd	nd
Jaguari	5,44	9,40	3,96%
Mata	4,65	10,30	2,29%
Nova Esperança do Sul	4,89	10,70	1,75%
Santiago	6,25	8,00	6,50%
São Francisco de Assis	4,62	13,90	4,38%
São Vicente do Sul	5,47	11,40	4,16%
Unistalda	3,97	15,40	0,41%
Media Vale do Jaguari	5,08	11,40	4,82%
Rio Grande do Sul	6,40	9,20	6,87%

Fonte: IPEADATA – www.ipea.gov.br/ipeadata

Pode-se dizer que melhorias educacionais agregavam um valor a capacidade produtiva destas economias, visto como uma expansão na acumulação de conhecimento melhora substancialmente a produtividade agregada, impactando em uma expansão da riqueza destas localidades.

O desenvolvimento humano pode ser mesurado pelo IDH e, no caso de Rio Grande do Sul a Fundação de Economia e Estatística (FEE) calcula o IDESE – Índice de Desenvolvimento Socioeconômico.¹⁴

No caso de Vale do Jaguari, o IDESE para a maioria dos municípios é menor que a média do estado, com exceção de Santiago. Entretanto, todos os municípios estão classificados como médio desenvolvimento humano ou socioeconômico (**tabela 3.3**). O baixo IDESE na maioria dos municípios pode ser explicado pelas dimensões **renda e condições de saneamento e moradia**.

¹⁴ O Idese – Índice de desenvolvimento socioeconômico é um índice sintético, composto por 12 indicadores divididos em quatro blocos temáticos: Educação; Renda; Saneamento e Domicílios; e Saúde. Esses indicadores são transformados em índices e, então, agregados segundo os blocos aos quais pertencem, gerando, assim, quatro novos índices (um para cada bloco). O Idese é o resultado da agregação dos índices desses blocos. (www.fee.rs.gov.br)

TABELA 3.3 - Vale do Jaguari - IDESE

Municípios	2000	2005
Cacequi	0,672	0,684
Capão do Cipó	nd	0,632
Jaguari	0,666	0,677
Mata	0,624	0,630
Nova Esperança do Sul	0,705	0,702
Santiago	0,756	0,773
São Francisco de Assis	0,65	0,668
São Vicente do Sul	0,689	0,696
Unistalda	0,621	0,644
Media Vale do Jaguari	0,673	0,678
Rio Grande do Sul	0,752	0,761

Fonte: FEE – www.fee.rs.gov.br

3.1 ESTRUTURA PRODUTIVA

A região do Vale do Jaguari apresentou um PIB total de R\$ 1.009 milhões, em 2006, o que correspondia 0,64% do total do estado. Este percentual de participação não se alterou muito nos últimos 5 anos, com maior participação no ano de 2003, com 0,71% do total.

TABELA 3.4 - Vale do Jaguari - PIB total crescimento médio anual

Municípios	2002	2003	2004	2005	2006	Crescimento Médio anual*
Cacequi	113.460	127.718	126.043	106.619	125.290	0,17%
Capão do Cipó	38.085	85.402	42.747	24.998	55.195	-4,86%
Jaguari	106.060	100.187	99.701	91.934	105.934	-0,88%
Mata	34.000	35.746	36.387	34.183	40.781	3,19%
Nova Espe. do Sul	106.498	100.138	82.781	60.795	55.999	-17,84%
Santiago	356.748	355.392	360.173	352.498	378.386	1,10%
São Francisco de Assis	137.117	153.512	134.608	131.434	154.230	0,80%
São Vic. do Sul	72.737	75.347	78.370	68.257	69.862	-1,79%
Unistalda	19.474	22.941	20.334	18.030	23.436	1,30%
Vale do Jaguari	984.184	1.056.387	981.149	888.754	1.009.117	-1,23%
RS	146.799.436	149.220.533	154.200.057	149.951.615	156.882.623	1,38%

Fonte: FEE – www.fee.rs.gov.br

Obs: Valores em mil R\$, deflacionados pelo Deflator Implícito do PIB do RS

* Calculado pelo autor

Do ponto de vista dos municípios o maior PIB é de Santiago com R\$ 378 milhões em 2006, o que correspondia a 37,50% do total da Região, seguido por São Francisco de Assis com 15,30% e Cacequi com 12,40% do total, constituindo-se os 3 maiores municípios da região em termos de PIB. (**Tabela 3.4**)

Cabe destacar no período analisado a diminuição do PIB de Nova Esperança do Sul que em 2002 era de R\$ 106 milhões em 2006 cai para 55 milhões, ou de uma participação na região de 10,78% em 2002 para 5,55% em 2006. Esta queda é explicada pela crise do setor coureiro-calçadista do município que representa uma parcela significativa da renda e do emprego do município.

TABELA 3.5 - Vale do Jaguari - PIB per capita e crescimento médio anual

Municípios	2002	2003	2004	2005	2006	Crescimento Médio anual*
Cacequi	5.377	6.077	6.020	5.113	6.032	0,57%
Capão do Cipó	10.542	23.503	11.701	6.801	14.933	-5,43%
Jaguari	6.139	5.813	5.799	5.360	6.191	-0,64%
Mata	4.383	4.608	4.691	4.407	5.258	3,19%
Nova Esperança do Sul	18.525	17.222	14.101	10.221	9.312	-18,67%
Santiago	5.051	5.001	5.037	4.900	5.228	0,48%
São Francisco de Assis	4.755	5.333	4.685	4.582	5.387	0,97%
São Vicente do Sul	6.110	6.266	6.453	5.566	5.641	-2,77%
Unistalda	5.231	6.135	5.413	4.779	6.184	0,85%
Vale do Jaguari	5.770	4.953	4.612	4.270	5.849	-1,21%
Rio Grande do Sul	10.056	10.108	10.330	9.935	10.282	0,27%

Fonte: FEE – www.fee.rs.gov.br

Obs: Valores em R\$, deflacionados pelo Deflator Implícito do PIB do RS

* Calculado pelo autor

Quanto ao PIB Per capita (**Tabela 3.5**) do Vale do Jaguari, em 2006 foi de R\$ 5.849,00, ou seja, 56,88% do observado no Estado. Este percentual foi abaixo de 40% nos anos de 2003, 2004 e 2005. Cabe destacar que em 2006, apenas um município – Capão do Cipó - do Vale do Jaguari apresentou PIB per capita maior que o estadual.

As diferenças entre o PIB per capita médio do estado e os municípios do Vale do Jaguari podem melhor ser visualizadas, na **Figura 3.2**.

O alto PIB per capita do município de Capão do Cipó pode ser explicado pelo elevado Valor Adicionado das atividades agropecuárias (principalmente a

cultura da soja) e a baixa população do município. Portanto no momento da divisão tem-se uma média elevada.

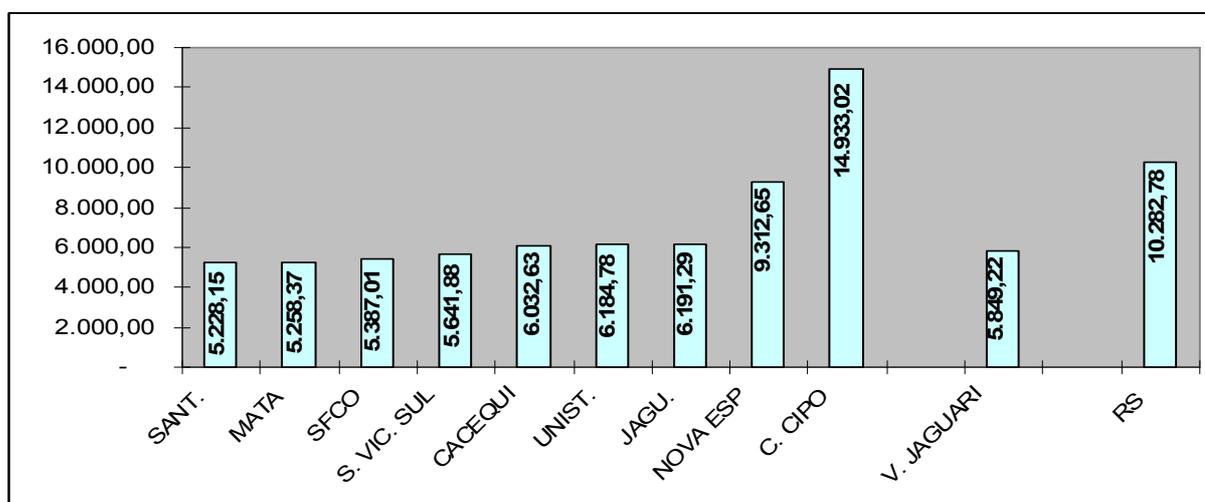


FIGURA 3.2 - Vale do Jaguari - PIB per capita

Fonte: FEE – www.fee.rs.gov.br

Quando se considera a taxa média de crescimento do PIB total no período 2002/2006, nota-se que a região do Vale do Jaguari teve um decréscimo médio de 1,23% ao ano, contra um crescimento de 1,38% para o estado, no mesmo período. Destaca-se neste período o decréscimo significativo de Nova Esperança do Sul e o considerável crescimento de Capão do Cipó, Unistalda e Mata. Cabe ressaltar que estes três municípios juntos não representavam 12% do total da região em 2006 e Santiago que representava 37,50% do PIB da região apresentou crescimento abaixo da média do estado no período, o que explica o fraco desempenho da região. (ver Tabela 3.4)

TABELA 3.6 - Vale do Jaguari - estrutura do Valor Adicionado Bruto(VAB) - 2006
(em % do total)

Municípios	Agricultura	Indústria	Serviços
Cacequi	43,74	6,74	49,52
Capão do Cipó	64,20	3,53	32,27
Jaguari	34,80	11,69	53,51
Mata	36,45	10,00	53,55
Nova Esperança do Sul	16,05	41,62	42,32
Santiago	12,91	11,77	75,33
São Francisco de Assis	37,03	6,60	56,37
São Vicente do Sul	38,73	8,17	53,10
Unistalda	52,89	4,80	42,32
Rio Grande do Sul	9,27	28,16	62,57

Fonte: FEE – www.fee.rs.gov.br

Observa-se pela **Tabela 3.6** que na maior parte dos municípios o valor adicionado é gerado pela agricultura. Cabe destaque os municípios de Nova Esperança do Sul com forte presença industrial e Santiago, com participação expressiva do setor de serviços.

O baixo desenvolvimento do setor industrial se verifica através dos empregos com carteira assinada gerados, que em 2007, para o total das atividades foram 13.506 empregos e destes apenas 15,70% foram gerados na indústria de transformação, sendo que quase a metade destes gerados no município de Nova Esperança do Sul (**Tabela 3.7**).

TABELA 3.7 - Vale de Jaguari - empregos por setor de atividade – 2007

SETORES/ MUNICÍPIOS	Cacequi	Capão do Cipó	Jaguari	Mata	Nova Esperança do Sul	Santiago	São Francisco de Assis	São Vicente do Sul	Unistalda	Total
Extrat. Mineral	5	0	0	0	0	3	0	0	0	8
Indústria Transformação	10	2	182	34	1.184	575	18	37	0	2.042
Serv Ind Utilidade Publica	11	0	8	2	6	54	13	10	2	106
Construção Civil	28	1	24	9	2	279	6	3	0	352
Comercio	356	23	287	67	106	1.903	384	199	11	3.336
Serviços	123	3	193	77	44	1.557	442	249	1	2.689
Administração Publica	432	157	314	182	149	1.065	620	264	135	3.318
Agropecuária	363	52	55	20	19	631	201	286	28	1.655
Total	1328	238	1063	391	1510	6067	1684	1048	177	13506

Fonte: RAIS/MTE – www.mte.gov.br

Com base nos dados do número de empregos e empresas de 2007, nota-se que a média é de 5,51 empregados por empresa, caracterizando-se um ambiente de micro e pequenas empresas. Para o setor industrial a média é de 12,09 empregados por empresa, influenciada pela média de Nova Esperança do Sul que é de 27 empregados por empresa.

Na indústria de transformação, em 2007, existiam 175 empresas, que representavam apenas 7,13% do total de empresas do Vale do Jaguari. Cabe destacar que quase a metade(45,71%) das unidades industriais, estavam localizadas no município de Santiago (**Tabela 3.8**).

Com base nos dados apresentados, pode-se tecer algumas considerações importantes sobre a região de Vale do Jaguari, que servirão de base para as análises posteriores e justificativa para o presente trabalho.

TABELA 3.8 - Vale de Jaguari - empresas por setor de Atividade – 2007

SETORES/ MUNICÍPIOS	Cacequi	Capão do Cipó	Jaguari	Mata	Nova Esperança do Sul	Santiago	São Francisco de Assis	São Vicente do Sul	Unistalda	Total
Extrat. Mineral	1	0	0	0	0	2	0	0	0	3
Indústria Transformação	7	1	30	10	26	80	12	9	0	175
Serv Ind Utilidade Publica	2	0	3	1	1	2	2	3	1	15
Construção Civil	7	2	18	4	3	120	8	4	0	166
Comercio	73	7	92	32	45	461	84	61	10	865
Serviços	32	1	56	14	20	271	49	28	3	474
Administração Publica	2	1	1	1	2	2	2	1	1	13
Agropecuária	144	22	46	14	11	269	110	114	12	742
Total	268	34	246	76	108	1.207	267	220	27	2.453

Fonte: RAIS/MTE – www.mte.gov.br

Deve-se considerar que o Vale do Jaguari possui uma estrutura produtiva pouco diversificada, com forte dependência das atividades agropastoris. Além disso, do ponto de vista das atividades a região é heterogênea, mesclando municípios com base agropecuária e grandes e médias propriedades (Cacequi, Santiago, Capão do Cipó, São Francisco de Assis, São Vicente do Sul e Unistalda) e outros onde predomina a agricultura familiar e pequenas propriedades (Nova Esperança de Sul, Mata, Jaguari)¹⁵.

Quanto ao capital humano à região do Vale do Jaguari apresenta indicadores de escolaridade menores que os observados no estado. O que chama a atenção é a baixo índice de pessoas com ensino superior, que com exceção de Santiago, os demais municípios apresentavam percentuais no mínimo a metade do observado no estado como um todo. Isso deve poder se constituir um limitador para o desenvolvimento de novas atividades se as mesmas demandarem mão de obra mais especializada, ou com grau de escolaridade mais elevada.

Os projetos e programas de desenvolvimento da região postos em prática nas duas últimas décadas partiram da premissa de aproveitamento das potencialidades locais, em especial a agroindustrialização de produtos primários e o incentivo ao turismo com a constituição de rotas (gastronômica, históricas e paleontológicas (SEBRAE/RS).

¹⁵ Segundo os dados preliminares do Censo Agropecuário – 2006 a média de hectares dos estabelecimentos agropecuários eram: Cacequi (373); Capão do Cipó (116); Jaguari (32); Mata (28); Nova Esperança do Sul (36); Santiago (114); São Francisco de Assis (80); São Vicente do Sul (94) e Unistalda (103).

Estas tentativas, apesar do esforço, não mostraram fôlego para mudar a matriz produtiva da região e diminuir a dependência do setor primário nem foram capazes de gerar empregos duradouros para o grosso da população que vive nas cidades¹⁶. Exemplo disso é a migração de parte da população em busca de emprego, que pode ser verificada pela queda da população na maioria dos municípios, no período 2000-2007.

Neste sentido, tentar entender que fatores são responsáveis para explicar o desenvolvimento e a competitividade de uma região e como os mesmos se articulam internamente no território, torna-se tarefa importante para determinar quais os limites e as possibilidades que a sociedade local tem de decidir seu próprio caminho. Estes fatores fazem parte do que Barquero (2001) chama de “desenvolvimento endógeno”. Para o autor,

o desenvolvimento endógeno pode ser visto como um processo de crescimento econômico e de mudança estrutura, liderado pela comunidade local ao utilizar seu potencial de desenvolvimento, que leva à melhoria do nível de vida da população(p. 41)

Mais importante ainda torna-se conhecer de que forma estes fatores estão presentes e incidem numa região afastada dos grandes centros urbanos e com forte predominância econômica do setor primário e com indústria incipiente. Este é o caso da microrregião do Vale do Jaguari, localizada na Metade Sul do Rio Grande do Sul, objeto de reiteradas políticas públicas de âmbito federal e estadual para tentar reverter o baixo dinamismo econômico e reduzir a desigualdade relativa *vis a vis* a outras regiões do estado.

Diante destas considerações faz-se necessário questionar quais os setores industriais são capazes de mudar o perfil produtivo da região, aumentando relativamente à participação do setor industrial e quais as condições sociais – denominada anteriormente de capital social – presentes e necessários para impulsionar estes setores, tendo assim condições de inferir sobre as políticas públicas.

¹⁶ Segundo dados do Censo 2000 do IBGE a taxa de urbanização na região do Vale do Jaguari era de 74,17%, sendo que Santiago tinha a maior taxa (86,47%) e Unistalda a menor taxa (31,35%)

4 METODOLOGIA

Para responder a questão de pesquisa buscou-se, mensurar o Capital Social da região, construindo-se um Índice para cada município do Vale do Jaguari e identificar os setores estratégicos.

Para a construção do índice de capital social foi realizada pesquisa direta nos domicílios, e para a identificação dos setores estratégicos, utilizaram-se dados disponíveis de emprego e número de empresa da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) do Ministério do Trabalho e coleta de informações junto às empresas.

4.1 MENSURAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL

Para a mensuração do capital social foi usado o Questionário Integrado para Medir Capital Social (QI-MCS) desenvolvido pelo Banco mundial¹⁷. O objetivo do questionário é prover um conjunto de questões essenciais do tipo *survey* para todos aqueles interessados em gerar dados quantitativos sobre várias dimensões do capital social. Cada questão incluída no documento foi retirada de *surveys* anteriores sobre capital social.

Cabe destacar que o questionário foi adaptado para ser aplicado no Vale do Jaguari, após uma revisão do mesmo, onde foram suprimidas questões, mudança de enunciado e alternativas acréscimo de questões e alternativas. Esta revisão é recomendada pela equipe do Banco Mundial no documento QI-MCS. O questionário completo que foi aplicado está no **Anexo 1**. O instrumento de coleta foi aplicado no período de março de 2006 a março de 2007¹⁸.

Apresentam-se, a seguir as dimensões do questionário, as questões que a compõe, o peso de cada dimensão na formação do Índice do Capital Social para o Vale do Jaguari (ICS-VJ), bem como a forma de abordagem de cada questão (identificação da variável).

17 www.worldbank.org/poverty/scapital/library/surveys.htm.

18 Como parte de projeto financiado pelo PROCOREDES/FAPERGS

4.1.1 Definição da Amostra

A amostra foi calculada com base no número de domicílios urbanos da região. Nos oito municípios do Vale do Jaguari, segundo o IBGE em 2000 eram 24.824 domicílios urbanos e amostra foi definida com base num intervalo de confiança de 95% e um erro máximo de estimativa de 4%, o que seriam necessários um total de 600 questionários.

Foram entrevistados 641 domicílios e para cada município foi utilizado o percentual de domicílios em relação ao total. Assim, por exemplo, o município de Jaguari representava 8,2% dos domicílios da região e por isso a amostra necessária seria de 52 domicílios. O numero de questionários de cada município pode ser visto no **Quadro 4.1**¹⁹.

Municípios	Questionários Validos
Cacequi	38
Jaguari	52
Mata	14
Nova Esperança do Sul	21
Santiago	327
São Francisco de Assis	129
São Vicente do Sul	43
Unistalda	17
TOTAL	641

QUADRO 4.1 - Tamanho da amostra

Fonte: calculado pelo autor

4.1.2 Calculo do Índice de Capital Social – ICS

Para o cálculo do índice utilizou-se para cada questão dentro da dimensão o método da diferença entre o valor observado o limite inferior (menor valor) dividido pelo limite superior (maior valor) menos o limite inferior.

¹⁹ O município de Capão de Cipó foi excluído da amostra, pois estava em fase de implantação administrativa (emancipado em 2000) e a maior parte da população reside no meio rural, dificultando o acesso aos domicílios.

$$I_{xj} = \frac{Y_{xj} - LI_x}{LS_x - LI_x} \quad (1)$$

Onde:

$I_{x,j}$ é o índice da questão x , para o município j ;

$y_{x,j}$ é o indicador da questão x , para o município j ;

LI_x é o limite inferior do indicador x ;

LS_x é o limite superior do indicador x .

A utilização de limites no cálculo dos índices implica que um município, se possuir o indicador mínimo, terá um índice 0 (zero) para esse indicador, ou seja, será classificado quanto a esse indicador como tendo desenvolvimento nulo. Analogamente, unidades geográficas que possuam o indicador máximo terão um índice 1 (um) para esse indicador e serão classificadas como totalmente desenvolvidas quanto a este.

Assumiu-se que o valor máximo observado seja o limite superior e o valor mínimo o limite inferior, pela fala de outros estudos comparativos que permitissem a adoção de um padrão como é utilizado, por exemplo, no caso do IDH pela ONU.

A variável para cada questão das variáveis foi definida com base nos percentuais de respostas ou médias das respostas. Assim, no caso da **questão 2**, onde a variável foi **mais de 5 vezes**, considerou-se como um bom capital social a participação de mais de 5 vezes nos últimos 12 meses em reuniões e trabalhos dos grupos. Os dados consolidados de todas as questões estão mostrados no **Anexo 2**. Os percentuais de cada questão nas dimensões são mostrados no **Anexo 3**.

O Índice de cada dimensão para o município é determinado pela média aritmética do índice de cada questão dentro da dimensão. Após o índice de cada dimensão é multiplicado pelo peso da dimensão, conforme visto no **quadro 4.8**, e a soma dos mesmos fornece o Índice de Capital Social do Município.

4.1.3 As Dimensões do Banco Mundial

Aqui serão apresentadas as dimensões utilizadas pelo Banco Mundial para a mensuração do Capital Social, bem como as questões do questionário que fazem parte de cada dimensão.

4.1.3.1 Grupos e Redes

Esta é a categoria mais comumente associada ao capital social. As questões nesta seção consideram a natureza e a extensão da participação de um membro de um domicílio em vários tipos de organização social e redes informais, assim como as várias contribuições dadas e recebidas nestas relações. Também considera a diversidade das associações de um determinado grupo, como suas lideranças são selecionadas, e como mudou o envolvimento da pessoa com o grupo ao longo do tempo.

A eficácia com que o capital social estrutural, na forma de associações e redes, cumpre o papel de contribuir com a disseminação das informações, a redução do comportamento oportunista e a tomada de decisões coletiva, depende de vários aspectos desses grupos, refletindo sua estrutura, sua associatividade, e o modo como funcionam. As questões exploraram quatro dimensões fundamentais: a densidade de associação, a diversidade de associações, o nível de funcionamento democrático, e a extensão das conexões com outros grupos (WOOLCOCK et al., 2003). Em geral, acredita-se que as organizações que seguem um padrão democrático de tomada de decisões sejam mais eficazes do que as outras.

Esta dimensão aborda aspectos como: o número e tipos de associações que os membros do domicílio participam; os benefícios que as pessoas obtêm ao fazer parte destes grupos; o grau de homogeneidade; as formas de participação; liderança; a forma como o grupo interage com os demais grupos de dentro e de fora da comunidade.

Para esta dimensão foram consideradas as questões de 1 a 16, conforme quadro 4.2²⁰.

Questões	variável
1. Quais dessas associações os membros do domicílio participam?	Média
2. Quantas vezes, nos últimos 12 meses, alguém deste domicílio participou das atividades desses grupos, por exemplo, participando de reuniões ou realizando algum trabalho de grupo?	Mais de 5 vezes
3. Como uma pessoa passa a ser um membro deste grupo?	escolha voluntária
4. Qual é o maior benefício de se fazer parte deste grupo?	Média
5. O grupo ajuda o seu domicílio a ter acesso a algum dos seguintes serviços?	média
6. Pensando nos membros deste grupo, a maioria deles é do(a) mesmo(a)	moda
7. Nos últimos cinco anos, o tamanho do grupo diminuiu, permaneceu o mesmo ou aumentou?	aumentou
8. Quando há uma decisão a ser tomada no grupo, geralmente, como isso acontece?	escolha democrática
9 Como são escolhidos os líderes nesse grupo?	escolha democrática
10. De modo geral, você diria que a liderança do grupo é..	muito efetiva
11. Esse grupo trabalha ou interage com outros grupos, com objetivos semelhantes?	média
12. Quantos amigos próximos você diria que tem hoje? Essas pessoas são aquelas com quem se sente à vontade, para conversar a respeito de assuntos particulares, ou chamar quando precisa de ajuda.	Mais de 6
13. Se de repente você precisasse de uma pequena quantia em dinheiro, quantas pessoas, de fora do seu domicílio, estariam dispostas a lhe fornecer este dinheiro, se você pedisse a elas?	Mais de 3
14. Se de repente você precisasse viajar por um ou dois dias, você poderia contar com seus vizinhos para tomarem conta das suas crianças?	Definitivamente sim
15 Se de repente você se deparasse com uma situação de emergência mais grave quantas pessoas, de fora do seu domicílio, estariam dispostas a lhe ajudar?	Mais de 3
16. Nos últimos 12 meses, quantas pessoas com um problema pessoal lhe pediram ajuda?	Mais de 6

QUADRO 4.2 - Questões para a dimensão Grupos e Redes

Fonte: QI-MCS – Banco Mundial – Adaptado pelo autor

4.1.2.2 Confiança e Solidariedade

As abordagens sobre capital social são centradas na confiança em geral (até que ponto se confia nas pessoas em geral), e em até que ponto se confia em tipos específicos de pessoas. A confiança também é observada no contexto de transações específicas, tais como emprestar e tomar emprestado (WOOLCOCK et al. 2003).

²⁰ O questionário apresentado pelo Banco Mundial traz o conjunto de questões para cada dimensão. No nosso caso foram adaptadas, reescritas ou suprimidas algumas, conforme o próprio texto explicativo que acompanha o questionário sugere.

Para o cálculo desta dimensão foram utilizadas as questões de 17 a 20 do questionário.

Questões	variável
17. Você confia totalmente ou parcialmente nas pessoas das categorias abaixo?	Média
18. Você acha que nos últimos cinco anos, o grau de confiança neste(a) bairro/localidade melhorou, piorou ou permaneceu mais ou menos o mesmo?	melhorou
19. Hoje em dia, com que frequência você diria que as pessoas neste (a) bairro/localidade ajudam umas às outras?	Ajudam sempre/quase
20. Se um projeto da comunidade não lhe beneficia diretamente, mas tem benefícios para muitas outras pessoas do (a) bairro/localidade, você contribuiria com seu tempo ou dinheiro para o projeto?	media

QUADRO 4.3 - Questões para a dimensão Confiança e Solidariedade

Fonte: QI-MCS – Banco Mundial – Adaptado pelo autor

3.1.2.3 Ação Coletiva e Cooperação

A ação coletiva somente é possível quando há um nível significativo de capital social à disposição na comunidade. Esta categoria investiga se e como os membros do domicílio têm trabalho com outras pessoas em sua comunidade, em projetos conjuntos e/ou como resposta a uma crise. Também considera as conseqüências do não cumprimento das expectativas em relação à participação (WOOLCOCK et al. 2003). A ação coletiva é um aspecto importante da vida de uma comunidade em muitos países, embora os objetivos da ação possam diferir bastante. Para analisar esta dimensão foram consideradas as questões 21, 22 e 23.

Questões	variável
21. Qual é a probabilidade de uma pessoa que não participe em atividades comunitárias, seja criticada ou punida?	Muito provável
22. Quantas pessoas neste (a) bairro / localidade, contribuem com tempo ou dinheiro para objetivos de desenvolvimento comuns.	Mais da metade
23. Se houvesse uma possibilidade nessa comunidade de começar uma iniciativa econômica em conjunto, qual a probabilidade das pessoas cooperarem para realizar este objetivo?	Muito provável

QUADRO 4.4 - Questões para a dimensão Ação Coletiva e Cooperação

Fonte: QI-MCS – Banco Mundial – Adaptado pelo autor

4.1.3.4 Informação e Comunicação

O acesso à informação tem sido reconhecido cada vez mais como fundamental para ajudar as comunidades empobrecidas a terem uma voz mais ativa em assuntos relativos ao seu bem-estar (WOOLCOCK et al. 2003). Esta categoria de questões explora os meios pelos quais os domicílios recebem informações relativas às condições de mercado e serviços públicos, e até onde têm acesso às infra-estruturas de comunicação, bem como as modificações ao longo do tempo (melhorias ou não).

Nesta dimensão as questões consideradas foram de 24 a 28.

Questões	variável
24. Você ouve o rádio, assiste televisão ou lê revista/jornal diariamente?	media
25. Qual a fonte de informação mais importante a respeito do que o governo está fazendo (tais como geração de emprego, educação planejamento familiar etc.)?	Número de citações
26. Qual a fonte de informação de informação mais importantes sobre o mercado (tais como empregos, preços de produtos e safras)?	Número de citações
27. Em geral, em comparação há cinco anos atrás, o acesso à informação melhorou, piorou ou permaneceu mais ou menos o mesmo?	melhorou
28. De que maneira você tem acesso a outras regiões ou cidades?	media

QUADRO 4.5 - Questões para a dimensão Informação e Comunicação

Fonte: QI-MCS – Banco Mundial – Adaptado pelo autor

4.1.3.5 Coesão e Inclusão Social

As “comunidades” não são entidades coesas, mas antes se caracterizam por várias formas de divisão e diferenças que podem levar ao conflito. A presença de conflito em uma comunidade ou em uma área maior é com frequência um indicador da falta de confiança ou de capital social estrutural apropriado para resolver conflitos, ou ambos.

A seção sobre inclusão abrange desde percepções gerais sobre o sentimento de comunhão e unidade social da comunidade, até experiências com exclusão. O questionário explora os sentimentos de insegurança, originados pelo medo do crime e da violência. Para esta dimensão foram consideradas as questões 29 a 40.

Questões	variável
29. Como você descreveria o grau de comunhão ou proximidade em seu (sua) bairro/ localidade?	próximo
30. Até que ponto você diria que as pessoas são diferentes no (a) seu(sua) bairro / localidade?	Pouco diferentes
31. Há grupos de pessoas no (a) bairro/localidade que não conseguem ter acesso a alguns dos seguintes serviços?	Media do Não
32. Há alguma atividade comunitária da qual você gostaria de participar, mas não participar?	não
33. No último mês, quantas vezes você se encontrou com pessoas em um local público para conversar, ou para comer, ou beber?	Mais de 6
34. No último mês, quantas vezes as pessoas visitaram-no em sua casa?	Mais de 6
35. No último mês, quantas vezes você visitou outras pessoas em suas casas?	Mais de 6
36. Nos últimos três meses, quantas vezes você se reuniu com outras pessoas para jogar, praticar esportes, ou outras atividades recreativas?	Mais de 6
37. Quantas vezes, nos últimos 12 meses, você participou de uma cerimônia familiar ou de um festival no (a) bairro/localidade? (casamento, enterro, festival religioso, etc.)?	Mais de 6
38. Em sua opinião, esse (a) bairro/localidade é geralmente pacífico (a) ou marcado (a) pela violência?	Muito pacífico
49. Em geral, como você sente em relação ao crime e à violência quando está sozinho em casa?	seguro
40. Como você se sente ao andar sozinho (a) na sua rua depois de escurecer?	seguro

QUADRO 4.6 - Questões para a dimensão Coesão e Inclusão Social

Fonte: QI-MCS – Banco Mundial – Adaptado pelo autor

4.1.3.6 Autoridade ou Capacitação e Ação Política

Autoridade ou capacitação (empowerment) refere-se à expansão dos recursos e capacidades das pessoas em tomar parte, negociar, influenciar, controlar e responsabilizar instituições que afetam suas vidas (BANCO MUNDIAL apud WOOLCOCK et al. 2003)²¹. Autoridade ou capacitação (empowerment) é atribuída a uma ampla variedade de ações, tais como tornar as instituições estatais mais ágeis na assistência aos pobres, remover barreiras sociais e criar oportunidades sociais.

Autoridade ou capacitação (empowerment) é definida mais precisamente como a habilidade para tomar decisões que afetam as atividades cotidianas e que podem mudar o curso de vida das pessoas. A categoria aborda diversas ações políticas concretas, tais como escrever petições, participar de reuniões abertas, reuniões com políticos, participar de demonstrações e campanhas e votar em

²¹ WOOLCOCK, M., et al. **Questionário integrado para medir capital social (QI-MCS)**. Banco Mundial. Junho de 2003. Disponível : www.worldbank.org

eleições. Analisou-se nesta categoria o nível de interação entre as pessoas e os representantes, bem como a interação destes com a Comunidade local.

Para tanto foram analisadas as questões de número 41 a 51 do questionário.

Questões	variável
41. Em geral, você se considera uma pessoa...	Muito feliz
42. Qual o controle que você sente que tem para tomar as decisões que afetam as suas atividades diárias?	controla
43. Você sente que tem poder para tomar decisões importantes, que podem mudar o curso da sua vida?	capaz
44. No geral, qual o impacto que você acha que tem em fazer esse (a) bairro/ localidade um lugar melhor para se viver?	Grande impacto
45. Nos últimos 12 meses, quantas vezes as pessoas neste (a) bairro/ localidade se reuniram para entregar conjuntamente um pedido a membros do governo, do poder judiciário, a conselhos ou a líderes políticos, pedindo algo em benefício da comunidade?	Mais de 5
46. Alguma dessas petições teve sucesso?	sim
47. Você lembra em quem votou na última eleição?	media
48. Dos eleitos, você acompanha a atuação?	sim
49. Até que ponto o governo local e os líderes locais levam em consideração as preocupações manifestadas por você e por outras pessoas como você, quando tomam decisões que afetam a todos?	levam
50. Em sua opinião, qual é o grau de honestidade dos membros e funcionários das seguintes agências?	honestos
51. Em geral, em comparação há cinco anos atrás, a honestidade do governo local melhorou, piorou ou permaneceu mais ou menos a mesma?	melhorou

QUADRO 4.7 - Questões para a dimensão Autoridade ou Capacitação e Ação Política
Fonte: QI-MCS – Banco Mundial – Adaptado pelo autor

4.1.4 Peso das Dimensões

As experiências realizadas pelo Banco Mundial, não determinaram o peso que deve ser considerado para cada variável, uma vez que as mesmas se limitaram a aplicar o instrumento piloto e não tinham a preocupação de construir um Índice de Capital Social. Entretanto, Woolcock et al. (2003) explica que a ponderação, ou importância de cada dimensão é dada pelo grupo que se está analisando. No nosso caso, como a pesquisa foi aplicada na região toda e não num grupo específico, devendo definir a ponderação a priori.

Os pesos foram calculados como base na técnica dos Componentes Principais²², apresentada por Crocco et al. (2003) no texto “**Metodologia de Identificação de Arranjos Produtivos Locais Potenciais: Uma Nota Técnica.** Com base na matriz de coeficientes e a variância dos componentes, permite que se conheça qual a importância de cada uma das variáveis para a explicação de 100% da variância total dos dados. Para tanto, utilizou-se o índice calculado para cada uma das dimensões e, com isso, determinar os pesos, conforme o **Quadro 4.8.**

DIMENSÕES	PESOS
Grupos e Redes	18,00%
Confiança e Solidariedade	16,00%
Ação Coletiva e Cooperação	29,00%
Informação e Comunicação	19,00%
Coesão e Inclusão Social	8,00%
Autoridade e Ação Política	10,00%
TOTAL	100,00%

QUADRO 4.8 - Pesos das dimensões do capital social

Fonte: Calculado pelo autor com base em Crocco(2003).

4.2 IDENTIFICAÇÃO DOS SETORES ESTRATÉGICOS

Os setores industriais estratégicos ou que possuem capacidade de se tornar em arranjos produtivos locais, foram identificados a partir do Quociente de Localização (QL) ou Índice de Especialização será calculado através da seguinte fórmula:

$$QL = \frac{\text{Número de empregados no setor } i \text{ na microrregião } A / \text{Número de empregados de todos os setores na microrregião } A}{\text{Número de empregados no setor } i \text{ no Estado do RS} / \text{Número de empregados de todos os setores no Estado do RS}} \quad (2)$$

²² A técnica de análise de componentes principais (ACP) serve para descrever a variância total de uma nuvem de n pontos no espaço de dimensão p , denotado por R^p , extraído dessa nuvem de pontos um novo conjunto de variáveis de mesma dimensão, ortogonais e não-correlacionadas, denominadas de componentes principais. Esse novo conjunto de variáveis é formado por meio de combinações lineares normalizadas a partir do conjunto original de dados, de tal maneira que cada componente principal gerada apresenta a maior variância possível, ou seja, cada componente é orientada na direção da maior dispersão dos dados (JOHNSON; WICHERN, 1992).

Para o cálculo do QL para respectivo setor (classe de indústria CNAE 4 dígitos), utilizou-se os dados da RAIS, disponíveis no Ministério do Trabalho, para o ano de 2007.

Com base no cálculo dos QLs para os setores industriais, serão selecionados os mais representativos e enquadrados na metodologia de **mapeamento e caracterização** de sistemas locais de produção, Suzigan et al. (2003).

Com base nas informações do capital social e a caracterização dos setores estratégicos, para a formação dos APLs será feita a relação entre estes dois conceitos de forma a entender qual o papel do capital social na construção/consolidação dos arranjos e quais as políticas públicas necessárias para que se construa um modelo de desenvolvimento endógeno para o Vale do Jaguarí.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados serão analisados com base nas informações dos questionários aplicados e na consolidação de dados secundários. O capítulo está dividido, em três partes: o capital social no Vale do Jaguari; identificação dos setores prioritários com possíveis APLs e; a consolidação do capital social com os arranjos produtivos locais.

5.1 O CAPITAL SOCIAL NO VALE DO JAGUARI

Com base nas entrevistas nos domicílios de sete municípios do Vale do Jaguari tem-se uma visão panorâmica do Capital Social dentro das seis dimensões propostas pelo Banco Mundial e descritas na metodologia.

Através da ponderação apresentada na metodologia, calculou-se o índice de capital social para o Vale do Jaguari (ICS-VJ) e pode ser visualizada na **tabela 5.1**.

TABELA 5.1 - Vale do Jaguari - índice de capital social (ICS-VJ)

Municípios	Índice
Cacequi	0,34017
Jaguari	0,61097
Mata	0,63714
Nova Esperança do Sul	0,39289
Santiago	0,41486
São Francisco de Assis	0,45121
São Vicente do Sul	0,61097
Unistalda	0,49875

Fonte: Calculado pelo autor

Como o índice varia de zero a um, adotou-se a seguinte definição:

- 0 < ICS-VJ ≤ 0,5, significa baixo nível de acumulação de capital social;
- 0,5 < ICS-VJ ≤ 0,8, significa médio nível de acumulação de capital social;
- 0,8 < ICS-VJ ≤ 1,0, significa alto nível de acumulação de capital social.

Assim, os municípios de Jaguari, Mata e São Vicente do Sul apresentaram ICS maior que 0,5, ou seja, um médio nível de acumulação de Capital Social e, os demais um baixo nível.

A análise dos resultados pelas seis dimensões dará uma visão mais detalhada da situação de cada um dos municípios.

5.1.1 Grupos e Redes

Quanto à dimensão **Grupos e Redes**, nota-se uma alta participação voluntária em associações, com médias mais altas para os municípios de Nova Esperança do Sul e Mata. No caso de Nova Esperança do Sul, mais de 90% dos entrevistados disseram que participavam de igrejas ou grupos religiosos e para Mata 85,71% para este tipo de grupo. Para o grupo sociedade recreativa ou clube social os percentuais de participação para estes municípios foram 66,67% e 78,57%, respectivamente. Por outro lado, os índices menores de participação foram observados nos municípios de Santiago e Cacequi.

Nesta dimensão, cabe destaque a alta participação em sindicatos, com exceção de Cacequi e, para os municípios de Jaguari, Mata e Unistalda, significativa participação em Associação de Agricultores e Pecuáristas, com uma média de 15,13% de participação no Vale do Jaguari. Também, deve-se considerar a participação em cooperativas com uma média de 17,94% das citações para a região, com, tendo os municípios de Nova Esperança do Sul, Mata e Jaguari com maiores participações.

TABELA 5.2 - Vale do Jaguari - frequência anual de participações nos grupos

	Santiago	S. Vic.	N. Esp	Jaguari	S. Franc.	Unist.	Mata	Cacequi	Total
Nenhuma	39,45%	20,93%	23,81%	26,92%	20,93%	5,88%	14,29%	44,74%	31,83%
de 1 a 5	15,60%	16,28%	19,05%	23,08%	34,88%	29,41%	28,57%	13,16%	20,75%
mais de 5	44,95%	62,79%	57,14%	50,00%	44,19%	64,71%	57,14%	42,11%	47,43%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Questionário aplicado

Quanto à frequência de participações em reuniões, considerou-se acima de cinco participações anuais como alta participação. Neste caso, os maiores percentuais foram observados em Unistalda, São Vicente do Sul, Nova Esperança

do Sul, Mata e Jaguari (**tabela 5.2**). Como destaque negativo, o município de Cacequi onde 44,74% dos entrevistados declararam não ter participado de nenhuma atividade em 12 meses e Santiago com 39,45%.

Os entrevistados na sua maioria acreditam que os grupos ajudam a ter acesso aos serviços de Cultura e Lazer. Isso se explica pelo perfil dos grupos que as pessoas participam, conforme mostrado anteriormente. Cabe frisar o elevado percentual de citações de acesso aos serviços de Educação e Qualificação.

Pela **tabela 5.3**, pode-se observar que a média de citações que consideram a escolha democrática do líder (eleição) e as decisões democráticas dentro do grupo (todos opinam e decidem) ultrapassa 50% para a região, mostrando que as pessoas se sentem incluídas nos grupos. Mas, quando questionado sobre a atuação do líder 41,81% conceituaram como uma atuação efetiva, com baixo percentual no município de São Vicente do Sul e elevado no município de Mata.

TABELA 5.3 - Vale do Jaguari - relações democráticas e atuação do líder

MUNICÍPIOS	Decisão democrática	Escolha democrática do líder	Liderança efetiva
Santiago	48,93%	50,46%	39,45%
São Vicente do Sul	54,76%	62,79%	13,95%
Nova Esperança do Sul	57,14%	52,38%	61,90%
Jaguari	53,85%	55,77%	57,69%
São Francisco de Assis	61,24%	62,02%	44,19%
Unistalda	70,59%	52,94%	47,06%
Mata	78,57%	71,43%	85,71%
Cacequi	40,54%	60,53%	34,21%
Vale do Jaguari	50,86%	55,23%	41,81%

Fonte: Questionário aplicado - 2006

Quando perguntado se o grupo interage com outros grupos com objetivos comuns dentro da localidade e fora da mesma, observou-se um maior percentual de interação com outros grupos dentro da localidade, ou seja, as relações são bastante horizontais e fechadas. Cabe destacar que no município de Jaguari, apenas 36,54% das pessoas disseram que interagem com outros grupos dentro da localidade, contra um percentual acima de 50% para os demais municípios. (**Ver tabela 5.4**)

TABELA 5.4 - Vale do Jaguari - interação com outros grupos

MUNICÍPIOS	Na localidade	Fora da Localidade
Santiago	54,13%	42,81%
São Vicente do Sul	67,44%	53,49%
Nova Esperança do Sul	61,90%	61,90%
Jaguari	36,54%	42,31%
São Francisco de Assis	66,67%	55,81%
Unistalda	52,94%	52,94%
Mata	64,29%	64,29%
Cacequi	76,32%	47,37%
TOTAL	79,25%	49,61%

Fonte: Questionário aplicado - 2006

Quanto às redes sociais, quando perguntado, quantos amigos próximos à pessoa tinha, ou seja, pessoas com quem se sente à vontade, para conversar a respeito de assuntos particulares, ou chamar quando precisa de ajuda, no total dos municípios 42,43% afirmaram possuir mais de 6 pessoas naquela condição. Cabe destaque o município de Unistalda com 70,59% e Santiago com 35,78%.

A capacidade de formar a rede fora dos laços familiares também é constatada quando perguntado, quantas pessoas fora do domicílio estariam dispostas a oferecer ajuda em dinheiro (pequena quantia) em caso de emergência. O percentual de respostas acima de 3 pessoas foi de 61,31% para o agregado dos oito municípios, com maior percentual em Unistalda com 82,35% e São Vicente do Sul com 51,16%.

TABELA 5.5 - Vale do Jaguari - índice da dimensão grupos e redes

Municípios	Índice
Cacequi	0,39904
Jaguari	0,35964
Mata	0,73922
Nova Esperança do Sul	0,65708
Santiago	0,24923
São Francisco de Assis	0,40726
São Vicente do Sul	0,31853
Unistalda	0,61688

Fonte: Calculado pelo autor

Com base nos dados das questões 1 a 16, em anexo, construímos o índice de capital social para a dimensão **grupos e redes**, conforme pode ser observado na **tabela 5.5**.

Nota-se que os municípios com maior índice nesta dimensão são Mata, Nova Esperança do Sul e Unistalda, os mesmos municípios destacados anteriormente na descrição das características. O menor índice fica com o município de Santiago com 0,24923, caracterizando-se por baixa participação em grupos ou associações ou que as relações dos indivíduos dentro da estrutura institucional são menos intensas.

5.1.2 Confiança e Solidariedade

A dimensão confiança e solidariedade foi analisada a partir das questões 17 a 20 do questionário em anexo.

Quando perguntado se a pessoa confiava muito ou totalmente nos diferentes tipos de instituições/pessoas, notou-se que o maior índice de confiança geral está nos Professores, seguido de Médicos e Enfermeiras, Colegas de trabalho ou profissão e Membros do grupo a que pertence. Todas estas categorias obtiveram um índice superior a 50% nas citações dos entrevistados (**tabela 5.6**).

Por outro lado, se observa níveis relativamente baixos de confiança em Membros do Governo Local, Membro do Governo do Estado e Federal e Comerciantes. Do ponto de vista desagregado, o município de Cacequi aparece com menor índice de confiança ficando com os menores percentuais, em comparação com os demais, na maioria dos itens perguntados. Por outro lado, nos municípios de São Vicente do Sul, Jaguari e Unistalda, apresentem percentuais mais elevados de confiança.

Neste mesmo sentido, 41,19% as pessoas do Vale do Jaguari, acreditam que a confiança nos últimos 5 anos aumentou e 45,55% acham de permaneceu a mesma. Destaque para os municípios de Nova Esperança do Sul e Cacequi com percentuais significativos de pessoas que acreditam que a confiança piorou no município.

TABELA 5.6 - Vale do Jaguari - confiança nas pessoas e instituições

	Santiago	S. Vic.	N. Esp	Jaguari	S. Franc.	Unist.	Mata	Cacequi	Total
Pessoas de nível intelectual ou grau de escolaridade igual	23,55%	60,47%	47,62%	38,46%	27,91%	35,29%	42,86%	15,79%	29,17%
Mesma Religião	37,00%	67,44%	80,95%	51,92%	41,86%	58,82%	57,14%	23,68%	42,90%
Comerciantes	33,03%	51,16%	42,86%	38,46%	27,91%	23,53%	28,57%	7,89%	32,14%
Membros do governo local, Prefeitura, Câmara de Vereadores	29,97%	44,19%	28,57%	40,38%	25,58%	47,06%	21,43%	0,00%	29,33%
Membros do governo do Estado, Federal.	5,81%	44,19%	9,52%	5,77%	8,53%	17,65%	14,29%	5,26%	9,52%
Polícia	33,03%	60,47%	33,33%	40,38%	38,76%	47,06%	35,71%	26,32%	36,66%
Professores	71,87%	65,12%	66,67%	88,46%	66,67%	82,35%	78,57%	65,79%	71,61%
Médicos e enfermeiras	68,50%	69,77%	57,14%	86,54%	65,12%	94,12%	78,57%	47,37%	68,64%
Membros do grupo que pertence	51,38%	48,84%	42,86%	61,54%	54,26%	58,82%	50,00%	31,58%	51,33%
Colegas de trabalho / Profissão	51,38%	72,09%	42,86%	75,00%	64,34%	70,59%	64,29%	47,37%	57,57%

Fonte: Questionário aplicado - 2006

Quando a ajuda mutua, nota-se que na maioria dos municípios as pessoas estão dispostas a ajudar umas as outras, com percentuais acima de 55%. Quando questionado se a pessoa ajudaria num projeto na comunidade mesmo que não a beneficiasse diretamente, observou-se que na média mais de 80% ajudariam com tempo ou dinheiro.

Para finalizar, apresentam-se, na **tabela 5.7**, o Índice da dimensão Confiança e Solidariedade para os municípios do Vale do Jaguari.

Com descrito anteriormente, o município de Cacequi ficou com o menor índice nesta dimensão (0,095917) e o município de Jaguari com o maior (0,747430).

TABELA 5.7 - Vale do Jaguari - índice da dimensão confiança e solidariedade

Municípios	Índice
Cacequi	0,09592
Jaguari	0,74743
Mata	0,73922
Nova Esperança do Sul	0,42889
Santiago	0,40967
São Francisco de Assis	0,46999
São Vicente do Sul	0,62935
Unistalda	0,60737

Fonte: Calculado pelo autor

5.1.3 Ação Coletiva e Cooperação

Esta dimensão trata da capacidade das pessoas se engajarem em projetos comuns dentro da comunidade e leva em conta as questões 21, 22 e 23 do **Anexo 2**. Nota-se pela **tabela 5.8**, que no total da região 34,95% das pessoas acreditam que mais da metade das pessoas contribuiriam com tempo ou dinheiro para os objetivos de desenvolvimento comuns. No município da Mata o percentual é de 64,29% e em Jaguari de 57,69%, os maiores percentuais da região.

TABELA 5.8 - Vale do Jaguari - participação em atividades comuns

	Santiago	S. Vic.	N. Esp	Jaguari	S Franc	Unist.	Mata	Cacequi	Total
Mais da metade	46,79%	37,21%	33,33%	57,69%	34,11%	41,18%	64,29%	31,58%	34,95%
Cerca de metade	21,10%	16,28%	28,57%	21,15%	29,46%	17,65%	21,43%	23,68%	22,78%
Menos da metade	26,91%	44,19%	33,33%	21,15%	29,46%	35,29%	14,29%	26,32%	28,24%
Ninguém	5,20%	2,33%	4,76%	0,00%	6,98%	5,88%	0,00%	18,42%	5,62%
Total	100%								

Fonte: Questionário aplicado - 2006

Se houvesse uma possibilidade nas comunidades (municípios) de começar uma iniciativa econômica em conjunto, para 21,22% é muito provável que as pessoas cooperem para realizar este objetivo, O menor percentual ficou com o município de Santiago e o maior foi observado na Mata. Nesta mesma linha, 28,08% das pessoas acreditam na possibilidade de uma pessoa que não participe em

atividades comunitárias, seja criticada ou punida, com maior percentual em Jaguari e menor em Nova Esperança do Sul.

Diante destes dados, nota-se que Vale do Jaguari as pessoas acreditam na capacidade de ação coletiva e cooperação, ou seja, que estão dispostas a colaborar para a realização de projetos comuns. Assim, calculou-se o Índice da dimensão Ação Coletiva e Cooperação, conforme **tabela 5.9**.

TABELA 5.9 - Vale do Jaguari - índice da dimensão ação coletiva e cooperação

Municípios	Índice
Cacequi	0,46382
Jaguari	0,72639
Mata	0,89080
Nova Esperança do Sul	0,10447
Santiago	0,29987
São Francisco de Assis	0,23956
São Vicente do Sul	0,12172
Unistalda	0,26279

Fonte: Calculado pelo autor

No índice da dimensão Ação Coletiva e Cooperação, destaca-se o município da Mata e Jaguari, como maiores valores e Nova Esperança do Sul e São Vicente do Sul com baixo capital social nesta dimensão. É importante o conhecimento desta dimensão para entender de que forma as pessoas irão participar do processo de desenvolvimento ou elaboração de estratégias se provocadas.

5.1.4 Informação e Comunicação

A dimensão Informação e Comunicação levou em consideração as questões 24 a 28 do **anexo 2** e trata, essencialmente, da forma que as pessoas tem acesso a informação quanto a questões mais abrangentes quanto a empregos, programas públicos e, mais localizadas, como o mercado, preços, entre outros. Esta dimensão é importante, pois um bom nível de informações e comunicação facilita o entendimento das propostas e ajuda na ação coletiva e cooperação.

A grande maioria dos entrevistados declarou que ouve radio, lê jornal/revisa e assiste televisão, diariamente, com maiores percentuais para radio e televisão em todos os municípios.

Constatou-se que as principais fontes de informação sobre o que o governo está fazendo (geração de emprego, educação planejamento familiar etc) são o radio, a televisão e o jornal de circulação nacional/estadual. Sobre o mercado (empregos, preços de produtos e safras) também a concentração das informações está na televisão e no radio. Cabe destaque o percentual significativo de resposta no item Jornal da Local ou da Comunidade no município me Santiago, pois na cidade de existem dois jornais com circulação semanal.

A maioria dos entrevistados afirmou que a informação nos últimos 5 anos melhorou e uma boa parte afirmou que tem acesso a outras regiões de carro ou de ônibus.

Assim, calculou-se o índice de capital social para a dimensão Informação e Comunicação, mostrada na **tabela 5.10**, sendo que os municípios São Francisco de Assis, Santiago e São Vicente do Sul apresentaram alto índice nesta dimensão e, Cacequi e Mata baixo índice.

TABELA 5.10 - Vale do Jaguari - índice da dimensão informação e comunicação

Municípios	Índice
Cacequi	0,31526
Jaguari	0,44708
Mata	0,36461
Nova Esperança do Sul	0,31976
Santiago	0,70654
São Francisco de Assis	0,74182
São Vicente do Sul	0,58391
Unistalda	0,54924

Fonte: Calculado pelo autor

5.1.5 Coesão e Inclusão Social

Para esta dimensão foram utilizadas as questões de 29 a 40 e os resultados estão apresentados no **Anexo 2**.

Em primeiro lugar se questionou sobre o grau de comunhão ou proximidade entre as pessoas da localidade. Neste sentido, observou-se que, de

maneira agregada, 56,16% das pessoas acreditam que as relações são muito próximas ou relativamente próximas. Destaque positivo para os municípios de Mata e Jaguari e com menores percentuais os municípios de Cacequi e São Francisco de Assis, com percentuais abaixo de 50% nestes itens.

Para 57,25% dos entrevistados, as pessoas que vivem na localidade são muito pouco diferentes ou pouco diferentes, ou seja, não se observam grandes diferenças quanto à crença, renda, riqueza, posição social, origem étnica, entre outras. O município em que se percebem menos estas diferenças é São Vicente do Sul e o com maiores diferenças, Nova Esperança do Sul.

Em segundo lugar, a **tabela 5.11** mostra os dados do questionamento se os moradores da localidade não têm acesso a alguns dos serviços elencados. Nota-se certa heterogeneidade nas respostas, mas na maioria dos municípios um percentual significativo não tem acesso a crédito bancário e, pontualmente pode-se destacar o não acesso a serviços de saúde como em Cacequi e São Francisco de Assis e a transportes em Jaguari e São Francisco de Assis.

TABELA 5.11 - Vale do Jaguari - não acesso a serviços

	Santiago	S. Vic.	N. Esp	Jaguari	S Franc	Unist.	Mata	Cacequi	Total
Educação/ escolas	10,70%	9,30%	4,76%	13,46%	16,28%	5,88%	7,14%	15,79%	11,83%
Serviços de saúde/ clínicas	11,31%	11,63%	4,76%	11,54%	17,05%	0,00%	14,29%	31,58%	13,36%
Água	11,62%	11,63%	4,76%	9,62%	12,40%	5,88%	7,14%	2,63%	10,60%
Justiça	9,17%	9,30%	14,29%	13,46%	13,18%	5,88%	14,29%	13,16%	10,75%
Transporte	10,40%	13,95%	9,52%	17,31%	15,50%	5,88%	14,29%	10,53%	12,60%
Crédito Bancário	18,35%	20,93%	14,29%	23,08%	19,38%	11,76%	14,29%	47,37%	20,43%
Energia Elétrica	11,62%	6,98%	4,76%	11,54%	13,95%	11,76%	0,00%	13,16%	11,21%

Fonte: Questionário aplicado - 2006

Em terceiro lugar, tem-se um conjunto de informações sobre o convívio social das pessoas no que diz respeito ao encontro de pessoas para conversar, praticar atividades recreativas e visitar e receber visitas. Assim, 57,10% dos entrevistados afirmaram que se encontram com pessoas em local público para conversar de uma a cinco vezes nos últimos 30 dias. Já para encontros, para a prática de atividades recreativas, nos últimos três meses, este percentual cai para 37,79% .

Quanto às relações sociais na localidade, 63,65% das pessoas disseram que receberam de 1 a 5 visitas em casa no último mês, em compensação só 41,97% afirmaram ter visitado outras pessoas em suas casa no mesmo período.

Para finalizar, questionou-se como as pessoas se sentiam em relação a violência. Para 53,35% das pessoas a localidade era muito pacífica, com maior incidência nos municípios de Mata e Nova Esperança do Sul. Por outro lado, um percentual baixo de pessoas disse que se sentia muito segura quando estão sozinhas em casa (28,55%) ou quando andam pelas ruas ao escurecer (24,96%).

Esta dimensão mostra o quanto às pessoas dos municípios se sentem incluídas e como se relacionam com as demais pessoas fora das famílias. Isso é importante para se saber se o capital social é denso ou escasso. Com base no Índice de para a dimensão Coesão e Inclusão Social, apresentado na **tabela 5.12**, pode-se dizer, grosso modo, que na região existe um bom convívio social com índices elevados nos municípios de Nova Esperança do Sul e mais baixos em Cacequi e Santiago.

TABELA 5.12 - Vale do Jaguarí - índice da dimensão coesão e inclusão social

Municípios	Índice
Cacequi	0,30794
Jaguarí	0,63939
Mata	0,51718
Nova Esperança do Sul	0,71030
Santiago	0,36261
São Francisco de Assis	0,47801
São Vicente do Sul	0,53018
Unistalda	0,63583

Fonte: Calculado pelo autor

5.1.6 Autoridade ou capacitação e ação política

Esta dimensão, composta das questões 41 a 51, tenta captar se as pessoas se sentem felizes, se tem controle das ações diárias, ou se tem autoridade (*empowerment*) sobre as ações. Com relações as instituições públicas, busca-se identificar se as pessoas cobram ações dos entes públicos, se os consideram honestos e se lembram em quem votaram e acompanham a atuação dos eleitos.

Pela **tabela 5.13**, observa-se que 65,88% das pessoas se consideram muito felizes, com um índice de 73,08% em Jaguari (o mais elevado) e 44,74% em Cacequi (o menor).

TABELA 5.13 - Vale do Jaguari - como você se considera

	Santiago	S. Vic.	N. Esp	Jaguari	S Franc	Unist.	Mata	Cacequi	Total
1. Muito feliz	67,28%	62,79%	61,90%	73,08%	65,89%	76,47%	57,14%	44,74%	65,68%
Moderadamente feliz	24,77%	30,23%	14,29%	23,08%	27,91%	11,76%	21,43%	50,00%	26,37%
Nem feliz, nem infeliz.	5,81%	6,98%	9,52%	1,92%	3,88%	11,76%	7,14%	2,63%	5,30%
Moderadamente infeliz	1,53%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	14,29%	0,00%	1,09%
Muito infeliz	0,31%	0,00%	0,00%	1,92%	0,78%	0,00%	0,00%	2,63%	0,62%
NR	0,31%	0,00%	14,29%	0,00%	1,55%	0,00%	0,00%	0,00%	0,94%
TOTAL	100%								

Fonte: Questionário aplicado - 2006

Quanto ao controle na tomada de decisões diárias, 40,56% afirmaram que possuem controle sobre todas as decisões (**questão 42**) e 34,01% controlam a maior parte das decisões (total de 74,57%). Nesta mesma linha, 80,97% acreditam que são geralmente ou totalmente capazes de mudar o curso da sua vida.

No total agregado da região, 42,43% das pessoas disseram que já entregaram mais de 2 pedidos aos membros do poder legislativo, executivo e judiciário. Afirmaram ainda que 30,11% destes pedidos foram atendidos, entretanto nos municípios de Nova Esperança do Sul (9,52%) e Unistalda (5,88%) o percentual de atendimento dos pedidos é baixo.

Quando questionado até que ponto o governo local e os líderes locais levam em conta as preocupações manifestadas pelas pessoas na tomada das decisões, para 58,81% levam um pouco e 22,31% muito. Para 47,37% dos entrevistados de Cacequi os agentes locais não levam em consideração as preocupações.

Na **tabela 5.14**, aparecem os percentuais de citações que consideram os agentes públicos honestos e muito honestos. De um modo geral a crença na honestidade é bastante elevada, com índices mais baixos para membros do poder legislativo e membros do governo municipal. O percentual para estes dois entes é baixo no município de Cacequi. Para o poder executivo, os maiores índices estão em Unistalda, Mata e Jaguari.

A percepção acima pode ser distorcida, pois leva em conta o mandato vigente no ato da entrevista (poder executivo e legislativo) e pode mudar em outros momentos. Entretanto, quando perguntado se o grau de honestidade do governo local, nos últimos 5 anos melhorou, apenas 39,00% responderam que havia melhorado.

TABELA 5.14 - Vale do Jaguari - honestidade dos agentes públicos

	Santiago	S. Vic.	N. Esp	Jaguari	S Franc	Unist.	Mata	Cacequi	Total
Membros do governo municipal	51,38%	39,53%	57,14%	63,46%	43,41%	64,71%	64,29%	18,42%	48,83%
Líderes tradicionais da localidade	48,93%	65,12%	47,62%	71,15%	55,04%	52,94%	71,43%	52,63%	53,82%
Médicos e enfermeiras da clínica de saúde	77,98%	72,09%	71,43%	84,62%	79,07%	94,12%	85,71%	68,42%	78,16%
Professores e funcionários da escola	84,71%	86,05%	76,19%	84,62%	84,50%	94,12%	92,86%	84,21%	84,87%
Polícia	54,13%	60,47%	42,86%	61,54%	59,69%	76,47%	71,43%	63,16%	57,41%
Juízes, magistratura	61,47%	62,79%	33,33%	76,92%	72,09%	58,82%	57,14%	65,79%	64,12%
Membros do legislativo	39,76%	46,51%	38,10%	57,69%	42,64%	29,41%	28,57%	21,05%	40,56%
Líderes religiosos	56,27%	67,44%	61,90%	82,69%	58,91%	76,47%	64,29%	60,53%	60,84%

Fonte: Questionário aplicado - 2006

Com base nestas informações foi calculado o índice para a dimensão Autoridade e Ação Política, apresentado na **tabela 5.15**. Como era de se esperar, pelas descrições anteriores, o menor índice é verificado em Cacequi e o maior em Jaguari. Grosso modo, o Vale do Jaguari, apresenta índices significativos para esta dimensão.

Após as análises das dimensões e o cálculo do capital social para o Vale do Jaguari, observa-se que os municípios Mata, Jaguari, São Vicente de Sul e Unistalda e Santiago, parecem reunir algumas condições sociais necessárias para o desenvolvimento de dos APLs, pois apresentam indicadores médios ou altos nas dimensões grupos e redes, confiança e solidariedade, ação coletiva e cooperação e

informação e comunicação. Estas dimensões impactam diretamente na capacidade das empresas e instituições locais em construir estratégias e políticas comuns.

TABELA 5.15 - Vale do Jaguari - índice da dimensão autoridade e ação política

Municípios	Índice
Santiago	0,56401
São Vicente do Sul	0,55625
Nova Esperança do Sul	0,58357
Jaguari	0,78105
São Francisco de Assis	0,54770
Unistalda	0,58725
Mata	0,44632
Cacequi	0,34883

Fonte: Calculado pelo autor

5.2 IDENTIFICAÇÃO DOS SETORES COMO POSSÍVEIS APLS.

Com base nos dados da RAIS, calculou-se o Quociente de Localização (QL) para todos os setores industriais dos municípios do Vale do Jaguari para o ano de 2007. Constatou-se que no município de Unistalda não existia nenhuma empresa no setor de Indústria de Transformação e Capão do Cipó apenas uma.

Com base no QL calculado foram selecionados setores estratégicos do Vale do Jaguari. Foram agrupados os setores de Fabricação de Produtos Alimentícios e Fabricação de Bebidas – denominado **setor de alimentos e bebidas**; os setores de Fabricação de Produtos de Madeira e fabricação de móveis também foram agrupados – **setor de madeira e móveis** e, por fim foi considerado o **setor de couro e calçados**.

O setor de Fabricação de Produtos de Minerais Não-Metálicos não foi considerado, pois se refere, essencialmente, a produtos de olaria sem muito efeito de transbordamento sobre os demais setores. O mesmo também foi considerado a respeito do setor de Fabricação de Máquinas, Aparelhos de Materiais Elétricos, além do que este setor gera pouco emprego na região e no estado, por isso o QL elevado.

Os setores escolhidos, apresentam participação considerável no emprego industrial da região mostrando uma especialização relativa, media pelo QL. Soma-se a isso, a trajetória acumulada dos mesmos, nos municípios em que se desenvolvem.

TABELA 5.16 - Vale do Jaguari - QL dos setores industriais

Setores	Empregos - 2007	QL
Fabricação de Produtos Alimentícios	192	0,391
Fabricação de Bebidas	26	1,101
Fabricação de Produtos Têxteis	5	0,213
Confecção de Artigos de Vestuário e Acessórios	46	0,392
Preparação de Couros e Fabricação de Artefatos de Couro	1336	1,790
Fabricação de Produtos de Madeira	89	0,935
Impressão e Reprodução e Gravações	11	0,243
Fabricação de Produtos Químicos	3	0,086
Fabricação de Produtos de Borracha e de Material Plástico	48	0,219
Fabricação de Produtos de Minerais Não-Metálicos	120	1,628
Fabricação de Produtos de Metal, Exceto Máquinas e Equipamentos.	48	0,280
Fabricação de Máquinas, Aparelhos de Materiais Elétricos.	15	1,438
Fabricação de Máquinas e Equipamentos	19	0,302
Fabricação de Móveis	75	0,410
Fabricação de Produtos Diversos	2	0,112
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipamentos.	7	0,176
Total	2.042	0,866

Fonte: Ministério do Trabalho/RAIS - 2007– Calculado pelo autor

Pode-se considerar também, que estes setores, principalmente, Alimentos e Bebidas e Madeira e Móveis, podem ter um papel estratégico no processo de industrialização da região, pois podem aproveitar a matéria-prima existente e ter efeito de transbordamento sobre os demais. Destaca-se ainda, que os mesmos não requerem investimentos muito elevados em relação a outros setores industriais (plantas menores), são intensivos em mão de obra, o que geraria um efeito rápido na geração de empregos.

Desta forma, passa-se a analisar de maneira individualizada os setores de Alimentos e Bebidas, Couro e Calçados e Madeira e Móveis.

5.2.1 Setor de Alimentação e Bebidas

Este setor está distribuído em 5 municípios da região e corresponde a beneficiamento de arroz (4 empresas em Jaguari, 1 na Mata e outra em Cacequi); Fabricação de alimentos para animais (1 empresa em Santiago) e fabricação de vinhos (4 empresas em Jaguari). Eram 172 empregos, em 2007, representando 7,72% dos empregos industriais de Vale do Jaguari, sendo que 66% eram gerados em Jaguari. (Tabela 5.17).

O setor de vinhos em Jaguari tem tradição e uma das empresas produtoras é Cooperativa, fundada em 1932, e que contempla 60 pequenos produtores. A partir da década de 90, a fabricação de vinho foi intensificada com a instalação de pequenas cantinas, principalmente no distrito do Chapadão.

As empresas comercializam seus produtos em mercado local e regional, pois apesar da tradição os vinhos não são fabricados com uvas finas, processo que vem ganhando forma recentemente, com alguns produtores. Nas entrevistas com as empresas as mesmas destacam como dificuldade o acesso a novas tecnologias, pouca divulgação dos produtos e tamanho (escala) reduzida das unidades

TABELA 5.17 - Vale do Jaguari - empregos no setor de alimentação e bebidas - 2007

	Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	Fabricação de alimentos para animais	Fabricação de vinho	TOTAL
Cacequi	3	0	0	3
Jaguari	89	0	25	114
Mata	12	0	0	12
Nova Esperança do Sul	0	0	0	0
Santiago	0	43	0	43
Total do Vale do Jaguari(VJ)	104	43	25	172
% Empregos Industriais do VJ	4,67%	1,93%	1,12%	7,72%
Quociente de Localização	2,224	3,31	1,869	2,352

Fonte: Ministério do Trabalho/RAIS – 2007 – Calculado pelo autor

No que se refere à integração entre as empresa, não existe uma associação formalizada no setor e, nem via mercado à integração ocorre, pois a produção é individualizada e concorrente (mesmo produto).

Cabe destaque, a estruturação de um centro de apoio à produção, análise e comercialização de vinho²³, através de Convênio com a EMBRAPA, IBRAVIN (Instituto Brasileiro de Vinho), Instituto Federal Farroupilha e URI-Campus Santiago

²³ Em 2006 foi assinado um convênio entre as entidades citada para a Instalação de Laboratórios de análise de produtos derivados da uva e a reforma de salas de aula, para cursos, junto ao Centro Tecnológico do Chapadão, distrito distante 9 Km da sede do município de Jaguari e onde anteriormente funcionava uma escola agro técnica vinculada a UFSM. Recentemente, este centro passou a pertencer ao Instituto Federal Farroupilha e estão previstos a realização de cursos técnicos e projetos de pesquisa e extensão ligados a cadeia produtiva da uva.

com financiamento do Ministério da Integração Nacional, dentro do Programa de apoio a Metade Sul do Rio Grande do Sul²⁴.

Quanto ao beneficiamento de arroz o setor passou por uma reestruturação nos últimos anos, na região. Para se ter uma idéia, em 1995 eram 13 estabelecimentos, nos municípios de Cacequi, Jaguari, São Francisco de Assis e São Vicente do Sul e, no ano de 2007 apenas 4 estabelecimentos conforme dados da RAIS.

Do ponto de vista da estrutura de suporte ao setor, não possui uma associação local de empresas, nem fornecedores de máquinas, embalagens e serviços de especializados (tecnologia, marketing, etc) presentes na região na região. A capacidade de aglutinação é limitada, pelas especificações do setor apresentadas anteriormente²⁵ e, pelo número reduzido de empresas. Mesmo assim, o setor pode contribuir para a industrialização da região.

5.2.2 Setor de Couros e Calçados

O setor de couros e calçados está estabelecido, essencialmente, no município de Nova Esperança do Sul, com alguma incidência em Santiago. Em Nova Esperança do Sul, no Curtimento de couro os empregos são gerados por uma única empresa, que até a década de 90, realizava também a produção de calçados, botas e artigos de selaria. Na região são 1.336 eram 1.336 empregos diretos em 2007. **(tabela 5.18)**

A grande empresa, antes da mudança estratégica, servia de fornecedora de couro e materiais intermediários para as pequenas empresas (na maioria de propriedade de ex-funcionários da grande empresa) e, por outro lado, atraía compradores para o município, criando um nicho de mercado para as pequenas empresas, que se especializaram na produção de calçados, artigos gauchescos e artigos de selaria. No entanto, esta empresa passa, por uma reestruturação

²⁴ O Ministério da Integração Nacional trabalha com 13 mesorregiões diferenciadas no país, dentro dos **Programas de Desenvolvimento Integrado e Sustentável de Mesorregiões Diferenciadas** (PROMESO e PROMOVER), sendo que uma delas é a Metade Sul do Rio Grande do Sul.

²⁵ O setor de beneficiamento de arroz contava, em 2007, com 6 empresas na região e 104 empregos, que representavam 1,24% dos empregos gerados no estado.

produtiva e muda o foco de atuação, voltando-se para a exportação de couros o que acaba atingindo as demais empresas produtoras de calçados e artefatos da cidade, que em 2007 eram 15 empresas.

TABELA 5.18 - Vale do Jaguari - empregos no setor de couros e calçados - 2007

	Curtimento e outras preparações de couro	Fabricação de artefatos de couro não especificados anteriormente	Fabricação de calçados de couro	TOTAL
Nova Esperança do Sul	640	6	508	1.154
Santiago			181	181
São Francisco de Assis			1	1
Total do Vale do Jaguari(VJ)	640	6	690	1.336
% Empregos Industriais do VJ	28,71%	0,27%	30,96%	59,94%
Quociente de Localização	7,3306	0,1678	1,1069	1,7899

Fonte: Ministério do Trabalho/RAIS – Calculado pelo autor

Assim, quebrou-se a coordenação do setor, que ficou isolado, tanto no sentido geográfico (longe do Vale dos Sinos) quanto na atualização tecnológica²⁶. O que fica é um contingente de pessoas com capacitação elevada na fabricação de calçados e um parque industrial ocioso, que tem sido aproveitada por empresas que prestam serviços de costura para outras do Vale dos Sinos.

Em 2004, tentou-se a expansão do setor coureiro-calçadista para Santiago, com a implantação de uma unidade (filial) da empresa de Nova Esperança do Sul, para a costura de capas de couro para o setor automotivo. O município mobilizou o treinamento de mão-de-obra, concedeu o local para a instalação e, num primeiro momento foram gerados 550 empregos diretos. Entretanto, a unidade funcionou durante um ano e foi fechada, junto com a crise de valorização do real perante o dólar, que comprometeu as exportações do setor.

²⁶Em entrevistas a maioria dos proprietários dessas empresas afirmou que a maior dificuldade era a aquisição de matéria-prima, acesso a novas tecnologias e divulgação dos produtos.

5.2.3 Setor de Madeira e Móveis

O setor de móveis e madeira é o que está mais distribuído no território do Vale do Jaguari, com empresas de desdobramento de madeira em 6 municípios (14 empresas) e fabricação de móveis também em 6 municípios (12 empresas). O município de Santiago concentra a maior parte das empresas e empregos do setor, com 48,3% das empresas e 61,5% dos empregos (**tabela 5.19**)

Deve-se separar os segmentos dentro do setor para melhor análise. O segmento de desdobramento de madeira é composto por micro e pequenas empresas de baixa tecnologia e que atendem o mercado local e produzem, essencialmente, madeira bruta com baixa agregação de valor.

TABELA 5.19 - Vale do Jaguari - empregos no setor de madeira e móveis - 2007

	Desdobramento de madeira	Fabricação de estruturas de madeira	Fabricação de artefatos de madeira, exceto móveis.	Fabricação de móveis com predominância de madeira	TOTAL
Cacequi	3				3
Capão do Cipó	2				2
Jaguari	11			3	14
Mata		2		2	4
Nova Esperança do Sul	8			4	12
Santiago	16	17	5	63	101
São Francisco de Assis				2	2
São Vicente	25			1	26
Total do Vale do Jaguari(VJ)	65	19	5	75	164
% Empregos Industriais do VJ	2,92%	0,85%	0,22%	3,36%	7,36%
Quociente de Localização	1,5854	0,8458	0,4543	0,5112	0,7415

Fonte: Ministério do Trabalho/RAIS - 2007– Calculado pelo autor

A capacidade de cooperação neste segmento é limitada, pois concorrem no mesmo mercado e são dependentes de níveis de cooperação e coordenação elevados. Entretanto tem alta capacidade de geração de empregos não qualificados, essencialmente, em períodos de crescimento da construção civil e, podem se aproveitar dos projetos de florestamento que estão sendo implantados na região (em especial em Cacequi e São Francisco de Assis)²⁷.

²⁷ Segundo dados da RAIS em 2007 foram gerados 222 empregos no setor florestal em São Francisco de Assis

Já o segmento de móveis de madeira é mais especializado e diversificado com algumas empresas com produção padronizada e a maioria com produção por encomenda. A característica de produção por encomenda requer menos investimentos em tecnologia, mas dificulta a adoção de estratégias conjuntas pelo setor.

Algumas tentativas de cooperação no setor estão em curso na região com a criação da Associação do Moveleiros de Santiago que possibilita a realização de cursos conjuntos, feiras, viagens técnicas e algumas compras em conjunto. As empresas moveleiras da região contam com o apoio do Projeto de Desenvolvimento do Pólo Moveleiro das regiões Centro, Fronteira Oeste e Campanha, localizado em Santa Maria²⁸. O projeto visa a capacitação empresarial, solução de gargalos produtivos e tecnológicos, testes de qualidade de materiais e fomento a cooperação.

		Importância para o Setor	
		Reduzida	Elevada
Importância para o Local	Elevada	Vetor de desenvolvimento Local	Núcleos de desenvolvimento setorial-regional
		Setor Coureiro-Calçadista Quociente de Localização= 2,0807 Participação nos Empregos Totais da Região(2007): 9,89% Participação nos Empregos Industriais da Região(2007): 65,43% Participação nos Empregos do Setor-RS(2007): 1,16%	
	Reduzida	Embrião de sistema local de produção	Vetores avançados
		Setor de Madeira e Móveis Quociente de Localização= 0,7415 Participação nos Empregos Totais da Região(2007): 1,21% Participação nos Empregos Industriais da Região(2007): 8,03% Participação nos Empregos do Setor-RS(2007): 0,41% Setor de Alimentação e Bebidas Quociente de Localização= 2,3525 Participação nos Empregos Totais da Região(2007): 1,27% Participação nos Empregos Industriais da Região(2007): 8,42% Participação nos Empregos do Setor-RS(2007): 1,31%	

QUADRO 5.1 - Vale do Jaguari - matriz de Suzigan para identificação de APLs

Fonte: Elaborado pelo autor

Com base nos dados dos setores apresentados anteriormente, buscou-se enquadrá-los na matriz de identificação de APLs proposto por Suzigan et al. (2003). Assim, foi possível identificar no Vale do Jaguari, apenas **embrião de sistema local** de produção e **vetor de desenvolvimento local**.(Quadro 5.1)

Como vetor de desenvolvimento local, o setor de couro e calçados de Nova Esperança do Sul e Santiago pela sua considerável importância para o local

²⁸ O projeto é uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Santa Maria, Governo do Estado do RS, Ministério da Integração Nacional, SEBRAE, SENAI e universidades.

na geração de empregos (59,94% dos empregos industriais da região e 9,89% dos empregos totais da região) e reduzida importância para o setor uma vez que representava em 2007, apenas 1,16% dos empregos no Rio Grande do Sul.

Como embrião de sistema local de produção encontrou-se os setores de **madeira e móveis e alimentação e bebidas**, pois apresentam reduzida importância para o local e para o setor como um todo. Ambos representam pouco mais de 7% dos empregos industriais da região e menos de 1,5% dos empregos totais.

Para finalizar, apresenta-se uma síntese dos setores quanto à caracterização de arranjos produtivos, para facilitar as análises posteriores (**ver Quadro 5.2**).

Característica	Alimentação e Bebidas	Couros e Calçados	Madeira e Móveis
de escala	baixa	média	baixa
custo tácito	baixo	alto	médio
mercados extra-região	limitado	provável	provável
cooperação entre empresas	nula	incipiente	em consolidação
serviços especializados e tecnologia	limitado	incipiente	incipiente
capacidade de expansão a longo prazo	limitada	provável	provável
políticas públicas locais e regionais	em formação	inexistentes	inexistentes
estruturas de formação	baixo	médio	médio
localização regional	concentrado	concentrado	disperso

QUADRO 5.2 - Vale do Jaguari - características dos APLs

Fonte: Elaborado pelo autor

5.3 CONSOLIDAÇÃO DOS ARRANJOS PRODUTIVOS E O CAPITAL SOCIAL

Segundo Cassiolato e Lastres (2002) os arranjos caracterizam-se pela interação entre agente, não apenas entre empresas e suas diversas formas de associação, mas também as outras instituições públicas e privadas existentes numa região. É neste contexto que o capital social ganha importância para explicar o crescimento ou a perda de dinamismo de determinadas regiões.

Os arranjos operam num espaço concreto, “formado por uma rede de empresas com as quais mantêm trocas comerciais e técnicas e por um conjunto de instituições organizadas que lhe prestam todo o tipo de serviço” (Barquero, 2001). Este espaço social e de trocas permite que as empresa se aproveitem de externalidades que não existiriam, caso operassem de forma isolada.

É neste entorno que se acentua o papel do Capital Social, fruto da cooperação e da interação entre os atores locais. Por isso, os arranjos onde este entorno é pouco denso (baixo capital social) encontram limites para a sua expansão, ou resposta frente à inovação e competitividade.

Costa e Costa (2005) destacam que a cooperação é primordial para explicar o sucesso dos Arranjos Produtivos Locais (APLs) , pois permite

às pequenas empresas atingirem eficiência e flexibilidade, obtidas mediante a especialização em fases do processo de produção e pelo inter-relacionamento entre as unidades produtivas, e dessas com o ambiente local (p. 12).

O sucesso dos APLs, quanto a capacidade de competição das empresas, desenvolvimento tecnológico e inserção nos mercados, é condicionado pelas “raízes históricas, pelo processo de construção institucional, pelo tecido social e pelo traços culturais locais” (Suzigan, et al. 2002, p, 3).

Importa também entender de que forma se estabelece a governança nos arranjos e de que forma a cooperação e confiança e os grupos e redes se materializam em instituições capazes de coordenar as ações do arranjo, no que diz respeito a inovações e competitividade (CASSIOLATO e LASTRES, 2002).

Nestes termos, e com base nas tipificações de arranjos produtivos vistas anteriormente, como o **Arranjo Elementar ou Básico** (MCT, 2000) e, **Embrões de Sistemas Locais de Empresas e Vetor de Desenvolvimento Local** (Suzigan et al. 2003), tem-se um conjunto de elementos necessários para estabelecer o papel do capital social na consolidação destes arranjos. Também, nos permite examinar de que forma este arranjo pode se consolidar ou mudar de patamar a partir da rede de relacionamentos que se estabelece no seu interior.

Mesmo pensando que as atividades dos setores poderão se disseminar para todos os municípios do Vale do Jaguari, concentram-se as análises nos municípios em que os setores possuem papel importante.

O setor de alimentação e bebidas está inserido, essencialmente, nos municípios de Jaguari, Cacequi e Mata, com maior significância no município de Jaguari, com os segmentos de fabricação de vinhos e beneficiamento de arroz. Couro e Calçados no município de Nova Esperança do Sul e Madeira e Móveis nos municípios de Santiago, Jaguari, Mata, Nova Esperança do Sul e Cacequi, com centro irradiador a partir de Santiago.

A dimensão **Grupos e Redes** mostra a participação nas associações formais e redes informais²⁹ e quais as contribuições que esta participação possibilita aos membros. Na maioria dos municípios da região, esta dimensão apresentou índice baixo, o que nos permite concluir que as associações e redes são pouco desenvolvidas ou não apresentam gestão e ação democráticas.

Embora os percentuais de participação sejam mais elevados em entidades religiosas e recreativas, mostra a existência **capital social de ligação**, com quase 40% dos entrevistados afirmando que a maioria dos membros do grupo eram da mesma religião e 25% das citações do mesmo bairro/localidade. Entretanto, como as pessoas interagem nestes espaços, este tipo de capital social pode ser aproveitado para fortalecimento da confiança nos municípios.

Assim, pode-se caracterizar pela dimensão Grupos e Redes que o capital social no Vale do Jaguari é essencialmente de **ligação**, ou seja, ocorre entre iguais e, **denso** com relações sociais que extrapolam os laços familiares e eventuais. Esta característica do capital social estrutural pode dificultar o fluxo de informações dentro dos APLs e interferir na confiança e cooperação.

Viego (2004) mostra que as convenções que moldam os interesses da população, igualmente se impregnam na maneira com que as empresas interagem. É correto acreditar que no caso dos Setores de Alimentos e Bebidas (Jaguari), Móveis e Madeira (Santiago), a falta de uma cultura associativa pode comprometer a consolidação nos APLs. A evidência desta dificuldade aparece nas tentativas de integração do setor por programas, especialmente através do Governo do Estado do RS (SEDAI), SEBRAE e SENAI-RS, para o setor moveleiro³⁰.

Barquero (2001) destaca que as relações entre as empresas se convertem em redes e transformam a cultura e a prática dos negócios, reduzindo a rivalidade e fortalecendo a cooperação. Essa possibilidade parece mais viável no APL de couro e calçados em Nova Esperança do Sul, onde se verifica um índice elevado na dimensão Grupos e Redes, principalmente entre as pequenas empresas produtoras de calçados e artefatos de couro.

²⁹ Woolcock et al. (2003) chama esta conjunto de associações formais e redes informais de Capital Social Estrutural

³⁰ Desde a metade da década de 80, os programas do SEBRAE, como o PRODER (Programa de Geração e Renda), Cooperar para Competir e da SEDAÍ como as Redes de Cooperação, Capacitação Empresarial tem como alvo em Santiago o setor moveleiro, mas os resultados em termos de organização ainda incipientes.

Uma diferença importante neste setor é que a maioria dos proprietários das empresas são ex-funcionários da grande empresa localizada no município (LAUREIRO, ANESE, GLASENAPP, 2002), facilitando as relações características do capital social de ligação, que se processa ente indivíduos com características e trajetórias semelhantes (PUTNAM, 2002)

Putnam (1996) destaca que a confiança e cooperação estão mutuamente relacionadas, ou seja, cria-se um circuito virtuoso em que uma ação reforça a outra. A confiança e a solidariedade permitem aos agentes se engajar em ações comuns, fortalecendo a ação coletiva e cooperação. Costa e Costa (2005) destacam que quando os agentes compartilham normas³¹ reduzem a incerteza, pois permitem aos atores prever o comportamento mútuo.

Llorens (2001) mostra que novos produtos, novos processos e novas oportunidades de negócios são melhor identificadas a partir da construção de mecanismos de cooperação e institucionalidade que facilitam a formação de redes e estreitam os elos entre as empresa e demais agentes. Neste ponto, tem-se a “eficiência coletiva”, proposta por Schmitz (1997) e envolve interações sociais complexas, que propiciam a produção e a reprodução do conhecimento tácito, desencadeando processos de inovação e difusão deste conhecimento.

No que se refere às dimensões **Confiança e Solidariedade e Ação Coletiva e Cooperação**, que possibilitam a execução de ações comuns e o reforçam a confiança e a cooperação, tem-se questões bem distintas nos APLs.

No caso da alimentação e bebidas, o município de Jaguari tem índices elevados para as duas dimensões, o que possibilita pensar transpor a confiança das pessoas nas instituições locais para o âmbito empresarial, reforçando a cooperação e a possibilidade de ações conjuntas, para a melhoria tecnológica e aumento da competitividade.

Para os APLs de Madeira e Móveis e Couro e Calçados, observa-se um baixo índice para as dimensões nos principais municípios, o que mostra uma fraca confiança nas instituições locais e pequena predisposição de engajamento em ações conjuntas.

³¹ Normas que “podem ser enraizadas em parentesco, etnia, valores religiosos ou ideológicos, mas também em padrões de desempenho profissional e códigos comportamentais” (Costa e Costa, 2005, p. 7)

Se uma característica do setor de couro e calçados era a origem dos proprietários o que poderia facilitar o associativismo, a falta de confiança nas instituições, principalmente nos membros do poder executivo e legislativo locais, e a percepção de que as pessoas possam não contribuir para objetivos comuns, dificulta o estabelecimento de alianças entre as empresas. Cabe destacar, que nos últimos anos muitas empresas se tornaram prestadoras de serviços (terceirizadas) o que torna o setor menos homogêneo e com objetivos e necessidades diferentes entre seus componentes.

No caso do APL de madeira e móveis, a baixa confiança, ação coletiva e cooperação parecem estar ligados diretamente à estrutura produtiva das empresas, uma vez que a maioria produz móveis sob encomenda e disputam o mesmo mercado, sendo tratadas como concorrentes. Estas características e percepção do mercado dificultam a cooperação entre as empresas, principalmente em momentos de forte demanda.

Uma questão colocada para os entrevistados e não analisada anteriormente (Questão 55, anexo 2), é “quais as entidades e pessoas mais importantes para promover o desenvolvimento da região”. O maior percentual de respostas a essa questão foi “empresas de fora da região”, com 36,82%, seguido das “empresas locais” com 23,87% e os “governos municipais” com 17,46%. Isso demonstra certa desconfiança na capacidade dos atores locais em promover o desenvolvimento, especialmente quando se trata das empresas locais. Entretanto, em Nova Esperança do Sul a maior parte acredita na capacidade do empresariado local.

Um elemento chave para a confiança e cooperação é a comunicação e a informação. Costa e Costa (2005) destacam que no contexto de comunidades de pequeno porte, a confiança nasce das interações face a face, assim o fluxo de informações se estabelece de maneira horizontal. O fluxo de informações horizontal dá sustentação para a confiança e a cooperação (PUTNAM 1996)

Neste aspecto, a informação e comunicação nos municípios dos APLs, pode ser um entrave para o estabelecimento da cooperação, uma vez que na maioria dos municípios o índice para esta dimensão se mostrou frágil, principalmente em Jaguari e Nova Esperança do Sul.

Quanto à dimensão **Coesão e Inclusão Social**, que trata do sentimento de comunhão e unidade social da comunidade e as experiências de exclusão, nota-

se índices relativamente elevados para Jaguari e Nova Esperança do Sul, ou seja, nestes municípios as pessoas sentem-se incluídas e com acesso a serviços e existe certa proximidade entre elas. Entretanto, chama a atenção o percentual elevado de pessoas da localidade que não tem acesso a crédito bancário. Se esta sensação de não acesso a crédito for generalizada para o sistema produtivo, podem ocorrer limitações no financiamento das atividades e de iniciativas empreendedoras.

O alto índice na dimensão **Autoridade e Ação Pública**, para a maioria dos municípios (exceção de Cacequi), mostra a capacidade que local tem de controlar e tomar as decisões de maneira autônoma e, também, evidencia uma confiança no poder público local com ator aglutinador e dinamizador do processo de desenvolvimento.

Entretanto, estas duas últimas dimensões, apesar de importantes para explicar o contexto geral do capital social e comporem o índice (nota-se que as duas apresentaram os menores pesos no cálculo do índice), não apresentam grandes informações explicativas para a formação ou consolidação dos APLs. Ou seja, são informações acessórias que devem ser consideradas num contexto mais amplo.

6 CONCLUSÃO

As estratégias de desenvolvimento local, nas últimas décadas, passaram por mudanças, saindo da visão exógena de grandes projetos para uma endógena com o controle e participação dos atores locais na definição dos rumos do desenvolvimento. Assim, é importante que se identifiquem as condições internas que cada território possui e quais as políticas públicas adequadas para a dinamização ou aceleração do processo.

No caso deste trabalho, buscou-se identificar quais os setores industriais com condições de constituir APLs e, através da visão da comunidade local, como estavam constituídas as relações sociais, importantes para a criação do entorno inovador responsável pelo suporte ao setor produtivo. Estas relações sociais foram identificadas através da construção do Índice de Capital Social para o Vale do Jaguari(ICS-VJ).

Assim, identificados os setores de Alimentação e Bebidas, Couro e Calçados e Móveis e Madeira, entende-se que a região com base na percepção das pessoas, possui alguns elementos políticos e sociais para estimular os APLs e responder aos anseios da população quanto ao desenvolvimento local. Cabe destacar que pela percepção dos entrevistados a indústria deve ser incentivada³² como forma de promover o desenvolvimento da região.

Deve-se dizer que a mensuração do capital social e suas possíveis relações com a consolidação dos APLs elencados, deverá servir para nortear as discussões a cerca do desenvolvimento do Vale do Jaguari. Assim, como destaca Barquero (2001) a estratégia de desenvolvimento deve aproveitar o potencial e a cultura tecnológica existentes no território e deve conduzir a transformações que possam ser assumidas, lideradas e adotadas pela sociedade local.

O desenvolvimento do Vale do Jaguari exigiria, a seu turno, a definição de um conjunto de políticas que fortaleçam as variáveis econômicas (capital físico e humano) e institucionais (capital social) na região, enumerados a seguir:

- a) Definição de um plano estratégico para os APLs, construído de forma participativa e descentralizada, com a participação dos atores e, que

³²Questão 55 – anexo 2

pode ser coordenada pelo COREDE (do ponto de vista político) e instrumentalizado pelas Universidades e Centros tecnológicos (ponto de vista técnico);

- b) Criação de um comitê gestor para as ações dos APLs. Isso facilitaria a definição de estratégias comuns e a integração dos diversos atores envolvidos nos municípios. Também ajudaria na disseminação da informação e reforçaria os vínculos de confiança e cooperação. Deve-se pensar na criação articulada de organizações e institucionalidades de caráter intermediário, que façam a mediação entre o poder público local, empresas e restante da sociedade;
- c) Criação de programas de qualificação da mão de obra para os APLs, bem como capacitação gerencial e produtiva para os estabelecimentos, de maneira integrada e multirregional. Isso aumentaria a capacidade produtiva e facilitaria as inovações tecnológicas, por um lado, e, por outro, o estreitamento das relações das empresas e a possibilidades de ações conjuntas.
- d) Definir a especialidade setorial de cada segmento e trabalhar as políticas de qualificação e tecnológicas na direção de melhoria da qualidade e competitividade dos produtos priorizados. Suzigan, et al. (2003) destacam que a política industrial para embriões de sistemas locais devem ser condicionadas a um conjunto de etapas e contrapartidas locais claras e o comprometimento no cumprimento das mesmas;
- e) Definir as fontes de financiamento para a consolidação dos APLs. Principalmente as fontes locais (fundos municipais) que são importantes para melhorar o acesso ao crédito ou interligá-las a fontes públicas estaduais ou federais;
- f) Definir estratégias para melhorar o tecido institucional ou as relações institucionais em municípios específicos, como Cacequi, Nova Esperança do Sul e São Francisco de Assis, que se mostraram frágeis na abordagem do Capital Social;
- g) Aumento da participação da população na formulação de políticas públicas, decisão sobre o gasto público e alternativas de desenvolvimento, como forma de aprendizado e melhora dos índices

de Coesão e Inclusão Social e Autoridade e Ação Pública. Isso possibilitará a apropriação do processo de desenvolvimento pelos atores locais;

- h) Utilização dos espaços de participação citados na pesquisa (grupos religiosos e recreativos) para provocar questões mais abrangentes sobre o desenvolvimento dos APLs. Ou seja, se aproveitar do capital social de ligação existente e potencializa-lo para outras formas de capital social (ponte e conexão);
- i) Estabelecer canais próprios de comunicação para os empresários dentro das associações comerciais e prefeituras municipais, principalmente as que dizem respeito à tecnologia, mercados de produtos e de trabalho e capacitação empresarial.

Entretanto, o caso do Vale do Jaguari, mostra algumas limitações da política de desenvolvimento endógeno, pois os setores escolhidos, apesar de importantes para a região, não estão vinculados ao centro dinâmico, o que implica em dificuldades de inovação e acesso aos mercados.

Assim, o Vale do Jaguari, inserido na grande região da Metade Sul do Rio Grande do Sul, que historicamente tem apresentado baixo dinamismo econômico e com dificuldades de diversificação da matriz produtiva, pode oferecer elementos para novos estudos sobre o desenvolvimento endógeno. Estes estudos devem levar em conta o tipo de industrialização existente (incipiente, difusa e com baixo padrão tecnológico), a baixa densidade populacional, distância dos centros consumidores e as dificuldades de infra-estrutura (estradas, pesquisa, entre outros).

Outra questão importante para novos estudos, diz respeito à capacidade das pequenas empresas do Vale do Jaguari em se integrarem nos projetos de florestamento, em desenvolvimento da Metade Sul e aproveitar algumas vantagens que irão surgir, principalmente para o setor de madeira e móveis.

Também, seria interessante analisar de maneira mais aprofundada o ambiente interno das associações formais locais e sua forma de atuação, pois mesmo com elevado capital social o mesmo pode não se refletir em ações para o desenvolvimento e serem do tipo fechadas ou anacrônicas.

Para concluir, deve-se deixar como possibilidade de novos estudos no campo das limitações dos instrumentais analíticos dos APLs e Capital Social, no que diz respeito a capacidade dos mesmos explicarem a capacidade de regiões remotas,

como diz Boisier (2005) “na periferia da periferia”, em empreenderem processos endógenos de desenvolvimento e qual a capacidade e os instrumentos do poder público local neste processo.

Assim, conclui-se este trabalho acreditando que o mesmo possa servir de base para as discussões do desenvolvimento do Vale do Jaguari e, como encadeador de novos estudos a cerca dos Arranjos Produtivos Locais, desenvolvimento local, capital social.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S., MACIEL, M. L. **Capital social e empreendedorismo local**. Setembro, 2002. disponível em <www.ie.ufrj.br/redesist> Acessado em 10 de out. de 2006.

ARAUJO Jr, J. T. Reestruturação industrial e integração econômica: as perspectivas do MERCOSUL. **Revista Brasileira de Economia**. v. 47. N° 1. Jan/mar. Rio de Janeiro. 1993.

AROCENA, J. Globalización, integración Y desarrollo local: apuntes para la elaboración de un marco conceptual. **Revista Persona y Sociedad**, ILADES, Santiago, Chile, abril de 1997.

BECATTINI, G., Dal settore industriale al distretto industriale: alcune considerazioni sull'unità di indagine dell'economia industriale. **Revista di Economia e Política Industriale**, n. 1, p. 7-21, 1979.

BARQUERO, A. V. Desarrollo endógeno y globalización. **Revista EURE**. N° 79, p 47 a 65, Santiago de Chile, 2000.

BARQUERO, A. V., **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: UFRGS Editora, 2001.

BENKO G. e LIPIETZ, A. **La richesse des régions: la nouvelle géographie socio-économique**. França: Presses Universitaires de France, 2000.

BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: Hucitec: Annablume, 2002

BNDES, Arranjos Produtivos Locais e desenvolvimento. **Seminário "Arranjos Produtivos Locais como instrumento de desenvolvimento"**. Outubro de 2004. Disponível em <www.bndes.gov.br/conhecimento> acessado em 15/01/2005.

BOISIER, S. ¿Hay espacio para el desarrollo local en la globalización?. **Revista de la CEPAL**. N° 86. Chile: Agosto/2005

BOISIER. S. Desarrollo territorial y descentralización. El desarrollo en el lugar y en las manos de la gente. **Revista Eure**, N° 90, p. 27-40, Santiago de Chile, 2004

BOURDIEU, P. Le capital social: notes provisoires in: **Actes de la recherche en sciences sociales** n. 31, janeiro de 1980.

BOURDIEU, P. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. (ed) **Handbook of theory and research for the sociology of education**. New York: Greenwood Press, 1985.

BRUSCO, S., The Emilian model: productive decentralization and social integration. **Cambridge Journal of Economics**, v. 6 p. 167-184, 1982.

CASSIOLATO, J. E. e LASTRES, H. M. M. O enfoque em sistemas produtivos e inovação local. In: FISCHER, T. (orgs.) **Gestão do desenvolvimento e poderes locais: marcos teóricos e avaliação**. Salvador: Casa da qualidade, 2002.

CASSIOLATO, J. E., LASTRES, H. M. M. Inovação, globalização e as novas políticas de desenvolvimento industrial e tecnológico. In: Cassiolato e Lastres (eds) **Globalização e Inovação Localizada: experiências de sistemas locais no Mercosul**. Brasília: IBICT/MCT, 1999

CEZAR, B. T. e BANDEIRA, P. S. (coord). Desenvolvimento regional, cultura e política e capital social: pesquisa empírica como subsidio a atividade parlamentar no Rio Grande do Sul. **Relatório de análise dos resultados**. Porto Alegre, 2001.

CHESSAIS, F. **A mundialização do capital**. Rio de Janeiro: Xamã, 1996.

COLEMAN, J.S. (1988). "**Social capital in the creation of human capital**". American Journal of Sociology, 94/Supplement., p. 95-121, 1988

COLEMAN, J.S. **Foundations of social theory**. Cambridge MA: Haverd University Press, 1990

CORREA, Silvio Marcus de Souza. **Capital social e desenvolvimento Regional**. Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul: EDUNISC, 2003.

COSTA, A. B., COSTA, B. M. Cooperação e capital social em arranjos produtivos locais. **Anais do XXXIII Encontro Nacional de Economia**. Natal, 2005.

CROCCO, M. A . et all. Metodologia de identificação de arranjos produtivos locais potenciais. **Texto para discussão Nº 191**. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2003.

EVANS, P. Government action, social capital and development: Reviewing the evidence of synergy. **World Development**, 24(6), p. 119-132. 1996.

FRIDMANN, J, e WEAVER, C. **Territory and function**. London. Edward Arnold, 1979.

FRIEDMANN, J., DOUGLAS, M. Agropolitan development: toward a new strategy for regional planning in Asia. In: LO, F., SALIH, K. (eds). **Growth pole strategy and regional planning development policy**. Oxford: Pergamon, 1978.

FUKUYAMA, F. **Social capital and civil society**. 1999. Disponível em <<http://www.imf.org/eternal/pubs/ft/seminar/1999/reforms/fukuyama.htm>> acessado e 15/11/2006

FURTADO, C. 1982. A nova dependência. São Paulo: Paz e Terra.

FURTADO, C. **Teoria e política do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GALVÃO, Antonio Carlos F. **Política de desenvolvimento regional e inovação: a experiência da União Européia**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004

GARCIA, R. As economias externas como fonte de vantagens competitivas dos produtores em aglomerações de empresas. **VI Encontro Nacional de Economia Política**. Curitiba/PR: 2002

HADDAD, P. R. A organização dos sistemas produtivos locais como prática de desenvolvimento endógeno. Mimeo, 2003

HARVEY, D., **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003, 12ª edição.

HIRSCHMAN, A . O . **Estratégia do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Editora Fundo da Cultura, 1960.

IANNI, O., **Teorias da globalização**. 3ª edição. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1996.

JOHNSON B. e LUNDEVALL, B-A, Promovendo sistemas de inovação como resposta á economia do aprendizado crescentemente globalizada. In: LASTRES, M. H., CASSIOLATO J. e ARROIO, A .(org). **Conhecimento, sistemas de inovação e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Contraponto, 2005

JOHNSON, R.A.; WICHERN, D.W. **Applied multivariate statistical analysis**. Prentice: Hall, 1992.

KON, A. **Economia Industrial**. São Paulo: Nobel, 1999.

KRUGMAN, P. **Geography and trade**. Cambridge: MIT Press, 1993.

LASTRES H. M, CASSIOLATO J. MACIEL. M. L(org). **Pequena empresa: Cooperação e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: Relume Dumará Editora, 2003

LASTRES, H. et al. Globalização e Inovação Localizada. **Nota técnica 01/98**. www.redesist.ie.ufrj.br. Rio de Janeiro: março de 1998.

LASTRES, M. H., CASSIOLATO J. e ARROIO, A. (org). **Conhecimento, sistemas de inovação e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Contraponto, 2005.

LAUREIRO, L. ANÉSE, R, e GLASENAPP. S. As micro e pequenas empresas coureiro-calçadistas de Nova Esperança do Sul/RS: histórico, reestruturação produtiva e competitividade. **Revista de Administração**. Ano IV, No, 7, Frederico Westphalen. Editora da URI, 2005.

LLORENS, F. A. **Desenvolvimento econômico local: caminhos e desafios para a construção de uma nova agenda política**. Rio de Janeiro: BNDES, 2001, 1ª edição.

MÉNDEZ, R. Innovación y desarrollo territorial: algunos debates teóricos recientes. **Revista EURE**. Santiago de Chile N° 84, 2002.

MULS, L. M. Desenvolvimento local, espaço e território: o conceito de capital Santiago de Chile social e a importância da formação de redes entre organismos e instituições locais. **Revista Economia** – Rio de Janeiro: Janeiro/Abril 2008

NARAYAN, D. **Bonds and bridges: social capital and poverty**. Poverty Group, PREM, World Bank. Washington, 1999.

NORTH, D. **Institutions, institutional change and economic performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

OFFE, C. e FUCHES, S. A decline of social capital? The german case. In: PUTNAM, R.(eds) **Democracies in flux: the evolution of social capital in contemporary society**. New York: Oxford University Press, 2002.

PAIVA, C. A. Como identificar e mobilizar o potencial de desenvolvimento endógeno de uma região?. **Documentos FEE No. 59**. Porto Alegre: FEE, 2004.

PERROUX, F.. **Los polos de desarrollo y la planificación nacional, urbana y regional**. Buenos Aires : Nueva Visión, 1973.

PORTER, M. Clusters and the new economics of competition. **Harvard Business Review**, nov-dec, 1998.

PORTER, M. **A vantagem competitiva das nações**. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

PORTES, A. Social capital: origins and applications. **Annual Review of Sociology**, 24: 1-24, 1998.

PRESSER, M. F., Globalização e regionalização: Notas sobre o Mercosul. **Indicadores Econômicos FEE**. v. 23. Nº 3. novembro. Porto Alegre, 1985.

PUTNAM, R. Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna. São Paulo: Editora FGV, 1996.

PUTNAM, R.(eds) **Democracies in flux: the evolution of social capital in contemporary society**. New York: Oxford University Press, 2002.

ROMER, Paul M. Increasing Returns and Long Run Growth, **Journal of Political Economy**, v. 94, p. 1002 – 1037, out. 1986.

SANTOS Jr, O. A, RIBEIRO, L.C,Q e AZEVEDO, S.(orgs). **Governança democrática e poder local: a experiência dos conselhos municipais no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, Fase, 2004

SANTOS, V. B. Capital Social em áreas de Acordos de Pesca na Amazônia Oriental: articulações entre escalas e aspectos institucionais e organizativos nos processos de aprendizagem e inovações de pescadores artesanais ribeirinhos. **Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia**. UFSC, Florianópolis, 2007.

SCHMITZ, H. Eficiência Coletiva: caminho de crescimento para a indústria de pequeno porte. **Ensaio Econômico FEE**. Porto Alegre: v. 18, nº 2, p. 169-200, 1997.

SFORZI, F. La teoría marshalliana para explicar el Desarrollo Local. In: RODRÍGUEZ G. F.(editor). **Manual de Desarrollo Local**. Gijón: Trea, 1999, p. 13-32.

SPÍNOLA, V. **Rochas ornamentais em arranjo produtivo** – Salvador: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. 2003. (Série estudos e pesquisas)

STÖHR, W. B. Development from below: the bottom-up and periphery inward development paradigm. In: STÖHR, W. B., TAYLOR, D. R., (eds). **Development from above or below?** Chichester: J. Wiley and Sons, 1981.

STONE, W. Measuring social capital: towards a theoretically informed measurement framework for researching social capital in family and community life. Australian Institute of Family Studies. **Research Paper No. 24**, February 2001.

SUZIGAN, W, et al. Sistemas locais de produção: mapeamento, tipologia e sugestões de políticas. **Anais do XXXI Encontro Nacional de Economia/ ANPEC**, Porto Seguro, 2003.

SUZIGAN, W. et al. Aglomerações industriais no Estado de São Paulo. **Economia Aplicada**, São Paulo, v. 5, n. 4, p. 695-717, out./dez. 2002.

VEIGA, J. E.. **Do global ao local**. Campinas:Armazém do Ipê, 2005.

VIEGO, V. Empresarialidad e instituciones: dos nuevas perspectivas del análisis regional contemporáneo **Revista Eure**, Nº 90, p. 41-63, Santiago de Chile, 2004.

WOOLCOCK, M., et al. **Questionário integrado para medir capital social (QI-MCS)**. Banco Mundial.Junho de 2003. Disponível em <www.worldbank.org>

ANEXO A - QUESTIONÁRIO APLICADO NO VALE DO JAGUARI

O Capital Social para o desenvolvimento endógeno na microrregião do Vale do Jaguari – RS.

QUESTIONÁRIO

Cidade -

Data - __ / __ / __

Local de moradia do(a) entrevistado(a):

Zona Rural Zona Urbana

Sexo do (a) entrevistado(a):

Masculino Feminino

Idade do(a) entrevistado(a):anos

1 – Quais dessas associações os membros do domicílio participam? (Quais e quantos).

	(1) É sócio e participa	(2) É sócio mas não participa	(9) Não é sócio / não participa
(1) Igreja a ou grupo religioso			
(2) Clube esportivo			
(3) Sociedade recreativa ou clube social			
(4) Organizações artísticas, musicais ou educacionais.			
(5) Sindicato			
(6) Associação Comercial			
(7) Outra entidade empresarial			
(8) Partido político			
(9) Entidade de proteção do meio ambiente			
(10) Entidade profissional			
(11) Organização de caridade			
(12) Cooperativa			
(13) Clube de serviços (tipo Rotary, Lions etc.)			
(14) Associação de pais e mestres			
(15) Associação de agricultores ou pecuaristas			
(16) Associação de bairro			
(17) Clube de mães			
(18) Maçonaria			
(19) Outro tipo de associação			

2 - De todos os grupos de que os membros do seu domicílio fazem parte, qual é o mais importante para o seu domicílio?

[ENTREVISTADOR: ANOTE OS NOMES DOS GRUPOS]

3 - Quantas vezes, nos últimos 12 meses, alguém deste domicílio participou das atividades desses grupos, por exemplo, participando de reuniões ou realizando algum trabalho de grupo?

4 - Como uma pessoa passa a ser um membro deste grupo?

1. Já nasce pertencendo ao grupo
2. Sua participação é solicitada
3. É convidada
4. Por escolha voluntária
5. Outros (especifique) _____

5 - Qual é o maior benefício de se fazer parte deste grupo?

1. Melhora a renda atual do meu domicílio ou o acesso a serviços
2. É importante em situações de emergencial no futuro
3. Beneficia a comunidade
4. Prazer/ Diversão
5. Espiritual, posição social, auto-estima.
6. Outros (especifique) _____

6 - O grupo ajuda o seu domicílio a ter acesso a algum dos seguintes serviços?

	1. Sim 2. Não
A. Educação ou qualificação	
B. Serviços de saúde	
C. Abastecimento de água, saneamento, energia, telefone	
D. Crédito ou poupança	
E. Insumos agrícolas ou tecnologia / Irrigação	
F. Calçamento/ Acesso ao domicílio	
G. Moradia	
H. Complementação de Renda	
I. Segurança	
J. Cultura/ Lazer	
L. Outros (especifique)	

7- Pensando nos membros deste grupo, a maioria deles é do (a) mesmo (a)...

	1. Sim 2. Não
A. Bairro/ localidade	
B. Família ou grupo de parentesco	
C. Religião	
D. Sexo/ Gênero	
E. Idade	
F. Escolaridade	
G. Ocupação	
H. Partido Político/ Ponto de vista Político	

8 - Alguns membros são mais ricos ou mais pobres do que os outros, ou todos têm mais ou menos o mesmo nível de renda?

1. Mais ou menos o mesmo nível de renda
2. Mistura ricos e pobres

9 - Nos últimos cinco anos*, o tamanho do grupo diminuiu, permaneceu o mesmo ou aumentou?

[* ENTREVISTADOR: O PERÍODO DE TEMPO PODE SER ESCLARECIDO SITUANDO-O EM RELAÇÃO À ANTES/DEPOIS DE ALGUM EVENTO IMPORTANTE]

1. Diminuiu
2. Permaneceu o mesmo
3. Aumentou

10 - Quando há uma decisão a ser tomada no grupo, geralmente, como isso acontece?

1. A decisão é imposta de fora
2. O líder decide e informa os outros membros do grupo
3. O líder pergunta aos outros membros do grupo o que eles acham e então decide
4. Os membros do grupo discutem o assunto e decidem em conjunto

11 - Como são escolhidos os líderes nesse grupo?

1. Por uma pessoa ou entidade de fora
2. Cada líder escolhe o(a) seu/sua sucessor(a)
3. Por decisão de alguns membros
4. Por decisão/voto de todos os membros
5. Outros (especifique) _____

12 - De modo geral, você diria que a liderança do grupo é...

1. Muito efetiva
2. Relativamente efetiva
3. Não é efetiva

13 - Esse grupo trabalha ou interage com outros grupos, com objetivos semelhantes?

1. Não
2. Sim, ocasionalmente
3. Sim, freqüentemente

NA LOCALIDADE	FORA DA LOCALIDADE

14 - Qual é a fonte de financiamento mais importante desse grupo?

1. Os próprios membros financiam
2. Fontes Públicas dentro do município
3. Fontes Públicas de fora do município
4. Fontes Privadas dentro do município
5. Fontes Privadas fora do município

15 - A(s) pessoa(s) mais importante(s) que aconselha(m) ou orientam o grupo...

1. Pertence(m) ao grupo
2. É (são) de fora do grupo, mas pertence(m) à comunidade.
3. É (são) de fora do grupo e não pertence(m) à comunidade

16 - Quem originalmente fundou o grupo?

1. O governo Federal/ Estadual
2. O governo Municipal
3. Um líder local
4. Membros da comunidade

17 - Quantos amigos próximos você diria que tem hoje? Essas pessoas são aquelas com quem se sente à vontade, para conversar a respeito de assuntos particulares, ou chamar quando precisa de ajuda.

18 - Se de repente você precisasse de uma pequena quantia em dinheiro [RURAL: o suficiente para pagar as despesas do seu domicílio durante uma semana]; URBANO: o que você ganharia, digamos, em uma semana de trabalho, quantas pessoas, de fora do seu domicílio, estariam dispostas a lhe fornecer este dinheiro, se você pedisse a elas?

1. Ninguém
2. Uma ou duas pessoas
3. Três ou quatro pessoas
4. Cinco ou mais pessoas

19 - [SE A RESPOSTA NÃO FOR NINGUÉM] Dessas pessoas, quantas você diria que atualmente têm condições de lhe fornecer esse dinheiro?

20 - [SE A RESPOSTA NÃO FOR NINGUÉM] Essa(s) pessoa(s) tem uma posição social igual/mais alta/mais baixa do que você?

1. Igual
2. Mais alta
3. Mais baixa

21 - Se de repente você precisasse viajar por um ou dois dias, você poderia contar com seus vizinhos para tomarem conta das suas crianças?

1. Definitivamente sim
2. Provavelmente
3. Provavelmente não
4. Definitivamente não

22 - Se de repente você se deparasse com uma situação de emergência mais grave, tal como a morte de um dos membros do seu domicílio que contribuem para o sustento da casa, ou [RURAL: perda da colheita; URBANO: perda do emprego] quantas pessoas, de fora do seu domicílio, estariam dispostas a lhe ajudar?

1. Ninguém
2. Uma ou duas pessoas
3. Três ou quatro pessoas
4. Cinco ou mais pessoas

23 - [SE A RESPOSTA NÃO FOR NINGUÉM] Dessas pessoas, quantas você diria que atualmente têm condições de lhe ajudar?

1. Ninguém
2. Uma ou duas pessoas
3. Três ou quatro pessoas
4. Cinco ou mais pessoas

24 - Nos últimos 12 meses, quantas pessoas com um problema pessoal lhe pediram ajuda?

25 - [SE A RESPOSTA NÃO FOR NINGUÉM] Essa(s) pessoa(s) tem uma posição social igual/mais alta/mais baixa do que você?

1. Igual
2. Mais alta
3. Mais baixa

26 - Agora eu quero perguntar a você o quanto você confia em diferentes tipos de pessoas. Numa escala de 1 a 5, onde 1 quer dizer “confio muito pouco” e 5 quer dizer “confio totalmente”, quanto você confia nas pessoas em cada categoria?

	1. Confio muito pouco 2. Confio pouco 3. Nem pouco, nem muito. 4. Confio muito 5. Confio totalmente
A. Pessoas de nível intelectual ou grau de escolaridade igual	
B. Mesma Religião	
C. Comerciantes	
D. Membros do governo local, Prefeitura, Câmara de Vereadores	
E. Membros do governo do Estado, Federal.	
F. Polícia	
G. Professores	
H. Médicos e enfermeiras	
I. Estranhos	
J. Membros do grupo que pertence	
L. ONGs locais	
M. Colegas de trabalho / Profissão	

27 - Você acha que nos últimos cinco anos*, o grau de confiança neste(a) bairro/localidade melhorou, piorou ou permaneceu mais ou menos o mesmo?

[* ENTREVISTADOR: O PERÍODO DE TEMPO PODE SER ESCLARECIDO SITUANDO-O EM RELAÇÃO À ANTES/DEPOIS DE ALGUM EVENTO IMPORTANTE]

1. Melhorou
2. Piorou
3. Permaneceu mais ou menos o mesmo

28 - Hoje em dia, com que frequência você diria que as pessoas neste (a) bairro/localidade ajudam umas às outras? Utilize uma escala de 5 pontos, onde 1 quer dizer “sempre ajudam” e 5 “nunca ajudam”.

1. Sempre ajudam
2. Quase sempre ajudam
3. Algumas vezes ajudam
4. Raramente ajudam
5. Nunca ajudam

29 - Se um projeto da comunidade não lhe beneficia diretamente, mas tem benefícios para muitas outras pessoas do (a) bairro/localidade, você contribuiria com seu tempo ou dinheiro para o projeto?

A. Tempo

B. Dinheiro

1. Não contribuiria com tempo
2. Contribuiria com tempo

1. Não contribuiria com dinheiro.
2. Contribuiria com dinheiro.

30 - Qual é a probabilidade de uma pessoa que não participe em atividades comunitárias, seja criticada ou punida?

1. Muito provável
2. Relativamente provável
3. Nem provável nem improvável
4. Relativamente improvável
5. Muito improvável

31 - Quantas pessoas neste (a) bairro / localidade, contribuem com tempo ou dinheiro para objetivos de desenvolvimento comuns, tais como (RURAL: uma vaquinha ou um mutirão; URBANO: um mutirão ou a manutenção de um centro comunitário)?

1. Todas
2. Mais da metade
3. Cerca de metade
4. Menos da metade
5. Ninguém

32 - Se houvesse uma possibilidade nessa comunidade de começar uma iniciativa econômica em conjunto, qual a probabilidade das pessoas cooperarem para realizar este objetivo?

1. Muito provável
2. Relativamente provável
3. Nem provável nem improvável
4. Relativamente improvável
5. Muito improvável

33 - Com que frequência você ouve o rádio ou assiste televisão?

1. Todos os dias
2. Algumas vezes por semana
3. Uma vez por semana
4. Menos de uma vez por semana
5. Nunca

Rádio

TV

Jornal/Revista

34 - Quais são as três fontes de informação mais importantes a respeito do que o governo está fazendo (tais como geração de emprego, educação planejamento familiar etc.)?

1. Parentes, amigos e vizinhos.
2. Boletins da comunidade
3. Mercado local
4. Jornal local ou da comunidade
5. Jornal nacional
6. Rádio
7. Televisão
8. Grupos ou associações
9. Colegas de trabalho ou sócios
10. Associados políticos
11. Líderes comunitários
12. Um agente do governo
13. ONGs
14. Internet

--	--	--

35 - Quais são as três fontes de informação mais importantes sobre o mercado (tais como empregos, preços de produtos e safras)?

1. Parentes, amigos e vizinhos
2. Boletins da comunidade
3. Mercado local
4. Jornal local ou da comunidade
5. Jornal nacional
6. Rádio
7. Televisão
8. Grupos ou associações
9. Colegas de trabalho ou sócios
10. Associados políticos
11. Líderes da comunidade
12. Um agente do governo
13. ONGs
14. Internet

--	--	--

36 - Em geral, em comparação há cinco anos atrás*, o acesso à informação melhorou, piorou ou permaneceu mais ou menos o mesmo?[* ENTREVISTADOR: O PERÍODO DE TEMPO PODE SER ESCLARECIDO SITUANDO-O EM RELAÇÃO À ANTES/DEPOIS DE ALGUM EVENTO IMPORTANTE]

1. Melhorou
2. Piorou
3. Permaneceu mais ou menos o mesmo

37 - De que maneira você tem acesso a outras regiões ou cidades?

1. Carro
2. Ônibus
3. Outros (explique) _____

38 - Como você descreveria o grau de comunhão ou proximidade em seu (sua) bairro/ localidade? Utilize uma escala de 5 pontos, em que 1 quer dizer “muito distante” e 5 “muito próximo”.

1. Muito distante
2. Relativamente distante
3. Nem distante nem próximo
4. Relativamente próximo
5. Muito próximo

39 - Muitas vezes há diferenças nas características entre as pessoas que vivem num (a) mesmo (a) bairro/ localidade. Por exemplo, diferenças de riqueza, renda, posição social, origem étnica, raça. Também pode haver diferenças em relação às crenças religiosas e políticas, ou pode haver diferenças devido à idade ou o sexo. Até que ponto você diria que as pessoas são diferentes no (a) seu(sua) bairro / localidade? Utilize uma escala de 5 pontos, em que 1 quer dizer “extremamente diferentes” e 5 quer dizer “muito pouca diferença”.

1. Extremamente diferentes
2. Muito diferentes
3. Relativamente diferentes
4. Pouco diferentes
5. Muito pouco diferentes

40 - Quais são as duas diferenças que mais freqüentemente causam problemas?

1. Diferenças de educação
2. Diferenças de posse de terras
3. Diferenças de riqueza/posses materiais
4. Diferenças de posição social
5. Diferenças entre homens e mulheres
6. Diferenças entre gerações mais jovens e gerações mais velhas
7. Diferenças entre moradores antigos e novos moradores
8. Diferenças de filiação política
9. Diferenças de crenças religiosas
10. Outras diferenças
11. Não causam problemas

41 - Alguma vez esses problemas levaram à violência?

1. Sim
2. Não

42 - Há grupos de pessoas no (a) bairro/localidade que não conseguem ter acesso a alguns dos seguintes serviços?

	1 Sim 2 Não
A. Educação/ escolas	
B. Serviços de saúde/ clínicas	
C. Água	
D. Justiça	
E. Transporte	
F. Crédito Bancário	
G. Energia Elétrica	

43 - Há alguma atividade comunitária da qual você gostaria de participar, mas não participar?

1. Sim
2. Não, eu posso participar de todas as atividades (vá para a questão 45).

44 - Por que você não participa?

1. Pobreza
2. Ocupação Profissional
3. Falta de escolaridade
4. Por ser homem ou por ser mulher
5. Idade
6. Religião
7. Filiação política
10. Disponibilidade de horário
11. Outros (especifique) _____

45 - No último mês, quantas vezes você se encontrou com pessoas em um local público para conversar, ou para comer, ou beber?

46 - No último mês, quantas vezes as pessoas visitaram-no em sua casa?

47 - No último mês, quantas vezes você visitou outras pessoas em suas casas?

48 - As pessoas com quem você se encontrou, ou que você visitou eram, em sua maioria...

	1 Sim 2 Não
A. De nível intelectual, grau de escolaridade diferente?	
B. De situação econômica diferente?	
C. De posição social diferente?	
D. De um grupo religioso diferente?	

49 - Nos últimos três meses, quantas vezes você se reuniu com outras pessoas para jogar, praticar esportes, ou outras atividades recreativas?

50 - Quantas vezes, nos últimos 12 meses, você participou de uma cerimônia familiar ou de um festival no (a) bairro/localidade? (casamento, enterro, festival religioso, etc.)?

51 - Em sua opinião, esse (a) bairro/localidade é geralmente pacífico (a) ou marcado (a) pela violência?

1. Muito pacífico
2. Moderadamente pacífico
3. Nem pacífico nem violento
4. Moderadamente violento
5. Muito violento

52 - Em geral, como você sente em relação ao crime e à violência quando está sozinho em casa?

1. Muito seguro (a)
2. Moderadamente seguro (a)
3. Nem seguro (a) nem inseguro (a)
4. Moderadamente inseguro (a)
5. Muito inseguro (a)

53 - Como você se sente ao andar sozinho (a) na sua rua depois de escurecer?

1. Muito seguro (a)
2. Moderadamente seguro (a)
3. Nem seguro (a) nem inseguro (a)
4. Moderadamente inseguro (a)
5. Muito inseguro (a)

54 - Em geral, você se considera uma pessoa...

1. Muito feliz
2. Moderadamente feliz
3. Nem feliz, nem infeliz.
4. Moderadamente infeliz
5. Muito infeliz

55 - Qual o controle que você sente que tem para tomar as decisões que afetam as suas atividades diárias?

1. Nenhum controle
2. Controle sobre muito poucas decisões
3. Controle sobre algumas decisões
4. Controle sobre a maioria das decisões
5. Controle sobre todas as decisões

56 - Você sente que tem poder para tomar decisões importantes, que podem mudar o curso da sua vida? Faça uma avaliação de você mesmo em uma escala de 1 a 5, em que 1 quer dizer “totalmente incapaz de mudar minha vida”, e 5 quer dizer “totalmente capaz de mudar minha vida”.

1. Totalmente incapaz de mudar minha vida
2. Geralmente incapaz de mudar minha vida
3. Nem capaz, nem incapaz.
4. Geralmente capaz de mudar minha vida
5. Totalmente capaz de mudar minha vida

57 - No geral, qual o impacto que você acha que tem em fazer esse (a) bairro/ localidade um lugar melhor para se viver?

1. Um grande impacto
2. Um pequeno impacto
3. Nenhum impacto

58 - Nos últimos 12 meses, quantas vezes as pessoas neste (a) bairro/ localidade se reuniram para entregar conjuntamente um pedido a membros do governo, do poder judiciário, a conselhos ou a líderes políticos, pedindo algo em benefício da comunidade?

1. Nunca vá para a questão 60
2. Uma vez
3. Algumas vezes (< 5)
4. Muitas vezes (> 5)

59 - Alguma dessas petições teve sucesso?

1. Sim, todas tiveram sucesso.
2. A maioria teve sucesso
3. A maioria não teve sucesso
4. Nenhuma teve sucesso

60 - Nos últimos 12 meses, você fez alguma dessas coisas?

	1. Sim 2. Não
A. Participou de uma reunião de conselho, reunião aberta ou grupo de discussão?	
B. Encontrou um político, telefonou para ele/ela, ou enviou-lhe uma carta?	
C. Participou de um protesto ou demonstração?	
D. Participou de uma campanha eleitoral ou informativa?	
E. Alertou algum jornal, rádio ou TV para um problema local?	
F. Notificou a polícia ou a justiça a respeito de um problema local?	

61 - Você lembra em quem votou na última eleição?

1. Sim
2. Não

	A. Vereador		B. Deputado Estadual		C. Deputado Federal		D. Senador

62 - Dos eleitos, você acompanha a atuação?

1. Sim
2. Não

63 - Até que ponto o governo local e os líderes locais levam em consideração as preocupações manifestadas por você e por outras pessoas como você, quando tomam decisões que afetam a todos?

1. Muito
2. Um pouco
3. Não levam em consideração

64 - Em sua opinião, qual é o grau de honestidade dos membros e funcionários das seguintes agências? Por favor, classifique-os segundo uma escala de 1 a 5, em que 1 quer dizer “muito desonesto” e 5 “muito honesto”.

	1. Muito desonesto 2. Geralmente desonesto 3. Nem honesto nem desonesto 4. Geralmente honesto 5. Muito honesto 9. Não se aplica (agência não existe no(a) bairro/ localidade)
A. Membros do governo municipal	
B. Líderes tradicionais da localidade	
C. Médicos e enfermeiras da clínica de saúde	
D. Professores e funcionários da escola	
E. Polícia	
F. Juizes, magistratura	
G. Funcionários de ONGs	
H. Membros do legislativo	
I. Líderes religiosos	

65 - Em geral, em comparação há cinco anos atrás*, a honestidade do governo local melhorou, piorou ou permaneceu mais ou menos a mesma?

[* ENTREVISTADOR: O PERÍODO DE TEMPO PODE SER ESCLARECIDO SITUANDO-O EM RELAÇÃO À ANTES/ DEPOIS DE ALGUM EVENTO IMPORTANTE]

1. Melhorou
2. Piorou
3. Permaneceu mais ou menos a mesma

66 - O (a) Sr(a) considera que a sua região é rica ou pobre ? (A PENAS UMA RESPOSTA)

1. Rica
3. Mais pobre do que rica
2. Mais rica do que pobre
4. Pobre
9. NS/NR (NÃO LEIA ESTA OPÇÃO)

67 - Quais são os pontos mais fortes da economia de sua região? (ATÉ DUAS RESPOSTAS NUMERADAS EM ORDEM DE PRIORIDADE)

1. O comércio e os serviços
2. A pecuária e as pastagens
3. A agricultura e os solos
4. A indústria
5. A capacidade empreendedora dos habitantes
6. A localização geográfica
7. A gente trabalhadora
8. As atrações turísticas
9. Sem opinião (NÃO LEIA ESTA OPÇÃO)

--	--

68 - Quais são os pontos mais fracos (problemáticos) da sua região? (ATÉ DUAS RESPOSTAS NUMERADAS EM ORDEM DE PRIORIDADE)

1. Habitação
2. Emprego
3. Segurança pública
4. Estradas e meios de comunicação (5) Escolas e qualidade do ensino
6. Atendimento à saúde
7. Atividades culturais
8. Outro. Qual? _____
9. Nenhum destes pontos
99. Sem opinião (NÃO LEIA ESTA OPÇÃO)

--	--

69 - Quais as entidades e pessoas são mais importantes para promover o desenvolvimento da sua região? (ATÉ DUAS RESPOSTAS ENUMERADAS EM ORDEM DE PRIORIDADE).

1. As empresas locais
2. As empresas que venham de fora da região
3. Os Governos Municipais
4. O Governo do Estado
5. O Governo Federal
6. As Universidades
7. As associações e entidades da região
8. Os cidadãos da região
9. NS/NR (NÃO LEIA ESTA OPÇÃO)

--	--

70 - Que tipo de atividade deveria ser estimulada para fortalecer a economia da sua região? (APENAS UMA RESPOSTA)

1. A pecuária
2. A agricultura
3. A indústria
4. O comércio e os serviços
5. Outro. Qual?
9. NS/NR (NÃO LEIA ESTA OPÇÃO)

--

71 - Quais seriam as duas ações mais importantes para reduzir o desemprego na sua região? (APRESENTE O CARTÃO Nº2 E ENUMERE AS RESPOSTAS EM ORDEM DE PRIORIDADE)

1. Melhorar a qualidade da educação dos jovens
2. Atrair novas empresas para a região entre as empresas e as universidades
3. Realizar treinamento profissional para adultos
4. Diversificar as atividades agrícolas e industriais
5. Estimular as empresas que já existem
6. Reduzir os impostos pagos pelas empresas
7. Fortalecer a pesquisa e a cooperação
8. Melhorar os transportes e a infra-estrutura
9. Sem opinião (NÃO LEIA ESTA OPÇÃO)

--	--

ANEXO B - RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS

QUESTÃO 1: Quais dessas associações os membros do domicílio participam?

Municípios	Santiago	São Vicente do Sul	N. Espe. do Sul	Jaguari	São Franc. De Assis	Unistalda	Mata	Cacequi	Total
Igreja a ou grupo religioso	59,02%	53,5%	90,48%	63,46%	55,04%	94,12%	85,71%	63,16%	61,00%
Sindicato	26,91%	30,2%	42,86%	42,31%	33,33%	29,41%	42,86%	18,42%	30,11%
Sociedade recreativa ou clube social	23,85%	48,8%	66,67%	40,38%	41,86%	35,29%	78,57%	28,95%	33,70%
Organizações artísticas, musicais ou educacionais.	22,94%	27,9%	19,05%	23,08%	14,73%	23,53%	28,57%	15,79%	21,22%
Cooperativa	16,51%	16,3%	33,33%	28,85%	17,83%	23,53%	28,57%	2,63%	17,94%
Clube esportivo	15,90%	27,9%	47,62%	30,77%	31,78%	17,65%	50,00%	36,84%	24,18%
Organização de caridade	12,84%	25,6%	23,81%	15,38%	18,60%	17,65%	21,43%	21,05%	16,22%
Associação de agricultores ou pecuaristas	12,84%	14,0%	19,05%	21,15%	16,28%	23,53%	35,71%	10,53%	15,13%
Associação de bairro	11,62%	11,6%	33,33%	13,46%	19,38%	5,88%	0,00%	10,53%	13,57%
Partido político	9,79%	14,0%	47,62%	15,38%	27,13%	29,41%	21,43%	18,42%	16,54%
Entidade profissional	9,79%	11,6%	19,05%	19,23%	13,18%	11,76%	21,43%	21,05%	12,64%
Associação de pais e mestres	8,87%	11,6%	19,05%	15,38%	17,05%	5,88%	7,14%	18,42%	12,01%
Associação Comercial	7,34%	16,3%	14,29%	15,38%	16,28%	0,00%	14,29%	13,16%	10,92%
Outra entidade empresarial	3,98%	4,7%	9,52%	5,77%	5,43%	5,88%	21,43%	0,00%	4,84%
Clube de mães	3,67%	2,3%	4,76%	0,00%	0,78%	0,00%	14,29%	0,00%	2,65%
Outro tipo de associação	3,67%	2,3%	4,76%	0,00%	0,78%	0,00%	0,00%	2,63%	2,50%
Entidade de proteção do meio ambiente	3,06%	7,0%	0,00%	11,54%	1,55%	0,00%	0,00%	2,63%	3,43%
Clube de serviços (tipo Rotary, Lions etc.)	1,83%	14,0%	0,00%	3,85%	3,88%	0,00%	0,00%	10,53%	3,59%
Maçonaria	0,61%	0,0%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	2,63%	0,47%
Média	13,42%	17,87%	26,07%	19,23%	17,63%	17,03%	24,81%	15,65%	15,93%
Desvio padrão	13,44%	14,73%	24,35%	16,43%	14,97%	22,17%	25,13%	15,31%	14,01%

QUESTÃO 5: O grupo ajuda o seu domicílio a ter acesso a algum dos seguintes serviços?

	Santiago	São Vicente do Sul	N. Espe. do Sul	Jaguari	São Franc. De Assis	Unistalda	Mata	Cacequi	Total
A. Educação ou qualificação	41,28%	39,53%	42,86%	44,23%	46,51%	52,94%	57,14%	36,84%	42,90%
B. Serviços de saúde	27,22%	16,28%	33,33%	38,46%	31,01%	23,53%	42,86%	18,42%	28,08%
C. Abastecimento de água, saneamento, energia, telefone	8,56%	2,33%	4,76%	3,85%	12,40%	11,76%	21,43%	7,89%	8,74%
D. Crédito ou poupança	12,54%	0,00%	14,29%	11,54%	7,75%	0,00%	14,29%	13,16%	10,45%
E. Insumos agrícolas ou tecnologia / Irrigação	7,95%	9,30%	4,76%	7,69%	6,98%	11,76%	28,57%	5,26%	8,11%
F. Calçamento/ Acesso ao domicílio	5,50%	2,33%	4,76%	5,77%	5,43%	0,00%	0,00%	7,89%	5,15%
G. Moradia	8,87%	0,00%	9,52%	13,46%	6,20%	5,88%	7,14%	10,53%	8,11%
H. Complementação de Renda	8,87%	2,33%	9,52%	13,46%	9,30%	11,76%	14,29%	13,16%	9,36%
I. Segurança	10,70%	0,00%	33,33%	7,69%	12,40%	11,76%	7,14%	23,68%	11,54%
J. Cultura/ Lazer	48,32%	44,19%	71,43%	40,38%	48,06%	35,29%	57,14%	44,74%	47,74%
L. Outros	5,20%	9,30%	4,76%	3,85%	9,30%	17,65%	21,43%	7,89%	7,02%
Média	16,82%	11,42%	21,21%	17,31%	17,76%	16,58%	24,68%	17,22%	15,28%

QUESTÃO 6: Pensando nos membros deste grupo, a maioria deles é do(a) mesmo(a)

	Santiago	São Vicente do Sul	N. Espe. do Sul	Jaguari	São Franc. De Assis	Unistalda	Mata	Cacequi	Total
A. Bairro/ localidade	22,32%	25,58%	19,05%	26,92%	27,91%	35,29%	42,86%	31,58%	25,27%
B. Família ou grupo de parentesco	11,01%	6,98%	23,81%	5,77%	10,08%	5,88%	21,43%	13,16%	10,76%
C. Religião	32,42%	30,23%	61,90%	51,92%	42,64%	64,71%	71,43%	44,74%	39,31%
D. Sexo/ Gênero	5,50%	4,65%	14,29%	1,92%	3,88%	0,00%	0,00%	15,79%	5,46%
E. Idade	6,73%	4,65%	14,29%	5,77%	3,10%	0,00%	7,14%	10,53%	6,08%
F. Escolaridade	6,42%	6,98%	14,29%	0,00%	2,33%	5,88%	14,29%	10,53%	5,77%
G. Ocupação	14,98%	16,28%	23,81%	13,46%	10,85%	23,53%	14,29%	15,79%	14,66%
H. Partido Político/ Ponto de vista Político	3,67%	9,30%	14,29%	0,00%	3,10%	0,00%	0,00%	7,89%	4,06%
Média	12,88%	13,08%	23,21%	13,22%	12,98%	16,91%	21,43%	18,75%	13,92%

QUESTÃO 24: Você ouve o rádio, assiste televisão ou lê revista/jornal diariamente?

	Santiago	São Vicente do Sul	N. Espe. do Sul	Jaguari	São Franc. De Assis	Unistalda	Mata	Cacequi	Total
Rádio	76,76%	72,09%	85,71%	86,54%	80,62%	82,35%	78,57%	73,68%	78,32%
TV	84,40%	79,07%	95,24%	86,54%	81,40%	88,24%	78,57%	76,32%	83,46%
Jornal/Revista	49,24%	53,49%	28,57%	53,85%	59,69%	58,82%	35,71%	47,37%	51,17%
Média	70,13%	68,22%	69,84%	75,64%	73,90%	76,47%	64,29%	65,79%	70,98%

QUESTÃO 25: Qual a fonte de informação mais importantes a respeito do que o governo está fazendo (tais como geração de emprego, educação planejamento familiar etc.)?

	Santiago	São Vicente do Sul	N. Espe. do Sul	Jaguari	São Franc. De Assis	Unistalda	Mata	Cacequi	Total
1. Parentes, amigos e vizinhos.	5,81%	0,00%	4,76%	7,69%	5,43%	0,00%	7,14%	5,26%	5,30%
2. Boletins da comunidade	1,53%	4,65%	0,00%	0,00%	1,55%	0,00%	0,00%	0,00%	1,40%
3. Mercado local	0,31%	0,00%	0,00%	0,00%	0,78%	0,00%	0,00%	2,63%	0,47%
4. Jornal local ou da comunidade	38,84%	0,00%	4,76%	34,62%	15,50%	17,65%	14,29%	13,16%	27,46%
5. Jornal nacional	0,31%	34,88%	28,57%	19,23%	18,60%	29,41%	14,29%	42,11%	12,32%
6. Rádio	16,82%	18,60%	33,33%	23,08%	27,13%	17,65%	14,29%	13,16%	19,81%
7. Televisão	0,31%	6,98%	28,57%	9,62%	22,48%	35,29%	42,86%	21,05%	9,98%
8. Grupos ou associações	0,00%	16,28%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,09%
9. Colegas de trabalho ou sócios	0,61%	2,33%	0,00%	0,00%	1,55%	0,00%	0,00%	0,00%	0,78%
10. Associados políticos	20,49%	4,65%	0,00%	0,00%	0,78%	0,00%	0,00%	0,00%	10,92%
11. Líderes comunitários	12,84%	0,00%	0,00%	0,00%	0,78%	0,00%	7,14%	0,00%	6,86%
12. Um agente do governo	0,00%	2,33%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,16%
13. ONGs	0,00%	0,00%	0,00%	1,92%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,16%
14. Internet	1,83%	0,00%	0,00%	3,85%	4,65%	0,00%	0,00%	2,63%	2,34%
NR	0,31%	9,30%	0,00%	0,00%	0,78%	0,00%	0,00%	0,00%	0,94%
TOTAL	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
CITAÇÕES	11,00	8,00	5,00	7,00	11,00	4,00	6,00	7,00	15,00

QUESTÃO 26: Qual a fonte de informação de informação mais importantes sobre o mercado (tais como empregos, preços de produtos e safras)?

	Santiago	São Vicente do Sul	N. Espe. do Sul	Jaguari	São Franc. De Assis	Unistalda	Mata	Cacequi	Total
1. Parentes, amigos e vizinhos.	8,56%	16,28%	9,52%	7,69%	9,30%	23,53%	14,29%	10,53%	7,96%
2. Boletins da comunidade	0,31%	0,00%	0,00%	0,00%	1,55%	0,00%	0,00%	0,00%	0,47%
3. Mercado local	26,91%	9,30%	0,00%	15,38%	9,30%	5,88%	7,14%	0,00%	15,91%
4. Jornal local ou da comunidade	20,18%	23,26%	14,29%	25,00%	16,28%	11,76%	14,29%	15,79%	19,03%
5. Jornal nacional	13,46%	2,33%	14,29%	11,54%	12,40%	5,88%	7,14%	13,16%	15,76%
6. Rádio	15,29%	11,63%	38,10%	26,92%	20,93%	35,29%	35,71%	28,95%	19,03%
7. Televisão	9,48%	27,91%	23,81%	3,85%	24,81%	17,65%	21,43%	21,05%	15,44%
8. Grupos ou associações	0,92%	0,00%	0,00%	0,00%	0,78%	0,00%	0,00%	0,00%	0,47%
9. Colegas de trabalho ou sócios	0,61%	2,33%	0,00%	1,92%	0,00%	0,00%	0,00%	2,63%	0,94%
10. Associados políticos	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,78%	0,00%	0,00%	0,00%	0,16%
11. Líderes comunitários	0,31%	0,00%	0,00%	1,92%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,62%
12. Um agente do governo	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	2,63%	0,00%
13. ONGs	0,31%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,16%
14. Internet	3,06%	6,98%	0,00%	5,77%	3,88%	0,00%	0,00%	5,26%	3,59%
NR	0,61%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,47%
TOTAL	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
CITAÇÕES	12,00	8,00	5,00	9,00	10,00	6,00	6,00	8,00	14,00

QUESTÃO 27: Em geral, em comparação há cinco anos atrás, o acesso à informação melhorou, piorou ou permaneceu mais ou menos o mesmo?

	Santiago	São Vicente do Sul	N. Espe. do Sul	Jaguari	São Franc. De Assis	Unistalda	Mata	Cacequi	Total
1. Melhorou	89,91%	93,02%	80,95%	84,62%	89,92%	88,24%	85,71%	81,58%	88,77%
2. Piorou	0,31%	0,00%	0,00%	0,00%	1,55%	5,88%	0,00%	0,00%	0,62%
3. Permaneceu mais ou menos o mesmo	9,79%	6,98%	19,05%	15,38%	8,53%	5,88%	14,29%	18,42%	10,61%
TOTAL	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

QUESTÃO 28: De que maneira você tem acesso a outras regiões ou cidades?

	Santiago	São Vicente do Sul	N. Espe. do Sul	Jaguari	São Franc. De Assis	Unistalda	Mata	Cacequi	Total
1. Carro	49,24%	39,53%	42,86%	46,15%	42,64%	17,65%	64,29%	50,00%	46,33%
2. Ônibus	46,79%	58,14%	57,14%	48,08%	54,26%	82,35%	35,71%	47,37%	50,23%
3. Outros	1,83%	2,33%	0,00%	3,85%	1,55%	0,00%	0,00%	2,63%	1,87%
NR	2,14%	0,00%	0,00%	1,92%	1,55%	0,00%	0,00%	0,00%	1,56%
TOTAL	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
MÉDIA	48,01%	48,84%	50,00%	47,12%	48,45%	50,00%	50,00%	48,68%	48,28%

QUESTÃO 29: Como você descreveria o grau de comunhão ou proximidade em seu (sua) bairro/ localidade?

	Santiago	São Vicente do Sul	N. Espe. do Sul	Jaguari	São Franc. De Assis	Unistalda	Mata	Cacequi	Total
1. Muito distante	4,89%	4,65%	0,00%	7,69%	3,88%	0,00%	7,14%	2,63%	4,52%
2. Relativamente distante	16,21%	13,95%	9,52%	9,62%	17,05%	5,88%	7,14%	18,42%	15,13%
3. Nem distante nem próximo	20,18%	23,26%	28,57%	17,31%	33,33%	35,29%	7,14%	36,84%	24,18%
4. Relativamente próximo	45,57%	39,53%	47,62%	34,62%	33,33%	41,18%	50,00%	36,84%	41,34%
5. Muito próximo	13,15%	18,60%	14,29%	30,77%	12,40%	17,65%	28,57%	5,26%	14,82%
TOTAL	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
SOMA (4+5)	58,72%	58,14%	61,90%	65,38%	45,74%	58,82%	78,57%	42,11%	56,16%

QUESTÃO 30: Até que ponto você diria que as pessoas são diferentes no (a) seu(sua) bairro / localidade?

	Santiago	São Vicente do Sul	N. Espe. do Sul	Jaguari	São Franc. De Assis	Unistalda	Mata	Cacequi	Total
1. Extremamente diferentes	4,28%	2,33%	9,52%	7,69%	6,20%	5,88%	7,14%	7,89%	5,30%
2. Muito diferentes	12,54%	13,95%	19,05%	13,46%	16,28%	17,65%	21,43%	15,79%	14,20%
3. Relativamente diferentes	27,83%	13,95%	28,57%	13,46%	20,16%	23,53%	21,43%	15,79%	23,24%
4. Pouco diferentes	42,81%	51,16%	38,10%	55,77%	49,61%	35,29%	42,86%	39,47%	45,24%
5. Muito pouco diferentes	12,54%	18,60%	4,76%	9,62%	7,75%	17,65%	7,14%	21,05%	12,01%
TOTAL	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
SOMA (4+5)	55,35%	69,77%	42,86%	65,38%	57,36%	52,94%	50,00%	60,53%	57,25%

QUESTÃO 31: Há grupos de pessoas no (a) bairro/localidade que conseguem ter acesso a alguns dos seguintes serviços?

	Santiago	São Vicente do Sul	N. Espe. do Sul	Jaguari	São Franc. De Assis	Unistalda	Mata	Cacequi	Total
A. Educação/ escolas	89,30%	90,70%	95,24%	86,54%	83,72%	94,12%	92,86%	84,21%	88,14%
B. Serviços de saúde/ clínicas	88,69%	88,37%	95,24%	88,46%	82,95%	94,12%	85,71%	68,42%	86,74%
C. Água	88,38%	88,37%	95,24%	90,38%	87,60%	94,12%	92,86%	97,37%	89,39%
D. Justiça	90,83%	90,70%	85,71%	86,54%	86,82%	94,12%	85,71%	86,84%	89,24%
E. Transporte	89,60%	86,05%	90,48%	82,69%	84,50%	94,12%	85,71%	89,47%	87,83%
F. Crédito Bancário	81,65%	79,07%	85,71%	76,92%	80,62%	88,24%	85,71%	52,63%	79,56%
G. Energia Elétrica	88,38%	93,02%	95,24%	88,46%	86,05%	88,24%	100,00%	86,84%	88,61%
MÉDIA	88,12%	88,04%	91,84%	85,71%	84,61%	92,44%	89,80%	80,83%	87,07%

QUESTÃO 47: Você lembra em quem votou na última eleição?

	Santiago	São Vicente do Sul	N. Espe. do Sul	Jaguari	São Franc. De Assis	Unistalda	Mata	Cacequi	Total
A. Vereador	79,51%	74,42%	90,48%	80,77%	82,17%	76,47%	64,29%	78,95%	79,72%
B. Deputado Estadual	81,96%	79,07%	76,19%	82,69%	76,74%	70,59%	78,57%	81,58%	80,19%
C. Deputado Federal	80,12%	79,07%	71,43%	78,85%	75,19%	76,47%	64,29%	78,95%	78,16%
D. Senador	79,82%	81,40%	61,90%	78,85%	72,09%	70,59%	57,14%	76,32%	76,76%
MÉDIA	80,35%	78,49%	75,00%	80,29%	76,55%	73,53%	66,07%	78,95%	78,71%

QUESTÃO 48: Dos eleitos, você acompanha a atuação?

	Santiago	São Vicente do Sul	N. Espe. do Sul	Jaguari	São Franc. De Assis	Unistalda	Mata	Cacequi	Total
1. Sim	63,00%	60,47%	66,67%	67,31%	55,04%	64,71%	42,86%	60,53%	61,15%
2. Não	37,00%	39,53%	33,33%	32,69%	44,96%	35,29%	57,14%	39,47%	38,85%
TOTAL	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

QUESTÃO 49: Até que ponto o governo local e os líderes locais levam em consideração as preocupações manifestadas por você e por outras pessoas como você, quando tomam decisões que afetam a todos?

	Santiago	São Vicente do Sul	N. Espe. do Sul	Jaguari	São Franc. De Assis	Unistalda	Mata	Cacequi	Total
1. Muito	24,46%	18,60%	47,62%	23,08%	19,38%	29,41%	14,29%	2,63%	22,31%
2. Um pouco	58,10%	62,79%	52,38%	65,38%	58,14%	64,71%	71,43%	50,00%	58,81%
3. Não levam em consideração	17,43%	18,60%	0,00%	11,54%	22,48%	5,88%	14,29%	47,37%	18,88%
TOTAL	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

QUESTÃO 50: Em sua opinião, qual é o grau de honestidade dos membros e funcionários das seguintes agências?

	Santiago	São Vicente do Sul	N. Espe. do Sul	Jaguari	São Franc. De Assis	Unistalda	Mata	Cacequi	Total
A. Membros do governo municipal	51,38%	39,53%	57,14%	63,46%	43,41%	64,71%	64,29%	18,42%	48,83%
B. Líderes tradicionais da localidade	48,93%	65,12%	47,62%	71,15%	55,04%	52,94%	71,43%	52,63%	53,82%
C. Médicos e enfermeiras da clínica de saúde	77,98%	72,09%	71,43%	84,62%	79,07%	94,12%	85,71%	68,42%	78,16%
D. Professores e funcionários da escola	84,71%	86,05%	76,19%	84,62%	84,50%	94,12%	92,86%	84,21%	84,87%
E. Polícia	54,13%	60,47%	42,86%	61,54%	59,69%	76,47%	71,43%	63,16%	57,41%
F. Juízes, magistratura	61,47%	62,79%	33,33%	76,92%	72,09%	58,82%	57,14%	65,79%	64,12%
G. Funcionários de ONGs	25,69%	39,53%	0,00%	23,08%	48,84%	23,53%	28,57%	55,26%	31,98%
H. Membros do legislativo	39,76%	46,51%	38,10%	57,69%	42,64%	29,41%	28,57%	21,05%	40,56%
I. Líderes religiosos	56,27%	67,44%	61,90%	82,69%	58,91%	76,47%	64,29%	60,53%	60,84%
Média	55,59%	59,95%	47,62%	67,31%	60,47%	63,40%	62,70%	54,39%	57,84%

ANEXO 3 - VARIÁVEIS DAS QUESTÕES PARA CADA DIMENSÃO

1 - GRUPOS E REDES										
QUESTÕES	SANTIAGO	SVS	NESP	JAGUARI	SFCO	UNISTALDA	MATA	CACEQUI	Maximo	mínimo
1	13,42%	17,87%	26,07%	19,23%	17,63%	17,03%	24,81%	15,65%	26,07%	13,42%
2	44,95%	62,79%	57,14%	50,00%	44,19%	64,71%	57,14%	42,11%	64,71%	42,11%
3	36,09%	32,56%	57,14%	25,00%	25,00%	29,41%	21,43%	34,21%	57,14%	21,43%
4	10,81%	14,73%	12,70%	13,14%	14,34%	15,69%	16,67%	14,04%	16,67%	10,81%
5	16,82%	11,42%	21,21%	17,31%	17,76%	16,58%	24,68%	17,22%	24,68%	11,42%
6	12,88%	13,08%	23,21%	13,22%	12,98%	16,91%	21,43%	18,75%	23,21%	12,88%
7	42,81%	20,93%	52,38%	44,23%	26,32%	52,94%	21,43%	26,32%	52,94%	20,93%
8	48,93%	54,76%	57,14%	53,85%	61,24%	70,59%	78,57%	40,54%	78,57%	40,54%
9	50,46%	62,79%	52,38%	55,77%	62,02%	52,94%	71,43%	60,53%	71,43%	50,46%
10	39,45%	13,95%	61,90%	57,69%	44,19%	47,06%	85,71%	34,21%	85,71%	13,95%
11	48,47%	60,47%	61,90%	39,42%	61,24%	52,94%	64,29%	61,84%	64,29%	39,42%
12	35,78%	41,86%	52,38%	55,77%	48,06%	70,59%	57,14%	39,47%	70,59%	35,78%
13	59,02%	51,16%	57,14%	69,23%	64,34%	82,35%	64,29%	55,26%	82,35%	51,16%
14	40,37%	62,79%	71,43%	78,85%	63,57%	76,47%	92,86%	57,89%	92,86%	40,37%
15	59,63%	44,19%	71,43%	48,08%	54,26%	70,59%	64,29%	68,42%	71,43%	44,19%
16	27,52%	23,26%	23,81%	13,46%	31,01%	17,65%	28,57%	36,84%	36,84%	13,46%

2- CONFIANÇA E SOLIDARIEDADE										
QUESTÕES	SANTIAGO	SVS	NESP	JAGUARI	SFCO	UNISTALDA	MATA	CACEQUI	Maximo	mínimo
17	35,24%	51,55%	38,89%	44,39%	37,27%	45,10%	41,67%	24,78%	51,55%	24,78%
18	44,95%	48,84%	33,33%	46,15%	36,43%	41,18%	35,71%	15,79%	48,84%	15,79%
19	64,83%	58,14%	76,19%	67,31%	62,02%	64,71%	85,71%	57,89%	85,71%	57,89%
20	80,28%	86,05%	78,57%	93,27%	87,98%	88,24%	78,57%	84,21%	93,27%	78,57%

3 - AÇÃO COLETIVA E COOPERAÇÃO										
QUESTÕES	SANTIAGO	SVS	NESP	JAGUARI	SFCO	UNISTALDA	MATA	CACEQUI	Maximo	mínimo
21	28,13%	18,60%	14,29%	46,15%	27,13%	29,41%	35,71%	34,21%	46,15%	14,29%
22	46,79%	37,21%	33,33%	57,69%	34,11%	41,18%	64,29%	31,58%	64,29%	31,58%
23	17,13%	18,60%	23,81%	26,92%	23,26%	17,65%	42,86%	36,84%	42,86%	17,13%

4- INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO										
QUESTÕES	SANTIAGO	SVS	NESP	JAGUARI	SFCO	UNISTALDA	MATA	CACEQUI	Maximo	mínimo
24	70,13%	68,22%	69,84%	75,64%	73,90%	76,47%	64,29%	65,79%	76,47%	64,29%
25	11,00	8,00	5,00	7,00	11,00	4,00	6,00	7,00	11,00	4,00
26	12,00	8,00	5,00	9,00	10,00	6,00	6,00	8,00	12,00	5,00
27	89,91%	93,02%	80,95%	84,62%	89,92%	88,24%	85,71%	81,58%	93,02%	80,95%
28	48,01%	48,84%	50,00%	47,12%	48,45%	50,00%	50,00%	48,68%	50,00%	47,12%

COESÃO E INCLUSÃO SOCIAL										
QUESTÕES	SANTIAGO	SVS	NESP	JAGUARI	SFCO	UNISTALDA	MATA	CACEQUI	Maximo	mínimo
29	58,72%	58,14%	61,90%	65,38%	45,74%	58,82%	78,57%	42,11%	78,57%	42,11%
30	55,35%	69,77%	42,86%	65,38%	57,36%	52,94%	50,00%	60,53%	69,77%	42,86%
31	88,12%	88,04%	91,84%	85,71%	84,61%	92,44%	89,80%	80,83%	92,44%	80,83%
32	71,87%	65,12%	85,71%	78,85%	74,42%	76,47%	85,71%	57,89%	85,71%	57,89%
33	25,69%	39,53%	33,33%	40,38%	27,13%	47,06%	42,86%	13,16%	47,06%	13,16%
34	66,06%	62,79%	71,43%	57,69%	61,24%	70,59%	42,86%	60,53%	71,43%	42,86%
35	44,95%	23,26%	28,57%	23,08%	27,13%	29,41%	21,43%	26,32%	44,95%	21,43%
36	16,21%	23,26%	28,57%	23,08%	27,13%	29,41%	21,43%	26,32%	29,41%	16,21%
37	27,22%	48,84%	42,86%	55,77%	52,71%	35,29%	28,57%	52,63%	55,77%	27,22%
38	49,85%	58,14%	71,43%	75,00%	44,96%	58,82%	85,71%	52,63%	85,71%	44,96%
39	17,74%	37,21%	52,38%	44,23%	40,31%	41,18%	35,71%	28,95%	52,38%	17,74%
40	16,82%	27,91%	52,38%	38,46%	34,88%	35,29%	28,57%	18,42%	52,38%	16,82%

AUTORIDADE E AÇÃO POLITICA										
QUESTÕES	SANTIAGO	SVS	NESP	JAGUARI	SFCO	UNISTALDA	MATA	CACEQUI	Maximo	mínimo
41	67,28%	62,79%	61,90%	73,08%	65,89%	76,47%	57,14%	44,74%	76,47%	44,74%
42	74,92%	72,09%	80,95%	71,15%	74,42%	70,59%	64,29%	81,58%	81,58%	64,29%
43	83,79%	86,05%	71,43%	76,92%	75,97%	82,35%	64,29%	84,21%	86,05%	64,29%
44	41,90%	37,21%	33,33%	51,92%	49,61%	47,06%	50,00%	31,58%	51,92%	31,58%
45	43,12%	48,84%	28,57%	53,85%	41,09%	29,41%	42,86%	31,58%	53,85%	28,57%
46	37,00%	16,28%	9,52%	32,69%	24,81%	5,88%	42,86%	18,42%	42,86%	5,88%
47	80,35%	78,49%	75,00%	80,29%	76,55%	73,53%	66,07%	78,95%	80,35%	66,07%
48	63,00%	60,47%	66,67%	67,31%	55,04%	64,71%	42,86%	60,53%	67,31%	42,86%
49	24,46%	18,60%	47,62%	23,08%	19,38%	29,41%	14,29%	2,63%	47,62%	2,63%
50	55,59%	59,95%	47,62%	67,31%	60,47%	63,40%	62,70%	54,39%	67,31%	47,62%
51	43,73%	37,21%	42,86%	48,08%	33,33%	47,06%	28,57%	5,26%	48,08%	5,26%